



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

ANDRÉ FILIPE SOUSA ARAÚJO

África, o amor espiritual de Daniel Comboni

Dissertação Final
sob orientação de:
Prof. Doutor António Matos Ferreira

Lisboa
2018

Agradecimentos

*«Começa por fazer o que é necessário,
depois o que é possível e de repente
estarás a fazer o impossível»
S. Francisco de Assis*

Não tenho palavras suficientes para agradecer a Deus e a todos aqueles que me ajudaram na construção deste projeto.

Agradeço em primeiro lugar aos meus pais e aos meus irmãos por todo o apoio que me deram na execução deste trabalho e durante estes anos. Quero agradecer também ao meu orientador Prof. Doutor António Matos Ferreira por todo o apoio que me deu.

Agradeço também à comunidade comboniana de Camarate por todo o apoio e ajuda. Agradeço também a todos os padres combonianos que ajudaram na orientação, em especial ao Provincial Padre José Vieira. Agradeço também ao Dr. Hugo Lucas por todo o apoio prestado durante estes dois anos e também na execução do trabalho. Agradeço também ao Albuquerque Figueira pela ajuda na tradução e na revisão do texto. Agradeço também ao meu “irmão” José Diogo pela coragem e pelo seu apoio que me deu ao longo destes anos e deste trabalho. Agradeço o apoio dado também por outras pessoas e amigas, em especial à Celeste Conde (mãe) e também à D. Maria por toda a força e todo o apoio. Agradeço também à minha família, que sempre me apoiou durante estes anos.

Por fim, agradeço a tantas outras pessoas que de forma direta e indireta estiveram comigo estes anos e que me apoiaram sempre.

Resumo: «África, o amor espiritual de Daniel Comboni»

Este trabalho visa destacar as mudanças sociais, políticas e económicas do século XIX com incidência nas mudanças religiosas ocorridas. Por um lado, é necessário perceber a história religiosa com um olhar atento e profundo sobre essas dimensões marcantes em realidades humanas na Europa, em particular na Itália e em África para se apreender o alcance dessas mudanças religiosas operadas no domínio da compreensão e da atividade missionária. Por outro lado, nesta dissertação procura-se compreender a evolução da Teologia Espiritual ao longo de Oitocentos, como um campo que pauta a forma de viver a fé nessa época. Daí que, com particular atenção à dimensão da Teologia Espiritual conseguimos enquadrar o aparecimento do ideal de Daniel Comboni que, buscando referências espirituais e místicas da época, foi capaz de edificar um Instituto assente na valorização das potencialidades pessoais, colocando em ênfase a dimensão espiritual e mística da dedicação e do serviço.

Palavra-Chave: Cristianização em África; Espiritualidade dos Combonianos; Devoção aos Sagrados Corações de Jesus e Maria.

Abstract: «Africa, the spiritual love of Daniel Comboni»

This thesis aims to highlight the social, political, and economic changes of the nineteenth century with an impact on religious changes. On the one hand, it is necessary to perceive religious history with a deep and attentive look at these striking dimensions in human realities in Europe, particularly in Italy, Africa, in order to understand the extent of these religious changes in the field of understanding and missionary activity. On the other hand, this dissertation seeks to understand the evolution of Spiritual Theology throughout the Nineteenth Century, as a field that guides the way of living the faith in that time. Hence, with particular attention to the dimension of Spiritual Theology, we were able to frame the emergence of the ideal of Daniel Comboni, who, seeking spiritual and mystical references of the time, was able to build an Institute based on the appreciation of personal potentialities, placing emphasis on the spiritual dimension and mystique of dedication and service.

Keyword: Christianity in Africa; Spirituality of the Comboni Missionaries; Devotion to the Sacred Hearts of Jesus and Mary.

Índice

Agradecimentos	1
Resumo / Abstract	2
Índice	3
Introdução	5
I Capítulo – África, Itália e Europa no séc XIX – Situação Política e Religiosa	
1.1. A Europa – construção de uma sociedade	8
1.2. A Igreja – um novo olhar sobre um mundo novo	11
1.3. A Missão – um novo projeto de cristianização além Europa	15
1.4. Itália no século XIX	18
1.5. África no século XIX – A política e o comércio de escravos	22
1.6. A missão, o cristianismo, e o imperialismo em África no século XIX	25
1.7. Portugal no século XIX – Descrição sumária	28
II Capítulo – Desenvolvimento da Espiritualidade no Século XIX	
2.1. A Teologia Espiritual como caminho.....	34
2.2. A Teologia e Vivência do Sagrado Coração de Jesus.....	41
2.3. O Coração de Jesus à luz do magistério (século XIX e XX).....	47
2.4. A Providência Divina e o Mistério da Cruz.....	55
III Capítulo – A Espiritualidade em Daniel Comboni e o seu amor espiritual por África	
3.1. Breve Biografia de Daniel Comboni.....	63
3.2. A Vocação de Daniel Comboni como etapa espiritual.....	64
3.3. A espiritualidade de Daniel Comboni.....	67
3.4. Itinerário espiritual de Daniel Comboni.....	70

3.4.1. <i>A oração e a relação com a caridade afetiva</i>	70
3.4.2. <i>O Abandono de si e a entrega à Providência</i>	74
3.4.3. <i>“Salvar África com África” e o seu grito espiritual “Nigrícia ou Morte”</i>	76
3.4.4. <i>O mistério da Cruz</i>	84
3.4.5. <i>A vida em Cristo e o encontro com o Coração de Jesus</i>	89
3.4.6. <i>S. José e Maria</i>	99
3.5. <i>O Itinerário espiritual de Comboni na vida do Instituto</i>	102
Conclusão	107
Bibliografia	111

INTRODUÇÃO

O mundo é uma realidade em constante mudança. Não há apenas um início, mas vários. Quando tentamos compreender e essas mudanças, nunca podemos ter um olhar unilateral, mas ter em conta vários prismas abrangentes.

Para a elaboração desta dissertação será necessário compreender as mudanças que aconteceram ao longo do século XIX. Estas mudaram a forma de pensar e de agir dentro dos diversos contextos da sociedade, no cruzamento do político, do social ou do religioso. A realidade social apresenta-se construtiva na sua essência por isso, compreender a religião enquanto tal, a sua funcionalidade e a sua experiência, é situá-la na sua complexidade em face deste conjunto de fatores e de contextos. No século XIX, como em muitas fases da vida cristã, cada devoção é uma resposta religiosa a muitas dessas mudanças sociais e individuais que ocorrem. Não se pode esquecer, que este século foi significativamente marcado pela devoção ao Sagrado Coração de Jesus, que sendo anterior, acaba por imprimir um carácter na forma de pensar e de viver.

Para além dos fiéis comuns, observando as diversas congregações que surgiram ao longo de Oitocentos encontramos, certamente, um ponto comum, como, por exemplo a espiritualidade do abandono de si, a ligação espiritual aos Sagrado e Imaculado Corações de Jesus e Maria, a mística da Cruz. Qual é o sentido desse ponto comum? Porquê o mesmo interesse por essas dimensões espirituais?

Contudo, é necessário compreender que não se pode olhar apenas para a dimensão religiosa como simples práticas sociológicas, mas considerando a dimensão sociopolítica e cultural, damos-nos conta que o desenvolvimento religioso

ganha uma intensidade de maior interioridade, associada a uma dimensão reparadora e de conversão. Verificou-se a passagem da devoção meramente religiosa para a acentuação da sua dimensão espiritual.

É esta deslocação que procuro destacar como elemento estruturador do carisma que se encontra no coração da constituição do Instituto dos Missionários Combonianos do Coração de Jesus. O traço que procurarei estabelecer não é tanto histórico, mas sim espiritual, ou seja, tentarei focar o crescimento espiritual do fundador até à sua morte.

Na perceção deste percurso marcante do pulsar do coração do fundador deste Instituto, o mesmo evidencia também muitos aspetos desse ambiente espiritual da sua época. Como é que a problemática teológica e espiritual se tornou um traço essencial na vivência do fundador. Este cunho correspondeu a um caminho de fé, que se molda em quatro dimensões essenciais: a teologia, a espiritualidade e a mística, sem esquecer a história, porque também o fundador foi influenciado e condicionado pela dimensão política e social no seu agir e pensar.

O primeiro capítulo corresponde a uma breve contextualização histórica, isto é, uma análise histórica da realidade africana e italiana à época, incidindo nos aspetos políticos e religiosos. Esta visão é acompanhada pelo estudo da ação da Igreja, sobretudo com base nos textos pontifícios, encíclicas ou instruções, sobre a mobilização da atividade missionária, isto é, dimensão essencial da vivência cristã. No segundo capítulo, traça-se uma breve análise sobre as correntes de espiritualidade que se desenvolveram ao longo do século XIX e de como essas correntes deram origem ao impulso do movimento missionário oitocentista, com particular realce para o ocorrido em África. No terceiro capítulo, destaca-se a passagem da espiritualidade à mística. A mística considerada como importante porque «o significado das coisas não é apenas o que elas têm em si, mas o que

podemos descobrir que elas têm por nós»¹. É nesta perspectiva sobre a dimensão da mística que se visa destacar enquanto percurso interior fonte de motivação e, descortinar como esta passagem da espiritualidade para a mística toca em cada aspeto da vida do fundador do Instituto. Daniel Comboni foi um homem que buscava algo na vida, mas o que buscava? Qual é o sentido da sua procura? São duas questões que permitem compreender os diversos contextos vivenciais e espirituais, constituindo a caminhada da forma de ser de Daniel Comboni na sua determinação de vida e na interioridade que a preenchia.

¹ José Tolentino MENDONÇA – *A mística do instante*. Lisboa: Edições Paulinas, 2014, 40.

Capítulo I

África, Itália e Europa no século XIX – Situação política e religiosa

1.1. A Europa – construção de uma nova sociedade.

O século XIX trouxe numerosas transformações, que desencadearam na sociedade uma mudança de mentalidade, nomeadamente nos ambientes políticos e religiosos.

Não obstante, dessas mudanças evidentes, com particular incidência no domínio social, verifica-se uma mudança significativa no pensamento da sociedade acabando por criar uma nova construção quer na mentalidade quer na própria atuação da sociedade e dos membros dela constituinte.

Importa, por isso compreender a religião face às mudanças do século XIX, pois, esta vai configurar-se face às motivações políticas da época. Daí que, compreender a Europa como ponto de partida para esta mudança é também traçar um caminho para compreender a mudança política e religiosa no continente Africano.

A Europa teve um papel principal nesta mudança, sendo que as principais mudanças estão na sociedade, no pensamento, na industrialização e também na religião. Com o desenvolvimento da indústria e, com as melhores condições de vida, nota-se que ao longo do século XIX há um aumento demográfico «O crescimento demográfico participa plenamente no processo geral da Europa a partir do século XVIII, na medida em que traduz um melhor controlo das grandes causas de excesso de mortalidade (fomes, epidemias) [...]»². Por outro lado, este crescimento auxilia também a atividade económica, na medida em que aumenta a produção de bens, como a alimentação e outros.

² Serge BERSTEIN e Pierre MILZA - *História do século XIX*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1997, 32.

Desta forma, podemos dizer que a Europa entra numa nova fase «a Europa entra, no século XIX, numa fase de «transição demográfica», caracterizada por fortes excedentes naturais imputáveis e um recuo muito mais rápido da mortalidade que da natalidade»³, sabemos que, em apenas cinquenta anos, o crescimento demográfico foi de 192 milhões de habitantes em 1800, para 274 milhões de habitante em 1850⁴. Este progressivo crescimento deveu-se não apenas às melhorias das condições básicas de vida, como à melhoria na saúde e alimentação, mas também aos novos progressos agrícolas e, técnicos que aconteceram no século XIX, tais como a utilização de novos métodos agrícolas e, industriais que levaram ao melhor aproveitamento das terras que levaram ao aumento da produção.

Assiste-se neste século também a uma evolução social influenciada pela *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão* em 1789. Esta evolução social acontece devido ao êxodo rural, ou seja, um movimento interno em que as pessoas se deslocam do meio rural para o meio urbano em busca de melhores condições de vida, pois «O crescimento urbano traduz o resultado destes fluxos migratórios dos campos sobrepopoados para as cidades em vias de industrialização»⁵. Por outro lado, esta evolução social é vista como uma afirmação da sociedade perante a política que se desenvolve em torno dela e, a presença da *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão* só vai suscitar para que isso aconteça. No primeiro artigo lê-se que os homens nascem livres e iguais e, que as distinções sociais só podem assentar na utilidade comum⁶, isto vai representar uma transição fundamental que visa abolir os privilégios a determinados estratos sociais, optando por uma igualdade:

³ Serge BERSTEIN e Pierre MILZA - *História do século XIX*, 32.

⁴ Cf. Serge BERSTEIN e Pierre MILZA - *História do século XIX*, 32

⁵ Serge BERSTEIN e Pierre MILZA - *História do século XIX*, 52.

⁶ Cf. Serge BERSTEIN e Pierre MILZA - *História do século XIX*, 52.

«O acesso à liberdade pessoal peca por norma à igualdade civil, que coloca cada um na mesma situação face aos impostos, à lei e, portanto, à justiça que zela pela sua aplicação. No entanto, é preciso muito para que a igualdade seja plenamente realizada nas sociedades europeias do século XIX»⁷.

A política no século XIX assentava no liberalismo, pois «O século XIX é assinalado pelo triunfo do liberalismo, que organiza a liberdade em jeito de doutrina, ao passo que a vida política, económica, social e cultura desenvolve paralelamente a sua aplicação»⁸. O liberalismo vai procurar abolir tudo aquilo que surja como um domínio sobre algo e, por isso vai proceder à «abolição do feudalismo e das corporações que exerciam um domínio incómodo sobre a economia e a adoção de uma legislação que suprime os entraves económicos e sociais de toda a espécie»⁹. De notar, que esta nova ideologia política não vai facilitar as coisas e, que aquilo que defendiam *à priori* não se verifica, pois em muitos casos o liberalismo ainda aumenta as desigualdades entre os indivíduos¹⁰.

Esta ideologia política permitiu, dentro da Europa, que o estado zelasse pelos grandes equilíbrios financeiros trazendo com ele um conjunto de medidas que teriam que ser respeitadas, por isso em alguns casos este liberalismo apenas aumentou as desigualdades entre os indivíduos. É a partir disto, que vão surgir as ideias socialistas, que contrariamente ao liberalismo «o socialismo visa organização da sociedade em bases radicalmente diferentes das do individualismo liberal, cujo carácter é profundamente desigualitário»¹¹.

É certo que a Igreja perante isto começa a agir, por um lado teme que o forte impulso das ciências vise a uma nova consulta por parte da doutrina e, por outro que a

⁷ Serge BERSTEIN e Pierre MILZA - *História do século XIX*, 54.

⁸ Serge BERSTEIN e Pierre MILZA - *História do século XIX*, 83.

⁹ Serge BERSTEIN e Pierre MILZA - *História do século XIX*, 83.

¹⁰ Cf. Serge BERSTEIN e Pierre MILZA - *História do século XIX*, 85.

¹¹ Serge BERSTEIN e Pierre MILZA - *História do século XIX*, 88.

sociedade se foque apenas para o desenvolvimento das ciências e, coloque de parte a doutrina baseando-se apenas um liberalismo religioso, pois «A crença nos poderes da razão humana ganha terreno em detrimento da fé, voltando debate científico sobre as origens da espécie humana a pôr em causa o ensino tradicional do cristianismo»¹².

1.2. A Igreja – um novo olhar sobre um novo mundo

A Igreja neste século XIX também sofre grandes transformações quer ao nível político e doutrinal. A Igreja recusa durante muito tempo esta ideia de um mundo moderno ao nível político e científico, pois, sente que isso pode abalar as suas estruturas e causar ruturas. Sabe-se que a partir deste século a prática religiosa diminui e, que isso nota-se sobretudo nas cidades onde «a partir do «Século das Luzes», há uma diminuição da prática religiosa, designadamente nas cidades, a sociedade europeia do século XIX mantém-se, de um modo geral, profundamente imbuída de cristianismo, em particular, no plano moral»¹³.

Esta recusa em relação ao mundo moderno por parte Igreja levou a um forte desenvolvimento da mesma, especialmente a partir do aparecimento de novas ordens religiosas. Este desenvolvimento vê-se sobretudo na vaga de colonização feita pela Igreja no século XIX «Precedendo a grande vaga de colonização europeia da segunda metade do século XIX, envia desde logo missões de evangelização para a Ásia, a África e a Oceânia, sem se esquecer também de reavivar a fé em determinadas regiões da Europa em vias de descristianização»¹⁴. Fruto deste forte desenvolvimento, a Igreja acaba por não se adaptar a este novo mundo nascido da revolução industrial e urbana.

¹² Serge BERSTEIN e Pierre MILZA - *História do século XIX*, 91.

¹³ Serge BERSTEIN e Pierre MILZA - *História do século XIX*, 245.

¹⁴ Serge BERSTEIN e Pierre MILZA - *História do século XIX*, 246.

É de notar, que perante este novo mundo, a Igreja sofre com diversos problemas e, acaba por ser alvo de vários ataques tornando-se, desta forma, um perigo porque a Igreja não se encontrava preparada intelectualmente¹⁵. Perante isto, a Igreja sente a necessidade de olhar de duas maneiras diferentes, por um lado, ou a Igreja recusa estas novas teorias, ou aceita-as. Claro que, perante os diversos desenvolvimentos levam a que «Esta inadaptação das Igrejas às transformações das sociedades europeias no século XIX abala a sua unidade opondo no seu seio tradicionalistas e liberais»¹⁶.

A par deste desenvolvimento do mundo moderno vai aparecer em Roma duas correntes «a dos *zelanti*, isto é, dos prelados conservadores que se opõem a toda e qualquer evolução, e a dos *políticanti*, mais propensos s concessões»¹⁷ é desta forma que surge o catolicismo Liberal, aparecendo de uma forma concreta num jornal fundado por Lacordaire:

«A seguir à revolução de julho, funda, em 16 de outubro de 1830, um jornal, *L’Avenir*, em que ostenta em epígrafe «Deus e liberdade» e define pouco depois o programa do catolicismo liberal. Nele defende sobretudo a liberdade de consciência e de religião; por conseguinte, «a separação total da Igreja e do Estado»¹⁸.

É neste sentido e, para combater isto, que o Papa Gregório XVI em 15 de agosto de 1832, na encíclica *Mirari Vos* começa por condenar a liberdade de consciência defendida por La Mennais, dizendo que:

«Dessa fonte lodosa do *indiferentismo* promana aquela sentença absurda e errônea, digo melhor disparate, que afirma e defende a *liberdade de consciência*. Este erro corrupto abre alas, escudado na imoderada liberdade de opiniões que, para confusão das coisas sagradas e civis, se estendo por toda parte, chegando a imprudência de alguém se asseverar que dela resulta grande proveito para a causa da religião»¹⁹.

¹⁵ Cf. Serge BERSTEIN e Pierre MILZA - *História do século XIX*, 248.

¹⁶ Serge BERSTEIN e Pierre MILZA - *História do século XIX*, 249.

¹⁷ Serge BERSTEIN e Pierre MILZA - *História do século XIX*, 250.

¹⁸ Serge BERSTEIN e Pierre MILZA - *História do século XIX*, 250.

¹⁹ GREGORIUS PP. XVI, Carta enc. *Mirari vos arbitramur* (15 agosto 1832): Acta Gregorii Papae XVI, I, 169-174. (Bibliografia retirada do próprio site do Vaticano, indicada sobre um asterisco).

O Papa também condena a liberdade de imprensa, pois, é por meio dela, que tais errôneas doutrinas se espelham por todo o mundo:

«Veneráveis Irmãos, o considerar que doutrinas monstruosas, digo melhor, que um sem-número de erros nos assediam, disseminando-se por todas as partes, em inumeráveis livros, folhetos e artigos que, se insignificantes pela sua extensão, não o são certamente pela malícia que encerram, e de todos eles provém a maldição que com profundo pesar vemos espalhar-se por toda a terra. Há, entretanto, oh que dor! quem leve a ousadia a tal requinte, a ponto de afirmar intrepidamente que essa aluvião de erros que se está espalhando por toda parte é compensada por um ou outro livro que, entre tantos erros, se publica para defender a causa da religião»²⁰.

Ele demonstra a sua preocupação por causa daqueles que deitam por terra a doutrina fiel e a submissão das pessoas, preocupando-se também com os problemas que vão contra a aliança trono-altar, é neste sentido que Gregório XVI recorda, ao invés, a união sagrada do trono e do altar:

«Mas, tendo sido divulgadas, em escritos que correm por todas as partes, certas doutrinas que lançam por terra a fidelidade e submissão que se devem aos príncipes, com o que se alenta o fogo da rebelião, deve-se vigiar atentamente para que os povos, enganados, não se afastem do caminho do bem [...] Mais grato não é também à religião e ao principado civil o que se pode esperar do desejo dos que procuram separar a Igreja e o Estado, e romper a mútua concórdia do sacerdócio e do império. Sabe-se, com efeito, que os amadores da falsa liberdade temeram ante a concórdia, que sempre produziu resultados magníficos, nas coisas sagradas e civis»²¹.

Após tudo isto, Gregório XVI acaba por condenar todos aqueles que vão a favor do catolicismo liberal, mas mesmo assim, a corrente católica liberal continuará a espalhar-se e a manifestar-se na Europa em diversos países²².

Após a morte de Gregório XVI, é eleito o Cardeal Jean-Marie Mastai-Ferretti (Pio IX), sendo este mais liberal do que o pontífice anterior. Este Papa vai contra o mundo

²⁰ GREGORIUS PP. XVI, Carta enc. *Mirari vos arbitramur*, 169-174.

²¹ GREGORIUS PP. XVI, Carta enc. *Mirari vos arbitramur*, 169-174

²² Cf. Serge BERSTEIN e Pierre MILZA - *História do século XIX*, 251.

moderno e, para contestar a 8 de dezembro de 1864 surge a encíclica *Quanta Cura* com um documento anexo, o *Syllabus*.

A encíclica *Quanta Cura* e o *Syllabus* condenam as dimensões da sociedade que questionam a religião, como, por exemplo: o racionalismo e o galicanismo²³ os quais são considerados como indo contra os princípios estabelecidos pela Igreja. Talvez seja por isso, que o Papa Pio IX afirmará o princípio tradicional do catolicismo²⁴, onde na base está a ação de Deus²⁵.

Trata-se de um momento na qual o Papa afirma a sua autoridade pontifical, mesmo após a progressiva perda dos Estados pontifícios. A autoridade acaba por manifestar-se também com a proclamação em 1854 do dogma da Imaculada Conceição.

Contudo, apesar de o concílio²⁶ ficar a meio devido à guerra franco-prussa, o Papa rejeita a Lei das Garantias²⁷. A Lei das Garantias foi votada pelo parlamento em 1871 e «anuncia a grande excomunhão contra os espoliadores da Santa Sé e recusa agora todo e qualquer contacto com o Estado italiano»²⁸. Após tudo isto, o Papa considera-se um prisioneiro no Vaticano e, aí permanece até à data da sua morte a 7 de fevereiro 1878.

Após a morte de Pio IX, sucede-lhe Leão XIII. Este tentará adaptar o catolicismo ao mundo moderno, mantendo-se firme em algumas posições como, por exemplo: «Rejeita igualmente a lei das garantias, mantém a interdição dos católicos italianos

²³ Corrente política que «estabelece que a supremacia incontestada do Papa não lhe confere, no entanto, o direito de governar as Igrejas nacionais, nem de decidir sozinho sobre o dogma (que é igualmente da competência dos bispos reunidos em concílio). O ultramontanismo afirma o invés, o primado do Papa, tanto na organização temporal das Igrejas como na formulação da doutrina» in Serge BERSTEIN e Pierre MILZA - *História do século XIX*, 253.

²⁴ O princípio que o autor fala é o da base divina dos poderes políticos, condenando por isso o «princípio absurdo e ímpio do naturalismo», ou seja, os direitos naturais do homem». Serge BERSTEIN e Pierre MILZA - *História do século XIX*, 252

²⁵ Cf. Serge BERSTEIN e Pierre MILZA - *História do século XIX*, 252.

²⁶ O concílio teve o seu início em 8 de dezembro de 1869 e terminou a 18 de dezembro de 1870.

²⁷ Eram leis que concediam privilégios e honras ao Papa. Estas leis aparecem depois da ocupação dos Estados Pontifícios em 1870.

²⁸ Serge BERSTEIN e Pierre MILZA - *História do século XIX*, 254

participarem na vida política, e chega a pedir aos soberanos católicos que não visitem o rei de Itália»²⁹.

Leão XIII apresenta-se como um Papa mais dedicado à ação social, por isso é que em 1891 publica a encíclica social *Rerum Novarum* procurando ir em defesa do trabalhador destacando que:

«O século passado destruiu, sem as substituir por coisa alguma, as corporações antigas, que eram para eles uma proteção; os princípios e o sentimento religioso desapareceram das leis e das instituições públicas, e assim, pouco a pouco, os trabalhadores, isolados e sem defesa, têm-se visto, com o decorrer do tempo, entregues à mercê de senhores desumanos e à cobiça duma concorrência desenfreada»³⁰.

Leão XIII considera o comunismo um empobrecimento social, porque viola a propriedade privada, sendo na visão do Papa, um princípio fundamental «a estabelecer por todos aqueles que querem sinceramente o bem do povo e a inviolabilidade da propriedade particular»³¹.

Por isso, é que nesta matéria doutrinal, Leão XIII tenta não fugir dos seus antecessores, reiterando, desde 1878, a condenação ao socialismo e, ao nacionalismo.

1.3. A Missionação – um novo projeto de cristianização além Europa.

O século XIX foi também uma época de encontro com novas culturas e com a necessidade de explorar novos continentes e, até levar aos mesmos o cristianismo. Muitas dessas explorações missionárias deram origem, mais tarde, a novos institutos religiosos com características espirituais próprias.

²⁹ Serge BERSTEIN e Pierre MILZA - *História do século XIX*, 255.

³⁰ LEO PP. XIII, *Enc. Rerum novarum* (15 de maio de 1891): Leonis XIII P. M. Acta, XI, Romae 1892, 97-144.

³¹ LEO PP. XIII, *Enc. Rerum novarum* (15 de maio de 1891): Leonis XIII P. M. Acta, XI, Romae 1892, 97-144

Na visão de Claude Prudhomme, a problemática missionária no século XIX adquire um lugar de destaque, pois, tudo se deve a uma experiência que advém da revolução francesa, que segundo ele, ocupa um lugar de destaque na expansão missionária. Segundo ele «a revolução obriga a um retornar ao essencial que se exprime notavelmente por uma espiritualidade que privilegia, a Cristo Crucificado, ao Coração de Jesus ou de Maria»³². É aqui se vai destacar um novo olhar para a realidade missionária em França, que busca essencialmente um abandono completo de si para se entregar à vontade divina³³. A atividade missionária vai ocupar-se de colocar os elementos necessários à evangelização, por isso é que a Igreja vai ter como objetivo espalhar a alegre mensagem de Cristo, proclamando a necessidade universal da religião. De notar que, segundo Prudhomme «o acordar missionário do século XIX está enraizado em fortes convicções, características típicas da França pós-revolução»³⁴. A par disto é necessário ter em conta o poder que Roma exerceu sobre o contexto missionário, pois, a autoridade missionária recaiu sobre Roma, causando problemas a expansão missionária francesa no que toca à questão do Padroado, porque este dava a certas potências europeias a autoridade total sobre determinados territórios. Por isso, «com a fundação da Propaganda Fide, o papado empenhava-se assim numa delicada reconquista dos poderes concedidos pelo padroado», tudo isto para contornar as pretensões monárquicas.

Apesar de tudo isto, foi necessário «elaborar uma conceção mais equilibrada e eficaz, pegando nas antigas sociedades missionárias e, adapta-las as novas realidades»³⁵. No fundo, é criar um plano eclesial para que se possa delinear ideias e projetos que vão

³² Claude PRUDHOMME - *Problématiques missionaire catholiques du XIX siècle* in *Congresso Internacional de História. Missionação Portuguesa e Encontro de Culturas*". Braga: Ed. Universidade Católica Portuguesa, 1993, 132.

³³ Cf. Claude PRUDHOMME - *Problématiques missionaire catholiques du XIX siècle* in *Congresso Internacional de História. Missionação Portuguesa e Encontro de Culturas*", 133.

³⁴ Claude PRUDHOMME - *Problématiques missionaire catholiques du XIX siècle* in *Congresso Internacional de História. Missionação Portuguesa e Encontro de Culturas*, 135.

³⁵ Claude PRUDHOMME - *Problématiques missionaire catholiques du XIX siècle* in *Congresso Internacional de História. Missionação Portuguesa e Encontro de Culturas*, 145.

em função das sociedades missionárias. Prudhomme fala de três aspetos essenciais: construir para se implementar (*bâtir pour s'établir*), formar um clero indígena e estabelecer uma hierarquia. O primeiro pedia a que houvesse lugar para que se pudessem estabelecer as sociedades missionárias, para que a ação missionária visasse trabalhar com todas as dimensões locais, porque ao chefe da missão competia converter, proteger e salvaguardar os habitantes³⁶. O segundo princípio sublinhava a importância na formação de pessoas capazes de colaborar com os missionários e, progressivamente fosse-lhe atribuído lugares de responsabilidade, no fundo, insistia para que se formasse um clero indígena, mas que fosse autónomo³⁷. Por fim, o terceiro estabelecer uma hierarquia capaz de orientar e desenvolver o clero e a missão local, onde a Igreja local funcionasse sobre o modelo da Igreja universal³⁸. Outra importante dimensão foi a ser o que posteriormente será designado como inculturação. Vai surgir, neste contexto, literaturas missionárias que vão dar resposta aos problemas da inculturação, porque é necessário compreender o lugar, os costumes e o modo de viver para o lugar onde se vai realizar a missão.

Com tudo isto, podemos concluir, dentro do pensamento de Prudhomme, que o século XIX é o tempo da reflexão, porque é a partir dele que temos novos métodos teológicos, eclesiológicos que deram às missões uma fisionomia concreta. Dessa forma há nesta época o ressurgimento de um espírito missionário, pois:

«A atividade missionária da Igreja católica ao longo do século XIX foi extraordinária. Multiplicaram-se as instituições de ensino e de caridade, as congregações religiosas dedicadas especificamente à evangelização»³⁹

³⁶ Cf. Claude PRUDHOMME - *Problématiques missionnaire catholiques du XIX siècle* in *Congresso Internacional de História. Missionaçã Portuguesa e Encontro de Culturas*, 146.

³⁷ Cf. Claude PRUDHOMME - *Problématiques missionnaire catholiques du XIX siècle* in *Congresso Internacional de História. Missionaçã Portuguesa e Encontro de Culturas*, 147.

³⁸ Cf. Claude PRUDHOMME - *Problématiques missionnaire catholiques du XIX siècle* in *Congresso Internacional de História. Missionaçã Portuguesa e Encontro de Culturas*, 149.

³⁹ Juan María LABOA - *Historia de la Iglesia IV: Época contemporânea*. Madrid: Ed Biblioteca de Autores Cristianos, 2002, 165.

Talvez seja por isso que se compreenda, que haja o surgimento de novas ordens religiosas e de institutos missionários, que se dedicaram à evangelização em todo o mundo e, que contaram com a ajuda da Propaganda Fide. Isto acontece porque houve da parte da Santa Sé «a máxima atenção concebida [...] a Propaganda da Fé, renovada em 1817, ao trabalho missionário e a multiplicação de seminário para as missões estrangeiras»⁴⁰.

É neste sentido, que se compreende que o grande papel da Propaganda Fide «foi o de constituir nos territórios missionários, um clero autóctone com o fim de estabelecer o quanto antes Igrejas autónomas»⁴¹.

1.4. Itália no século XIX

É necessário compreender também o desenvolvimento político e religiosos que operava em Itália neste século. A Itália assiste, neste século ao “Risorgimento” ou o “Ressurgimento”, ou seja, o momento em que se dá em Itália a sua reunificação. Embora se afirme primariamente que o “Risorgimento” teria começado por volta do ano 1815, há, no entanto, quem declare que aparece pelo menos na primeira metade do século XVII. Este foi estimulado pelo processo desencadeado pela revolução francesa de 1789–1799:

«Até ao grande terramoto da Revolução Francesa, a vida dos Estados italianos decorre tranquilamente, quase no mobilismo. Mas aquele, ao propagar-se por toda a Europa, atinge igualmente a Itália. E antes que de os exércitos da Revolução penetrarem na Itália já as suas ideias lá tinham chegado»⁴².

⁴⁰ Juan María LABOA - *Historia de la Iglesia IV: Época contemporânea*, 169.

⁴¹ Juan María LABOA - *Historia de la Iglesia IV: Época contemporânea*, 175.

⁴² Ruggiero ROMANO - *Pequena História das Grandes Nações. História da Itália*. Lisboa: Ed Circulo de Leitores, 1980, 83.

Segundo Trevelyan, o “Ressurgimento”:

«[...] que [...] surgiu com as prédicas do jovem advogado genovês Giuseppe Mazzini que, preso e depois exilado sob a acusação de carbonarismo, fundou a sociedade chamada *Jovem Itália* (*La Giovane Italia*). O seu programa é claro e simples: Independência e Unidade; o meio: guerra de massas do povo contra a Áustria. «Deus e Povo» era a senha de Mazzini, e o auto-sacrifício a nota dominante do seu apelo»⁴³.

Por outro lado, assiste-se também à perda dos estados pontifícios, que pertenciam à autoridade papal desde 756 e, que se perdem efetivamente neste século. O Papa tem, neste século, uma certa fama, por isso é que «Pio Nono tornou-se, num mês, o ídolo de toda a Itália, e, apesar da sua compreensível hesitação, era inevitável que o crescente entusiasmo pelo Papa Nacional devia de ser acompanhado da crescente animosidade para os austríacos»⁴⁴. É certo que este crescente entusiasmo pelo Pontífice pouco agrada aos italianos, que insistem em unificar a Itália, talvez seja por isso, que o Papa sentindo demasiada pressão acaba por pedir exílio às potências aliadas aos Estados Pontifícios:

«Como em Novembro o Papa Pio desistiu da difícil tarefa que desempenhava e fugiu para Gaeta, para ali se refugiar junto do Rei Fernando, na sua ausência Mazzini e Garibaldi vieram a Roma e proclamaram a República».⁴⁵

É de notar que, apesar de todas as resistências, os sucessivos reinos italianos foram a ser tomados pelas tropas piemontesas, lideradas por Giuseppe Garibaldi pois, foi «no sóbrio e constitucional Piemonte que os fundamentos do restabelecimento da Itália foram lançados nos primeiros anos da segunda parte do século»⁴⁶. Para continuar o trabalho de Giuseppe Garibaldi, Camilo Cavour torna-se então o Primeiro-Ministro e, tenta convencer a Europa que «a sua verdadeira missão era a de educar os piemonteses no uso

⁴³ G. M. TREVELYAN - *Pequena História da Itália*. Lisboa: Ed Inquérito, 1941, 76.

⁴⁴ G. M. TREVELYAN - *Pequena História da Itália*, 77.

⁴⁵ G. M. TREVELYAN - *Pequena História da Itália*, 78.

⁴⁶ G. M. TREVELYAN - *Pequena História da Itália*, 79.

da sua liberdade e convencer a Europa de que o seu soberano, Victor Manuel, cedo se pronunciaria e se levantaria pela Itália»⁴⁷.

Entretanto, Cavour e o Rei vão pouco e pouco conquistando os sucessivos Estados Papais acabando por se juntar a Garibaldi onde «O ditador depôs o seu reino aos pés de Victor Manuel e retirou-se para a pequena ilha de Caprera [...]. O sul votou, tal como o centro, pela anexação ao Piemonte, e Victor Manuel viu-se Rei da Itália – com excepção somente de Roma e Veneza»⁴⁸. A forma como estes dois últimos foram finalmente anexados ao resto não foi fácil e, só em 1866 é que isso viria a acontecer, quando a guarnição francesa foi retirada de Roma, devido a um acordo assinado em 1864. É nesse momento que, Garibaldi fez esta tentativa, mas:

«em outubro de 1876, os franceses voltaram com forças; os voluntários foram derrotados em Mentana, e o próprio Garibaldi foi preso, na fronteira papal [...]. Esta insustentável situação foi prolongada ainda durante três anos, mas então os desastres da França favoreceram a oportunidade da Itália e Sedan abriu o caminho para Roma»⁴⁹.

A unificação veio trazer para Itália um novo estado: um estado liberal. Este estado que surge após o ressurgimento de Itália em 1861 e, que acabava por ter Roma como capital. Mas «essa fundação é essencialmente obras da chancelaria, de embaixadores hábeis, de acordos entre soberanos e da manipulação de homens ao mesmo tempo ingénuos e generosos como Garibaldi»⁵⁰, por isso, Roma é conquistada pelas tropas italianas em 1870, da mesma forma como as tropas entram pela porta pia em 20 de setembro de 1870⁵¹. É agora que é proposto ao Papa Pio IX a lei das garantias, em 15 de maio de 1871. A lei das garantias:

«reconhece o Papa como soberano, mas sem soberania territorial (só reconhece a propriedade de alguns edifícios e palácios), a garantia da liberdade de comunicar com os

⁴⁷ G. M. TREVELYAN - *Pequena História da Itália*, 80.

⁴⁸ G. M. TREVELYAN - *Pequena História da Itália*, 82.

⁴⁹ G. M. TREVELYAN - *Pequena História da Itália*, 83.

⁵⁰ Ruggiero ROMANO - *Pequena História das Grandes Nações. História da Itália*, 91.

⁵¹ Cf. Ruggiero ROMANO - *Pequena História das Grandes Nações. História da Itália*, 83.

católicos de outros países, de estabelecer e manter relações diplomáticas e atribui três milhões de libras a cada ano para as necessidades administrativas da Igreja central»⁵².

No fundo, a lei das garantias trata-se de uma lei de compromisso entre as facções separatistas e jurisdicionalistas⁵³, que «nos anos seguintes conseguem importantes resultados com a lei do controle estatal sobre os seminários (1872), a superação das faculdades de teologia e a abolição do ensino obrigatório da religião nas escolas primárias»⁵⁴. Foi por isso, que em janeiro de 1873 começam-se a tomar medidas que vão contra a Igreja, tais como, por exemplo: a abolição das faculdades de teologia e, em certa medida a proibição do ensino de teologia, baseando-se na falta de alunos para o estudo da teologia⁵⁵. O Papa ao compreender a intenção deste novo estado liberal recusa «a lei das garantias e os Papas que lhe sucederam têm seguido o seu exemplo»⁵⁶. Dessa forma, o Papa acaba por viver como prisioneiro dentro do próprio Vaticano por considerar este

⁵² Emilio La PARRA e Jesús PRADELLES - *Iglesia, Sociedad y Estado en España, Francia e Italia (ss XVIII al XX)*. Alicante: Ed Instituto de Cultura “Juan Gil-Albert”, 1991, 400.

⁵³ «Os separatistas subdividiam-se por sua vez em separatistas partidários e reformistas. «... os separatistas partidários da não competência do estado em assuntos eclesiásticos, o mesmo é dizer defensores de competências entre Igreja e Estado, como Camilo Cavour, que não só pretendia a separação da Igreja e do Estado, mas que este último não tivesse nenhum título para interferir em questões eclesiásticas, de nenhuma maneira nem com nenhum propósito. Os separatistas reformistas estavam de acordo com a clara distinção entre as competências do Estado e da Igreja e tentavam evitar recíprocas interferências. Os Jurisdicionalistas – partidários do direito do Estado a intervir com o poder regulamentário entre a Igreja e a sociedade civil – estavam por sua vez subdivididos em pelo menos três grupos. O primeiro lugar no seu sonho havia a escola «liberal», que se distinguia por uma ampla tolerância com a Igreja e tratava de evitar conflitos (...). Em segundo lugar, havia os jurisdicionalistas partidários da competência do Estado em matéria eclesiástica e intervencionistas, é dizer, defensores do uso do poder público para impedir que a Igreja interferisse além das suas competências (...). Em último lugar os jurisdicionalistas radicais, ultraseparatistas, pertos do anticlericalismo militante» in EMILIO LA PARRA e JESÚS PRADELLES - *Iglesia, Sociedad y Estado en España, Francia e Italia (ss XVIII al XX)*, 478-480.

⁵⁴ Emilio La PARRA e Jesús PRADELLES - *Iglesia, Sociedad y Estado en España, Francia e Italia (ss XVIII al XX)*, 401.

⁵⁵ Cf. Emilio La PARRA e Jesús PRADELLES - *Iglesia, Sociedad y Estado en España, Francia e Italia (ss XVIII al XX)*, 438.

⁵⁶ G. M. TREVELYAN - *Pequena História da Itália*, 83.

estado como «produto da jurisprudência revolucionário»⁵⁷. É de notar que lei das garantias estará em vigor até aos pactos lateranenses de 1929⁵⁸.

Mesmo com tudo isto, podemos dizer que, «Quais quer que tenha sido os limites do «Risorgimento» italiano é um facto que ele conduziu a essa «divina surpresa» da unidade italiana»⁵⁹.

1.5. África no século XIX – a política e o comércio de escravos

Neste século, um país que ganha grande relevância é África por diversos motivos, tais como económicos, comerciais, demográficos e exploratórios.

De modo simples podemos dizer, que África era dividida, no século XIX, por grandes zonas, desde a zona Setentrional até ao Nordeste Africano por isso, «Até ao século XIX, tanto os Árabes como, mais tarde, os Europeus, não tomaram posse de grandes regiões contínuas da África negra. Nas suas relações comerciais, limitavam-se a praças costeiras isoladas, no Mediterrâneo e na costa oriental da África»⁶⁰.

De notar, que na África Setentrional vivia-se um regime autocrático, o Regime de Mohamed Ali que a pouco e pouco ia conquistando esta zona africana. É de notar que «em quase todo o século XIX a intervenção direta da Europa no norte de África se limitou as atividades da França na Argélia»⁶¹. Isto sucedesse porque, ao conquistar a Argélia seria fácil para a França ocupar os principais portos da época, o que lhe permitia uma maior circulação em África.

⁵⁷ Emilio La PARRA e Jesús PRADELLS - *Iglesia, Sociedad y Estado en España, Francia e Italia (ss XVIII al XX)*, 401.

⁵⁸ Emilio La PARRA e Jesús PRADELLS - *Iglesia, Sociedad y Estado en España, Francia e Italia (ss XVIII al XX)*, 401. Nota explicativa: Os pactos lateranenses é um acordo feito entre o Papa e Mussolini, onde passa a existir um “Estado do Vaticano” com limites e com soberania próprios.

⁵⁹ Ruggiero ROMANO - *Pequena História das Grandes Nações. História da Itália*, 91.

⁶⁰ Ernst Gerhard JACOB - *Fundamentos da História de África*. Lisboa: Ed Aster, 1966, 87.

⁶¹ Roland OLIVER e J.D. FAGE - *Breve História de África*. Madrid: Alianza Editorial, 1972, 165.

Nesta época, a religião predominante na África era o Islão, uma religião que tinha «penetrado pelo Sudão ocidental e central com uma religião de reis e de mercadores sem conseguir modificar o fundamental animismo tribal do povo»⁶².

De notar, que África vive um século de guerras e de conquistas por parte das potências europeias e, no que toca aos problemas externos que põem em causa África, nomeadamente o norte e o nordeste africano, não são tanto problemas vindos da Europa, mas da Arábia e do Egito. Pois, chegou-se a um ponto, em que a sede por África era tanta, que os Árabes estabelecem a sua organização política interna. Tudo isto acontece porque em alguns países, eles exerciam sobre o comércio os direitos extraterritoriais⁶³ e, até em alguns casos os árabes afirmavam-se como políticos principais, em detrimento do governo local. Pois, «em geral os árabes obtêm o marfim e os escravos mediante o comércio e não pela força»⁶⁴. Claro que apesar deste contexto comercial vindo dos Árabes, nota-se que:

«Desde o fim da década de 80 do século XIX, as partes isoladas do domínio comercial árabe passaram para as regiões de protectorado britânico, alemão e italiano. O mais importante comerciante árabe de escravos na África Oriental foi Tippu Tip, que por 1870 criou para si um grande reino entre Lualaba e Lomami (capital Kasongo), onde ele controlava todo o comércio de escravos e de marfim»⁶⁵.

É por isso, que se nota um aumento do comércio de escravos, pois, era uma fonte de rendimento na época tanto para os países do continente Africano, como para as potências europeias. A escravidão era uma forma de buscar domínio económico e, é dessa forma, que os Árabes se tornam grandes comerciantes. Por isso, eles eram recrutados «entre os prisioneiros de guerra, os criminosos e os devedores insolentes. O escravo era

⁶² Roland OLIVER e J.D. FAGE - *Breve História de Africa*, 167.

⁶³ Roland OLIVER e J.D. FAGE - *Breve História de Africa*, 194.

⁶⁴ Roland OLIVER e J.D. FAGE - *Breve História de Africa*, 194.

⁶⁵ Ernst Gerhard JACOB - *Fundamentos da História de África*, 88.

propriedade do seu senhor, que o podia maltratar, vender ou matar»⁶⁶. É de notar, que a vida dos escravos não era assim tão má, sabe-se que existiam diversos tipos de escravos e, que cada um era “usado” segundo o seu tipo, existindo por isso três categorias: os «escravos de casa» (conjunto de escravos nascidos, em princípio, na casa dos seus donos), os «escravos para tráficos ou comércio» (utilizados, regra geral, como moeda nas transações matrimoniais; constituíam a categoria mais maltratada, sem grandes direitos e pouco protegidos pela sociedade, ao contrário dos restantes) e os «escravos coroa» (geralmente utilizados na administração, no exercito)»⁶⁷.

Surge um momento em que por um lado os Árabes procuravam por eles os escravos e, depois os Europeus limitavam-se ao processo comercial de revenda, transferência de escravos, não esquecendo por isso, que nesta época também a Europa sofria com a escravidão, pois, até ao século XIX maior parte da população vivia sem liberdade⁶⁸.

É importante referir, que apesar deste comércio de escravos ainda estar presente no século XIX, a transição do século XVIII para o XIX constitui um momento de reação contra os interesses económicos que giravam em torno da compra e venda de escravos, estas «reações humanitário-cristãs (...) tiveram pouco a pouco êxito e foram centralizadas no «movimento anti-esclavagista» dos filantropos e abolicionistas»⁶⁹.

Ao surgir os primeiros movimentos antiesclavagistas surge também em África, os primeiros movimentos missionários, que tinham como objetivo travar o comércio de escravos no território africano:

«Um dos primeiros e mais fortes campeões contra a escravatura foi Montesquieu (1689-1755). Citemos depois William Pitt Júnior, que participou na fundação da «Sociedade dos amigos negros» (1788); Wilbertforce, que em 1807 conseguiu a proibição de comércio de

⁶⁶ Ernst Gerhard JACOB - *Fundamentos da História de África*, 89.

⁶⁷ Boubacar N. KEITA - *História da África Negra*. Angola: Texto Editores, 2013, 284.

⁶⁸ Cf. Ernst Gerhard JACOB - *Fundamentos da História de África*, 89.

⁶⁹ Ernst Gerhard JACOB - *Fundamentos da História de África*, 91.

escravos para as colónias britânicas, e a escritora norte-americana Harriet Beccher-Stowe [...] reclamava o abolicionismo. Através de medidas contra o comércio dos escravos, rigorosamente aplicadas pela Inglaterra desde 1807 até à década de 60, foi possível libertar, em meados do século, cerca de 70000 negros»⁷⁰.

Isto serviu de exemplo, para que outras potências europeias acabassem também por abolir a escravatura no seu império colonial. A exemplo disso é a França, que em 1848 aboliu a escravatura no seu império, influenciada por um pastor alsaciano Scholcher, assim como nos Estados Unidos, que em 1862, por Lincoln põe fim à escravatura, algo que já vinha sendo feito há algum tempo⁷¹.

1.6. A missão, o cristianismo, e o imperialismo em África no século XIX

Efetivamente quem contribuiu para a abolição da escravatura em África foram os movimentos missionários. Estas diversas sociedades missionárias procuravam mudar a mentalidade do homem, para que, este pudesse compreender o valor integral do africano como um ser com direito e não um ser sem direitos:

«Esta mudança fundamental na conceção do africano negro como um homem de valor integral e não apenas como um animal de trabalho começou a propagar-se por volta de 1800. Já não se preocupava apenas espalhar a fé cristã, mas também aumentar a formação dos indígenas, fundando escolas missionárias e preparando-os gradualmente para serem cidadãos com iguais direitos»⁷².

Começam por isso e, apoiadas pela Igreja, as primeiras missões católicas romanas em África e, que a partir do Papa Gregório XVI (1831-1846) ganham um novo impulso, estas foram importantes, porque acabaram por dar origem a novas congregações missionárias, o caso dos «missionários do Sagrado Coração de Maria, fundados pelo

⁷⁰ Ernst Gerhard JACOB - *Fundamentos da História de África*, 91

⁷¹ Cf. Ernst Gerhard JACOB - *Fundamentos da História de África*, 92.

⁷² Ernst Gerhard JACOB - *Fundamentos da História de África*, 92.

Padre Francisco Libermann, que, em 1848, foram erigidos pela Santa Sé na congregação do Espírito Santo»⁷³, assim como a Sociedade dos Sagrados Corações de Jesus e de Maria fundada por Daniel Comboni⁷⁴, entre outras.

Estas congregações ou sociedades missionárias foram importantes, pois, os missionários não apenas iam para África espalhar somente a fé, mas que viviam o culto, a civilização, os costumes dos locais onde se encontravam. Aqui o missionário não apenas o mensageiro da fé cristã, mas como homens que iam em auxílio daqueles que mais necessitavam, vivendo e trabalhando conforme o povo ou a tribo em que estavam integrados⁷⁵. Registaram-se também alguns insucessos, pois, muitos eram incapazes de entrar dentro do universo espiritual dos indígenas e, em alguns casos condenavam a forma como os mesmos agiam⁷⁶. Por isso é que o Papa João XXIII afirmou que os novos missionários deviam receber formação dos valores culturais para onde se deslocam em missão⁷⁷.

Um dos pontos fundamentais que contribui para a missionação foi que «O governo colonial abriu com frequência os caminhos missionários; em muitos casos, porém o missionário foi à frente»⁷⁸. É de notar, que o movimento colonial interrompeu de certa maneira o desenvolvimento de África, pois, ele foi considerado uma abstração acabando por confundir os conceitos fundamentais⁷⁹.

⁷³ Ernst Gerhard JACOB - *Fundamentos da História de África*, 95.

⁷⁴ Comboni em 18 de setembro de 1864 já o dizia «Temos a firme esperança de que este projecto da Sociedade dos Sagrados Corações de Jesus e de Maria para a Conversão da Nigricia, no caso de ser acolhido favoravelmente pela Santa Sé Apostólica, obterá a cooperação de todas as santas instituições que até agora se dedicaram ou tentaram promover o melhoramento espiritual da raça negra e receberá também protecção e ajuda dessas pias sociedades que fornecem meios pecuniários e materiais às santas obras instituídas para a propagação da fé de Jesus Cristo» - Daniel COMBONI - *Escritos*. Lisboa: Edições Além-Mar, 2003. Propositadamente apenas citei a referência à Carta, o ano e o número do escrito – Carta dirigida à Propaganda Fide, escritos nº 842.

⁷⁵ Cf. Ernst Gerhard JACOB - *Fundamentos da História de África*, 96.

⁷⁶ Cf. Ernst Gerhard JACOB - *Fundamentos da História de África*, 97.

⁷⁷ Cf. Ernst Gerhard JACOB - *Fundamentos da História de África*, 97.

⁷⁸ Ernst Gerhard JACOB - *Fundamentos da História de África*, 98.

⁷⁹ Cf. Ernst Gerhard JACOB - *Fundamentos da História de África*, 110.

Quando se fala de colonizar isto significa muito mais do que administrar, significa também fecundar e cultivar determinados valores numa determinada cultura. Por isso, ao ver cada vez mais destruída a cultura de África, em 1865 o Parlamento Britânico decidiu abandonar as suas colónias e «Hoje entende-se com a palavra «anti-colonialismo» a atitude de repulsa agravada pelo nacionalismo dos povos de cor contra todas as formas de exercício de domínio ou de protetorado por parte dos brancos»⁸⁰, talvez seja por isso, que pouco a pouco, as diversas potências europeias acabaram por se retirar das suas colónias.

Já na época moderna, nomeadamente a partir de 1870, assiste-se também a ao “nascimento” do imperialismo⁸¹. De tal forma que, a África acaba por ser dividida em várias zonas de domínio europeu. Isto acontece nos últimos «dois decénios do século XIX [...] Nessa divisão não se tem em conta os ambientes económicos naturais e as regiões habitadas pelos povos e tribos africanas»⁸².

Esta divisão de África deveu-se à convocação por parte de Bismark da Conferência Internacional do Congo, convocada em 1884 em Berlim, aqui tomaram parte as potências interessadas em África⁸³. Nesta conferência ficou acordado, entre outras coisas, uma «ocupação definitiva» desta usurpação colonial revestida de direito e determinadas formalidades⁸⁴. Após esta conferência as potências europeias começaram a ocupar o território africano ficando acordado que «As potências coloniais obrigaram-se a valer

⁸⁰ Ernst Gerhard JACOB - *Fundamentos da História de África*, 110.

⁸¹ «Política de expansão e domínio territorial e/ou económico de um país ou povo sobre outro. Apesar de existir vários casos de políticas imperialistas, como a da Roma antiga, no âmbito da História, refere-se à política dos países industrializados ao longo do século 19, que resultou, sobretudo, no domínio da África e da Ásia. O processo de descolonização verificado após a Segunda Guerra Mundial marca o fim desse acontecimento. Alguns teóricos, entretanto, percebem uma continuidade do imperialismo na política do governo norte-americano, que resulta em domínio territorial e na expansão dos valores dessa sociedade». in *Dicionário de História universal online*, <http://www.sohistoria.com.br/dicionario/popup.php?id=71> acedido a 09-11-2017.

⁸² Ernst Gerhard JACOB - *Fundamentos da História de África*, 125.

⁸³ Cf. Ernst Gerhard JACOB - *Fundamentos da História de África*, 126.

⁸⁴ Cf. Ernst Gerhard JACOB - *Fundamentos da História de África*, 127.

pelo sustento da população indígena e a melhoria da sua situação de vida moral e material»⁸⁵.

Por fim, nesta conferência compreendeu-se que o importante não é o país mais forte, mas o que vai em auxílio do mais fraco, mas o facto de a Europa estar mais próxima de África, fez com que os problemas que existiam na Europa acabassem por ir ter a África. Por isso, é que se sucederam ataques bélicos em África, que levaram à violação do que fora acordado na conferência, talvez seja por isso que se tenha vivido em África (momentos) da I Primeira Guerra Mundial.

1.7. Portugal no século XIX – descrição sumária.

Neste século Portugal ocupava um lugar importante na expansão missionária em África. Porém, o seu maior problema, no que toca à ocupação das colónias portuguesas por missionários, residia essencialmente numa questão política e comercial.

Outro problema aqui presente era também a questão da delimitação eclesiástica do padroado Português, que com a conferência de Berlin tinha sido posta em causa, nomeadamente, no que toca à jurisdição Portuguesa. Portugal desejava da parte da Santa Sé «o reconhecimento paralelo da «existência e permanência do histórico direito de padroado da Coroa Portuguesa» no interior da «costa e da contracosta»⁸⁶. Esse era o grande objetivo da coroa Portuguesa, que tentava salvaguardar o seu património territorial em África junto da Santa Sé.

Claro que, era importante articular em Portugal, nas Colónias e também junto da Santa Sé, o interesse político e religioso, porque só assim é que se poderia salvaguardar

⁸⁵ Ernst Gerhard JACOB - *Fundamentos da História de África*, 127.

⁸⁶ Miguel Bandeira JERÓNIMO e Hugo Gonçalves DORES, *As Missões do Império: Política e Religião no Império Colonial Português*, in MIGUEL BANDEIRA JERÓNIMO (Org), *O Império Colonial em Questão (Sécs. XIX-XIX)*. Lisboa: Ed 70, 2012,121.

e construir uma boa missão religiosa nesses países, criando assim uma estabilidade do império civil⁸⁷. Neste sentido, a necessidade de articular o poder político e religioso era pelo facto, de que nas colónias o trabalho missionário acabava por interferir na política interna, porque de certa forma, ele ia além do contexto missionário.

Em Portugal existia ainda outro problema e, que ficou conhecido como a questão do Congo, provavelmente por causa da atribuição jurídica aos missionários do Espírito Santo, por parte da Propaganda Fide em 1865⁸⁸. O grande problema era o facto de, mesmo existindo projetos evangelizadores para o Congo, havia muita indisponibilidade eclesiástica. Podemos dizer que, a estreita articulação entre os projetos políticos e religiosos não podia ser ignorada, mas que era necessário um repensar segundo a geografia existente na época. Por isso, pensar numa África sem os missionários, era afirmar a incapacidade de prosperar, quer em termos civis, quer em termos religiosos⁸⁹.

Podemos com tudo isto dizer que a questão do Congo «era interpretada à luz dos acontecimentos recentes no Padroado Oriental, sendo igualmente tomada como mais um exemplo da atitude supostamente persecutória por parte das instituições da Santa Sé, com a Propaganda Fide a liderar o processo»⁹⁰. Outra questão importante era os «direitos históricos», que eram Portugueses, mas que foram concedidos, pela Propaganda Fide à expansão francesa da congregação do Espírito Santo, onde a mesma acontece graças aos «direitos históricos». Por isso, os portugueses sentiam que os seus «direitos históricos» estavam em perigo. Por isso:

«A apreciação do problema eclesiástico e do problema geopolítico da questão do Congo aconselhava, pelo contrário, à valorização da resolução da questão das soberanias

⁸⁷ Cf. Miguel Bandeira JERÓNIMO e Hugo Gonçalves DORES, *As Missões do Império: Política e Religião no Império Colonial Português*, in Miguel Bandeira JERÓNIMO (Org), 121-122.

⁸⁸ Cf. Miguel Bandeira JERÓNIMO e Hugo Gonçalves DORES, *As Missões do Império: Política e Religião no Império Colonial Português*, in Miguel Bandeira JERÓNIMO (Org), 124.

⁸⁹ Cf. Miguel Bandeira JERÓNIMO e Hugo Gonçalves DORES, *As Missões do Império: Política e Religião no Império Colonial Português*, in Miguel Bandeira JERÓNIMO (Org), 126.

⁹⁰ Miguel Bandeira JERÓNIMO e Hugo Gonçalves DORES, *As Missões do Império: Política e Religião no Império Colonial Português*, in Miguel Bandeira JERÓNIMO (Org), 127.

eclesiásticas na esfera diplomática (com a Cúria) e ao reconhecimento do impacto positivo que os eclesiásticos poderiam ter na construção do império reclamado como um *direito histórico*»⁹¹.

Para resolver isto e, de certa forma para proteger os seus «direitos históricos», os portugueses elaboraram uma diplomacia eclesiástica colonial, denotando que «A questão missionária poderia estar incluída na formulação e consolidação dos *direitos históricos* no Congo [...] ocupando um lugar central na formulação de estratégias»⁹².

Nesta questão destaca-se a preocupação por parte de Portugal em revitalizar a obra missionária no Congo, mesmo numa época em que se vivia a supressão das ordens religiosas e, também numa época em que as relações (Estado e Igreja) eram más. Por isso, a revitalização terá contribuído para o reatar de relações. Tudo isto foi um processo dinâmico que contribuiu também para o processo de secularização, intensificado pela revolução liberal de 1820 e, pela nacionalização dos bens eclesiásticos⁹³.

Pelo memorando da Santa Sé para Portugal em 1881, ela não reconhece a doutrina dos «direitos históricos» o que acaba por levar os Portugueses a afirmar mais este princípio. Talvez por isso, que desde a renovação da Prefeitura do Congo, em 1865 e as disposições territoriais de 1865, as consequências políticas da Santa Sé eram cada vez mais revelantes e iminentes. Claro que isto tratava-se de uma violação por parte da Santa Sé em relação ao Padroado Português, «que além do mais ignorava o modo como o país estava a cumprir as suas responsabilidades como era atestado pela missão «permanente» no Congo»⁹⁴.

⁹¹ Miguel Bandeira JERÓNIMO e Hugo Gonçalves DORES, *As Missões do Império: Política e Religião no Império Colonial Português*, in Miguel Bandeira JERÓNIMO (Org), 129.

⁹² Miguel Bandeira JERÓNIMO e Hugo Gonçalves DORES, *As Missões do Império: Política e Religião no Império Colonial Português*, in Miguel Bandeira JERÓNIMO (Org), 131.

⁹³ Cf. Miguel Bandeira JERÓNIMO e Hugo Gonçalves DORES, *As Missões do Império: Política e Religião no Império Colonial Português*, in Miguel Bandeira JERÓNIMO (Org), 133.

⁹⁴ Miguel Bandeira JERÓNIMO e Hugo Gonçalves DORES, *As Missões do Império: Política e Religião no Império Colonial Português*, in Miguel Bandeira JERÓNIMO (Org), 147.

Com o desenrolar da situação, a Santa Sé decidiu tomar uma posição mais cuidadosa em relação à questão do Congo, porque os seus interesses eclesiais «entravam facilmente em conflito com a «razão» de Estados com interesses coloniais, que poderiam ser prejudicados pela alteração do cenário eclesial»⁹⁵. Por isso, só pode haver aceitação por parte da Propaganda Fide daqueles territórios ao Padroado Português, quando Portugal tiver tomado posse desses mesmos territórios. Isso só veio acontecer, quando em 1906, o Bispo «D. António Barbosa Leão, colocou sob a sua jurisdição espiritual todos os territórios da província ultramarina incluindo as prefeituras da Propaganda (a do Congo Português e a da Cimbebasia Superior)»⁹⁶. Isto veio ser confirmado pelo papa Pio X, em 1908, como forma de apaziguar o relacionalmente e terminar com décadas de conturbado relacionamento.

Na perspectiva de Jesús López-Gay há uma ausência no Vaticano II da definição de evangelização⁹⁷, apesar de ter feito uma boa leitura da dimensão do mistério na Igreja. López-Gay vai falar do término «da época de regime de «cristandade», e se põe em acento a urgência a catequese para adultos, com a necessidade de sublinhar o processo de iniciação»⁹⁸. É neste sentido, que vai surgir a «nova evangelização» definida assim pelo Papa João Paulo II. A «nova evangelização» pretende ser, não um novo evangelho, mas um aprofundar espiritualmente a mensagem do evangelho, destacando uma nova experiência com Deus⁹⁹. É a partir disto, que a evangelização deixa de ter apenas uma dimensão de ensino, mas também de testemunho, de forma a revelar a dimensão da

⁹⁵ Miguel Bandeira JERÓNIMO e Hugo Gonçalves DORES, *As Missões do Império: Política e Religião no Império Colonial Português*, in Miguel Bandeira JERÓNIMO (Org), 147.

⁹⁶ Miguel Bandeira JERÓNIMO e Hugo Gonçalves DORES, *As Missões do Império: Política e Religião no Império Colonial Português*, in Miguel Bandeira JERÓNIMO (Org), 149.

⁹⁷ Cf. Jesús LÓPEZ-GAY - *La Evangelización hoy: su proyección hacia el futuro* in *Congreso Internacional de História. Missionação Portuguesa e Encontro de Culturas*, 167.

⁹⁸ Jesús LÓPEZ-GAY - *La Evangelización hoy: su proyección hacia el futuro* in *Congreso Internacional de História. Missionação Portuguesa e Encontro de Culturas*, 167.

⁹⁹ Jesús LÓPEZ-GAY - *La Evangelización hoy: su proyección hacia el futuro* in *Congreso Internacional de História. Missionação Portuguesa e Encontro de Culturas*, 169.

palavra presente no evangelho¹⁰⁰. Esta evangelização vai destacar na ação missionária um aprofundamento da palavra encarna e, que é difundida pelos missionários, destacando o contexto espiritual do próprio evangelho.

Com a «nova evangelização» vamos conseguir destacar nos outros o sentido da parúsia, porque com o auxílio do espírito somos capazes de evangelizar com valentia o evangelho de Jesus. Aqui vamos ter também presente a dimensão da conversão, porque «o convertido encontra Cristo e em Cristo encontra o homem: do «individualismo» passa-se para um «compromisso humano, social»¹⁰¹. Destaca-se aqui a dimensão social da evangelização vivendo por isso a comunhão entre as pessoas, essa comunhão é sinal da verdadeira evangelização. A grande mensagem que a «nova evangelização» quer transmitir é o cuidado com os pobres, porém, esta mensagem não é nova, porque já está presente no evangelho, mas porque dá orientações concretas baseando-se numa verdadeira comunhão. Deve com isto haver uma «abertura ad gentes» para que possa haver também uma consciência e abertura missionária¹⁰², porque a própria Igreja é missionária na sua génese, mas é necessário colocar no coração das pessoas. Daí que, aparece nesta «nova evangelização» o laicado para auxiliar à evangelização e à missionação. É uma participação que vai destacar a dimensão eclesiológica da comunhão no centro da evangelização. López-Gay fala por isso no hoje, como momento da história, mas que nos projeta, mas para isso é necessário descobrir novos objetivos desta evangelização¹⁰³. Um dos pontos importantes é que a Igreja hoje tem um binómio interessante, porque ela é evangelizadora e evangelizada, porque está aberta a novas

¹⁰⁰ Cf. Jesús LÓPEZ-GAY - *La Evangelización hoy: su proyección hacia el futuro* in *Congreso Internacional de História. Missionação Portuguesa e Encontro de Culturas*, 169.

¹⁰¹ Jesús LÓPEZ-GAY - *La Evangelización hoy: su proyección hacia el futuro* in *Congreso Internacional de História. Missionação Portuguesa e Encontro de Culturas*, 171.

¹⁰² Cf. Jesús LÓPEZ-GAY - *La Evangelización hoy: su proyección hacia el futuro* in *Congreso Internacional de História. Missionação Portuguesa e Encontro de Culturas*, 171.

¹⁰³ Cf. Jesús LÓPEZ-GAY - *La Evangelización hoy: su proyección hacia el futuro* in *Congreso Internacional de História. Missionação Portuguesa e Encontro de Culturas*, 173.

culturas que a obrigam à compreensão do contexto cultural. Um dos fenómenos presentes é a emigração. A emigração obriga à compreensão da cultura dos emigrantes, porque «a Igreja deve aprender a viver num contexto cultural múltiplo e a viver com todos» .¹⁰⁴.

Podemos concluir que nada disto pode ser alvo de uma análise sem ter em conta à priori (aspetos) importantes, que nos ajudam a enquadrar o conjunto de transformações de todo o panorama político e religioso do século XIX.

¹⁰⁴ Jesús LÓPEZ-GAY - *La Evangelización hoy: su proyección hacia el futuro* in *Congreso Internacional de História. Missionação Portuguesa e Encontro de Culturas*, 176.

Capítulo II

Desenvolvimento da espiritualidade no século XIX

2.1. A Teologia Espiritual como caminho

Ao longo do século XIX, não só assistimos a grandes transformações a nível da sociedade como também a nível religioso e espiritual.

Para compreender o desenvolvimento religioso de uma determinada época é necessário compreender também o desenvolvimento espiritual. Sabemos que, uma dada experiência num determinado momento da nossa vida, pode mudar a forma como nos relacionarmos com Deus, assim como um determinado contexto numa determinada sociedade pode acabar por definir a espiritualidade à a sociedade que pertencemos¹⁰⁵.

Em termos genéricos, a espiritualidade é o modo como o ser humano se relaciona com a divindade superior a ele, e fá-lo de diversas formas. A espiritualidade não é apenas um campo dentro de um ambiente religioso católico, mas antes um campo comum a todas as profissões religiosas, como, por exemplo os budistas, onde o caminho espiritual é a forma que eles usam para se ligarem a Buda.

Sabemos que a espiritualidade não só tende a mostrar um “movimento” de relação entre o homem e Deus como também a procurar construir uma base interior em cada pessoa que se relaciona com Deus¹⁰⁶. De notar, que não podemos por de parte esta

¹⁰⁵ «Com a modernidade pretendeu-se conferir ao religioso uma especificada através da qual se estabeleciam fronteiras da legitimidade social, onde pela vida da hermenêutica e da sua suspeita se produziu uma dicotomia, mais do que institucional, entre «a boa e a má religião», em que a consideração do erro – a heresia – já não decorre unicamente do juízo institucional do poder eclesiástico mas dos contornos culturais da sua utilidade: uma utilidade social, mas também dividida, apreciada como realização». António Matos FERREIRA - «O Religioso sob Suspeita e a Desconfiança do outro» in *Experiências à deriva. Paixões religiosas e psiquiatria na Europa – Séculos XV a XXI*. Lisboa: Ed. Cavalos de Ferro, 2013, 217-248.

¹⁰⁶ «As sociedades marcadas pela matriz do cristianismo transportam uma tensão entre dois pólos: uma «fuga mundo» como expressão radical da vivência íntima de Deus; e, uma «materialização máxima»

dicotomia que «pode ser também formulada em termos de uma espiritualidade centrada sobre si própria como percurso individual e outra mais voltada para o mundo; uma mais contemplativa e outra mais ativa»¹⁰⁷.

A dimensão da espiritualidade não se mede pela quantidade de vezes que rezamos, mas sim pelo caminho que fazemos de preparação para o encontro com essa divindade superior. A filosofia grega afirma do mesmo modo que a vida é vista como um caminho ou movimento que brota de dentro, assim é a dimensão espiritual, um movimento que brota de dentro, e que com ele vem momentos de fracasso e avanços, que, no fundo, conduzem à perfeição¹⁰⁸. Contudo podemos dizer que «espiritualidade é compreendida como expressão da virtude interior que se cultiva como responsabilidade cívica ou, também, como interrogação existencial sobre a conduta com os outros»¹⁰⁹ porque acaba por colocar em cada um de nós um questionamento interior, que nos obriga a refletir sobre a nossa relação com Deus, pois «a espiritualidade inscreve-se no desenvolvimento da consciência»¹¹⁰.

Neste movimento de encontro com Deus é necessário ter em conta que temos uma experiência que nos é própria, aquilo a que chamamos de experiência humana. Nesta experiência temos duas dimensões: a terrena e a transcendente (alma). Necessariamente podemos dizer que, também ligado à nossa dimensão transcendente, temos a dimensão espiritual e que estas dimensões formam parte da totalidade do ser humano, mesmo sendo a espiritualidade uma das dimensões que determina a forma como vivemos a nossa vida.

que, desenvolvendo-se na sua plenitude, expressa o reconhecimento dessa relação íntima com Deus como a realidade última do real» in António Matos FERREIRA – «Espiritualidade», in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Lisboa: Circulo de Leitores, 2001, Vol. P-V Apêndice, 382 a 388.

¹⁰⁷ António Matos FERREIRA – «Espiritualidade», in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, 382 a 388.

¹⁰⁸ Cf. Jesús ESPEJA - *La Espiritualidad Cristiana*. Navarra: Editorial Verbo Divino, 1992, 17.

¹⁰⁹ António Matos FERREIRA - «Espiritualidade», in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, 382 a 388.

¹¹⁰ António Matos FERREIRA - «Espiritualidade», in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, 382 a 388

A par de isto tudo surge a necessidade de compreender de que forma emerge a experiência espiritual no ambiente cristão. Esta experiência não se atinge com devoções e orações, mas com um caminho verdadeiro do homem para Deus. Por isso podemos dizer que ligado à experiência espiritual vem também a graça de Deus. A experiência espiritual pode ser entendida como uma intensa intimidade entre o homem e Deus. Olhar para isto e para a experiência espiritual cristã é destacar o que de maior importância pode advir dela, porque «a qualificação «cristã» inclui uma novidade singular: ter e viver o encontro com Deus manifestado na conduta histórica de Jesus»¹¹¹. Deste modo, podemos dizer que para se poder viver esta experiência espiritual é necessário compreender que tudo parte do caminho que fazemos até Deus e, de certa forma, o caminho que Ele faz até nós. Cada um de nós, no desenvolvimento da sua experiência espiritual, já viveu momentos de intenso encontro com Deus. Alguns, porém, acabam por alcançar a alta mística, ou seja, conseguem um maior contacto com Deus a partir de revelações, fruto de dotada espiritualidade.

Na intimidade com Deus existem diferentes profundidades que nos auxiliam a caminhar em direção a Ele. Falar de profundidades é destacar os momentos de intimidade que o crente vive com Deus. Ela é comum a cada batizado, embora cada um a viva com algumas deficiências. Apesar destas ligeiras deficiências, pode-se viver um verdadeiro encontro íntimo com Deus, porque a experiência espiritual «inclui uma purificação da pessoa»¹¹² que implica um discernimento interno, de tal modo que ela se torna capaz de viver para Deus e somente para Ele. A purificação não implica que a pessoa seja livre de todo o mal, ou melhor, de todo o pecado, mas antes implica que ela procure em Deus um encontro sincero e verdadeiro, que abdica de tudo o que é mundano e, se liga diretamente a Deus.

¹¹¹ Jesús ESPEJA - *La Espiritualidad Cristiana*, 148.

¹¹² Jesús ESPEJA - *La Espiritualidad Cristiana*, 149.

Para se ligar diretamente a Deus, a pessoa necessita não só de se deixar a si para se unir a Deus como também necessita de incluir em si a Trindade Santa. No fundo, o que se pretende dizer é que existe uma relação entre a Santíssima Trindade e a humanidade, pois, a partir do Filho conhecemos o Pai, mas só o podemos invocar a partir do Espírito Santo. Aqui é importante recordar as palavras de Jesus à dúvida de Filipe «Disse-lhe Filipe: «Senhor, mostra-nos o Pai, e isso nos basta!» Jesus disse-lhe: «Há tanto tempo que estou convosco, e não me ficaste a conhecer, Filipe? Quem me vê, vê o Pai. Como é que me dizes, então, ‘mostra-nos o Pai’? Não crês que Eu estou no Pai e o Pai está em mim?» (Jo 14, 8-10). Ao ler estas palavras de Jesus, compreendemos que a intimidade com Deus só se realiza quando entramos em diálogo com todas as pessoas da Santíssima Trindade.

A experiência espiritual é bela, que nunca se pode viver uma verdadeira experiência senão se tem em conta o reino de Deus. O reino de Deus não é um lugar, mas um encontro vivido quotidianamente com Deus. Ele surge como uma meta, ou seja, acontece em cada lugar da terra, porque o reino de Deus não é nosso, mas é-nos dado a participar.

Nesta vivência espiritual é natural que a pessoa entre várias vezes em conflito consigo, no qual poderá acontecer o encontro com Deus. É dado à pessoa, no batismo, o ponto de partida para que ela possa viver uma relação com Deus, visto que «o batismo é o momento da graça e o ponto de partida: Deus nos infunde um amor e sempre nos acompanha com a Sua graça»¹¹³. Ainda assim, a pessoa acabará por viver diversos confrontos e, por isso surge a necessidade e possibilidade de purificação, pois nestes confrontos a vivência espiritual de cada pessoa é revelada.

Augusto Guerra diz-nos que o que sustentou a existência de uma espiritualidade individualista, como se lê no livro “*Imitação de Cristo*” de Tomás Kempis, foi o

¹¹³ Jesús ESPEJA - *La Espiritualidad Cristiana*, 158.

liberalismo, tendo contribuído para que a espiritualidade individualista estivesse presente no século XIX e metade do século XX.¹¹⁴ A propósito disto diz-nos o Historiador António Matos Ferreira:

«A vivência religiosa pode ser encarada como conduzindo quer à afirmação da sua institucionalização, quer ao da sua relativização, mas jogam-se sempre no seu processo níveis de apropriação individual e coletiva que nos referem estádios de elaboração de identidade e de pertença»¹¹⁵.

Para Santiago Guerra, a pessoa humana pode ou não ser transcendente ao mundo, sendo a transcendência definida na medida em que a pessoa faz ou não parte do mundo. O que ele pretende dizer é que a pessoa humana pode alcançar Deus se se desligar do mundo. Este desligar implica um encontro total com Deus na renúncia às coisas mundanas, pois, só se consegue ligar espiritualmente a Deus, na medida em que a pessoa humana deixa-se transcender, para alcançar a transcendência de Deus¹¹⁶.

É necessário compreender que, mesmo vivendo uma espiritualidade coletiva, existem momentos de maior intimidade com Deus que cada pessoa vive, ao longo do seu caminho de fé e de encontro com Deus. Por isso, neste caminho espiritual não importa a quantidade de amor¹¹⁷ que o indivíduo coloca no seu caminho, mas sim a qualidade desse amor que experimenta. Isto porque o ser humano é um ser em relação com Deus e, nessa relação, o homem busca em Deus a medida do amor, sabendo sempre que Deus dá-se de forma igual a todo a pessoa humana.

¹¹⁴ Cf Augusto GUERRA - *Situación Espiritual Contemporánea in Teología Espiritual: Reflexión cristiana sobre la praxis*. Madrid: Editorial de Espiritualidade, 1980, 95.

¹¹⁵ António Matos FERREIRA - «O Religioso sob Suspeita e a Desconfiança do outro» in *Experiências à deriva. Paixões religiosas e psiquiatria na Europa – Séculos XV a XXI*. Lisboa: Ed. Cavalo de Ferro, 2013, 217-248.

¹¹⁶ Cf Santiago GUERRA - *Ciencia Cristológica y Espiritualidad Cristocéntrica in Teología Espiritual: Reflexión cristiana sobre la praxis*, 246.

¹¹⁷ O amor que falo aqui é aquele que o homem coloca no seu caminho. Por isso é que a qualidade é um ponto mais importante, porque tem que ser um amor sincero, verdadeiro e, acima de tudo ligado a Deus.

Por outro lado, a teologia espiritual além de ser a «ciência teológica que estuda o desenvolvimento progressivo da vida cristã»¹¹⁸ também procura conduzir o crente à graça de Deus e a «crescer na graça» (2 Pe 3,18). Esta vida da graça é gerada pela ação do Espírito Santo, o qual ajuda o crente a crescer continuamente na mesma. Este espírito da graça é como que a ação direta que Cristo exerce em nós pela atuação do mesmo espírito vivificante, como diz S. Paulo «Espírito da vida em Jesus Cristo» (Rom 8,9).

Olhando para isto tudo, compreende-se que há três dimensões essenciais na teologia espiritual: «o caminho até ao interior, o caminho até ao transcendente e o caminho até aos outros»¹¹⁹. No *caminho até ao interior* o homem encontra no mais íntimo de si mesmo uma forma de se ligar a Deus. Por vezes, esta também define o seu caminho espiritual e ascético por isso, podemos dizer que neste caminho até ao interior «o homem entende-se a si mesmo como espírito e define-se como espírito»¹²⁰, porque a dimensão do espírito foi, na tradição cristã, o modo como se designou o centro da existência. A título de exemplo, S. Paulo diz-nos:

«Quanto a nós, não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que vem de Deus, para podermos conhecer os dons da graça de Deus. E deles não falamos com palavras que a sabedoria humana ensina, mas com as que o Espírito inspira, falando de realidades espirituais em termos espirituais. O homem terreno não aceita o que vem do Espírito de Deus, pois é uma loucura para ele. Não o pode compreender, pois só de modo espiritual pode ser avaliado. Pelo contrário, o homem espiritual julga todas as coisas e a ele ninguém o pode julgar» (1 Cor 2, 12-15).

S. Paulo tenta dizer-nos que o caminho espiritual que fazemos e os dons que recebemos não são nossos, mas têm origem em Deus. Por isso, neste caminho até ao interior contamos com a presença de Deus, para a nossa construção espiritual.

¹¹⁸ Beniamino della TRINITÀ - «Teología Espiritual» in *Diccionario de Espiritualidad*. Barcelona: Editorial Herder, 1984, tomo III, 464 a 471.

¹¹⁹ Saturnino GAMARRA - *Teologia Espiritual*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1994, 33.

¹²⁰ Saturnino GAMARRA - *Teologia Espiritual*, 34.

No caminho até ao transcendente, uma forma de buscar o encontro com Deus, nesta dimensão de mistério, é desligar-se das coisas mundanas para se ligar ao Criador em espírito e verdade. É como se o homem buscasse neste caminho uma passagem até Deus, que o encontra na dimensão do mistério, por isso o homem busca nos sacramentos e na palavra de Deus esta ligação ao transcendente.

No caminho até aos outros esta é uma dimensão essencial, que por vezes não entra na vivência contemplativa do homem, visto que «o homem enquanto espírito está aberto ao universal e comprometido com ele, transcendendo as suas próprias fronteiras, é conduzido até aos outros e à atuação com o mundo»¹²¹. Nesta dimensão notamos que a sua realização é feita a partir da comunhão, da relação e do diálogo. O homem tende a relacionar-se com os outros a partir do diálogo, partilhando também a sua espiritualidade, e a relacionar-se com o outro na busca e na construção de um caminho espiritual. Este caminho de doação rumo à alteridade tem a sua fundamentação num dos mandatos de Cristo¹²², isto é, o amor ao próximo, que ocupa não só um ponto de partida neste caminho como é o princípio de uma relação de entrega espiritual entre o homem e Deus. Por isso, podemos dizer que o amor ocupa um lugar central neste caminho espiritual em direção aos outros.

Estas três dimensões auxiliam a vivência espiritual do homem no seu caminho. Cada uma delas destaca a parte antropológica existente no caminho. Este caminho não está completo se não houver as três dimensões, porque o ser humano é um ser antropológico, espiritual e social, pois «a vida e a espiritualidade não se entendem separadas»¹²³, mas complementam-se uma à outra.

¹²¹ Saturnino GAMARRA - *Teologia Espiritual*, 35.

¹²² Cf. Saturnino GAMARRA - *Teologia Espiritual*, 36.

¹²³ Saturnino GAMARRA - *Teologia Espiritual*, 43.

É neste sentido, que na época contemporânea surge uma nova espiritualidade, a espiritualidade do diálogo. Quando se fala desta espiritualidade procura-se destacar o verdadeiro diálogo que existe entre o crente e Deus. Na época contemporânea, o diálogo foi feito de diversas formas, que não propriamente um diálogo, ou seja, quando se fala da espiritualidade do diálogo, pretende-se dizer que o crente busca outras formas para entrar em diálogo com Deus¹²⁴.

2.2. Teologia e Vivência do Sagrado Coração de Jesus

O encontro entre o crente e Deus foi feito por determinadas vias que se desenvolveram na vida quotidiana do crente. O encontro com Deus fez-se, por exemplo, a partir da devoção ao Sagrado Coração de Jesus, que não é uma devoção exclusiva da época contemporânea, mas que já existe desde o século XII na vivência espiritual dos crentes¹²⁵.

Apesar da existência deste culto já de há muitos séculos, foi Henri Ramière (1821-1884) quem mais “lutou” durante a segunda metade do século XIX para que este culto fosse difundido em toda a Igreja. Para que isso acontecesse, ele levou a cabo uma série de construções de basílicas para a devoção deste culto¹²⁶.

¹²⁴ François Varillon, no seu livro “*O sofrimento de Deus*” afirma que «É difícil acreditar em Deus quando Ele é concebido como um «deserto». A Solidão com Deus acalma, mas a solidão sem Deus calcina. Por vezes, a solidão no meio dos homens é tão insuportável que se está disposto a tudo para lhe escapar. O próprio Deus torna-se, neste caso, um recurso que se «utiliza» como meio». in François VARILLON, *O Sofrimento de Deus*. Braga: Apostolado da Oração, 1996, 92-93.

¹²⁵ A devoção só começou a ser mais falada no século XVII com S. Juan Eudes e sobretudo com St^a Maria de Alacoque. Porém, a devoção atinge o seu auge no século XIX quando Pio IX estende a festa a toda a Igreja. In Cf. José Maria de La CRUZ, MOLINER, O.C.D., *Historia de la Espiritualidad. A Espiritualidad Católica. Espiritualidades del Renacimiento, barroca e ilustrada, romântica y contemporânea*. Barcelona: Juan Flors Editor, 1969, 495.

¹²⁶ Cf. Luigi BORRIELLO, Giovanna Della CROCE e Bruno SECONDIN - *La spiritualità cristiana nell'età contemporanea*, Roma: Edizioni Borla, 1985, 104.

Esta devoção desenvolve-se de tal maneira, que «D'Hulst chamou ao século XIX de *o século do Sagrado Coração*»¹²⁷, pois é neste século que a maioria das congregações que surgem inspiraram-se espiritualmente no Sagrado Coração de Jesus. A título de exemplo temos o Padre Léon Dehon (1843-1925), que desenvolveu uma espiritualidade própria em torno do Sagrado Coração de Jesus, onde «a verdadeira devoção consiste na *união* com o Coração de Jesus, tornando-o alma da própria adoração, instrumento do louvor de Deus. Alargando esta fundamental distinção em sentido eclesial»¹²⁸.

Dentro da devoção destaca-se a intimidade que o crente deve manifestar ao Sagrado Coração de Jesus, para que possa viver um verdadeiro encontro ternurento. Nela destaca-se a intimidade que o crente deve manifestar ao Sagrado Coração de Jesus, para que possa viver um verdadeiro encontro ternurento. Talvez seja por isso, que a «A Palavra «Sagrado Coração» designa não somente o coração de carne de Jesus, ele designa também o amor de Jesus dado ao coração de carne no seu sentido natural»¹²⁹. Sempre que contemplamos o coração de Jesus sabemos que «o sagrado coração é sempre Jesus porque é a pessoa do verbo encarnado»¹³⁰. A partir disto, compreendemos que a devoção não é símbolo de um só amor, mas ele é símbolo de todos os sentimentos da alma¹³¹. Desta forma, olhar para o Sagrado Coração de Jesus como um ato de ternura é destacar entre o crente e Jesus um caminho de amor, que se vive em três dimensões diferentes: «substitutiva, penitente e eucarística»¹³², às quais o autor refere como três dimensões da reparação.

¹²⁷ Luigi BORRIELLO, Giovanna Della CROCE e Bruno SECONDIN - *La spiritualità cristiana nell'età contemporanea*, 105.

¹²⁸ Luigi BORRIELLO, Giovanna Della CROCE e Bruno SECONDIN - *La spiritualità cristiana nell'età contemporanea*, 106.

¹²⁹ Auguste HAMON - «Coeur (Sacré)», in *Dictionnaire de Spiritualité Ascétique et Mystique*. Paris: Ed. Beauchesne, 1953, Tomo II-A, 1023 a 1046.

¹³⁰ Auguste HAMON - «Coeur (Sacré)», in *Dictionnaire de Spiritualité Ascétique et Mystique*, 1023 a 1046.

¹³¹ Cf. Auguste HAMON - «Coeur (Sacré)», in *Dictionnaire de Spiritualité Ascétique et Mystique*, 1023 a 1046.

¹³² Luigi BORRIELLO, Giovanna Della CROCE e Bruno SECONDIN - *La spiritualità cristiana nell'età contemporanea*, 106.

Falar destas três dimensões é completar a devoção ao Coração de Jesus. Esta comporta uma dimensão mais importante: a dimensão reparadora da Eucaristia. Esta ocupa um lugar central na devoção ao Coração de Jesus, pois, adorar a Eucaristia é olhar para ela como “parte integrante” do Coração de Jesus¹³³. É por isso que alguns teólogos da espiritualidade afirmam que a adoração da Eucaristia é um caminho espiritual ao encontro com o Sagrado Coração de Jesus. O Pão que se contempla e se adora é a carne de Jesus que nos foi dada pelo próprio na última ceia, pois, isso é uma doação de amor que chega até nós, quando contemplamos o Coração de Jesus. Este traz consigo um Coração espiritual da essência divina Daquele que se entregou por nós, sendo a adoração à Eucaristia um caminho e um ponto de encontro entre o crente e Jesus.

Quando se fala na devoção ao Sagrado Coração de Jesus, o crente procura encontrar nele a vivência do seu amor, onde «Teologicamente se pode afirmar, que o termo próprio deste culto é o Coração de Jesus, visto como símbolo do seu amor, contudo é melhor dizer que, é o mesmo Jesus considerado em seu amor, e se revela a nós com o símbolo do seu Coração»¹³⁴. Esta devoção surge na vida do crente, em primeiro lugar como uma forma de vida, onde acaba por encaminhar a sua vida ao contexto da espiritualidade e, só mais tarde, é que surge como doutrina teológica.

É importante destacar que esta devoção não parte apenas do crente, mas é-nos referenciado também a partir da sagrada escritura. O evangelho de S. João parece ser o fundamento essencial para esta devoção (Jo 19, 37), porque nos permite compreender duas coisas essenciais: em primeiro lugar quando se trespassa o lado de Cristo onde brota sangue e água, o sangue é como que a nossa redenção e a água é como que o dom do espírito que desce sobre nós; em segundo quando é o próprio evangelista a convidar à

¹³³ Cf. Luigi BORRIELLO, Giovanna Della CROCE e Bruno SECONDIN - *La spiritualità cristiana nell'età contemporanea*, 107.

¹³⁴ A. TESSAROLO - «Corazón de Jesús (devoción al)» in *Diccionario de Espiritualidad*. Barcelona: Editorial Herder, 1984, tomo I, 492 a 499.

contemplação do trespassado. Este convite feito pelo evangelista parece ser o fundamento essencial para o culto ao Coração de Jesus¹³⁵.

A devoção ao Coração de Jesus não tem como objetivo destacar na vida espiritual de cada crente o sofrimento, mas antes em conduzi-lo à vivência do amor de Deus, por isso é que não é apenas mais uma devoção entre outras, mas a alma de todas as outras. No fundo, esta devoção não é apenas um complemento à vida espiritual do crente, mas deve estar marcada no caminho de espiritualidade que o crente traça e desenha ao longo da sua vida. Quando se procura destacar, na vida espiritual, as principais características desta devoção encontramos uma relação entre a vivência de fé e a vivência espiritual. No fundo, o crente parte da fé que tem em Deus e em Jesus, para encarar na sua vida um caminho em direção ao amor que se traduz no verbo encarnado.

Quando Cristo diz “Permaneça em mim, que Eu permaneço em vós” (Jo 15,4) ou “Assim como o Pai me tem amor, assim Eu vos amo a vós. Permanecei no meu amor” (Jo 15,9) revela o verdadeiro convite aos homens para que cada um habite no Seu amor, porque Ele habita em nós. A devoção ao Coração de Jesus destaca esse amor que vem de Deus, presente no verbo encarnado, e que chega até nós, que o vivemos nesta devoção. Contudo, esta devoção não só exprime esse amor, como também destaca que «o rosto, as chagas, o sangue de Jesus são o testemunho do amor que comove qualquer espírito»¹³⁶. Aqui é destacada a experiência interior, porque ao olharmos para as características somáticas do sofrimento de Cristo, cresce no nosso interior o caminho espiritual de amor ao sofrimento de Cristo. Esse caminho encontra a sua via no lado trespassado onde brotam, não só os sacramentos, mas também a essência espiritual para o encontro com o santuário do Coração de Jesus¹³⁷.

¹³⁵ Cf. A. TESSAROLO - «Corazón de Jesús (devoción al)» in *Diccionario de Espiritualidad*, 492 a 499.

¹³⁶ A. TESSAROLO - «Corazón de Jesús (devoción al)» in *Diccionario de Espiritualidad*, 492 a 499.

¹³⁷ Cf. A. TESSAROLO - «Corazón de Jesús (devoción al)» in *Diccionario de Espiritualidad*, 492 a 499.

Falar desta espiritualidade sem compreender a essência do Coração é viver uma espiritualidade nua. Se falamos de Coração não é porque destacamos uma realidade somática, mas sim uma fusão entre o coração humano e o Coração de Deus, neste sofrimento que nos conduz ao amor. Os místicos, por sua vez, falam de «intercâmbio de corações»¹³⁸; basta olhar a expressão de S. Paulo na Carta aos Gálatas: «Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim. E a vida que agora tenho na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus que me amou e a si mesmo se entregou por mim» (Gal 2,20). Aqui está a entrega do Coração e a entrega do espírito, o amor que Deus dá através verbo encarnado. Por isso, assim como S. Paulo afirma que Cristo vive nele, também no nosso caminho espiritual é Cristo que está connosco e vive em nós.

Viver a espiritualidade do Coração de Jesus é também vivê-la dentro de um contexto verdadeiramente missionário. No fundo, a «espiritualidade ao Coração de Jesus é sobretudo preocupação e compromisso para responder ao amor de Deus em Cristo»¹³⁹ e responde-se a este amor de Deus quando nos abandonamos a nós próprios e vamos ao encontro do outro, no qual manifestamos este amor que surge na Cruz.

Por isso, podemos dizer que, neste caminho de fé, quando vamos ao encontro do outro entregamos-lhe não uma virtude meramente especial, mas uma atitude interior na qual se manifesta a fé e a caridade em nós pela presença de Cristo no nosso caminho espiritual¹⁴⁰. Em última instância, é na caridade que encontramos a forma de alcançarmos o verdadeiro amor que Deus tem por nós. Essa caridade vive-se nesta entrega que Deus faz através de Seu Filho¹⁴¹, porque Ele doa o seu Filho para que sejamos salvos por esse amor. É uma caridade plena porque é dada por Deus na cruz.

¹³⁸ A. TESSAROLO - «Corazón de Jesús (devoción al)» in *Diccionario de Espiritualidad*, 492 a 499.

¹³⁹ A. TESSAROLO - «Corazón de Jesús (devoción al)» in *Diccionario de Espiritualidad*, 492 a 499.

¹⁴⁰ Cf. A. TESSAROLO - «Corazón de Jesús (devoción al)» in *Diccionario de Espiritualidad*, 492 a 499.

¹⁴¹ Cf. Jesús ESPEJA - *La Espiritualidad Cristiana*, 221.

A essência da teologia do Coração de Jesus convida o crente à busca do amor de Deus na representação do Coração de Jesus, destacando o enorme significado que tem na vida do crente. Desta forma, a teologia do Coração de Jesus é desde o primeiro momento marcado pelo amor, daí a presença do Coração como característica do amor¹⁴². Se efetivamente há uma crença nele é porque «cremos que Deus é homem e a humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo é a humanidade do verbo encarnado»¹⁴³. Ao acreditarmos na presença carnal de Cristo manifestamos um encontro de fé entre a encarnação e o Coração de Jesus. Mais uma vez, destaca-se que isto é feito pelo amor que Deus tem para com a humanidade. Aqui não vemos um amor simples, mas extraordinário. É um amor que acabará por restaurar a humanidade ferida pelo pecado. Ele salva a humanidade e o crente vê nisso um alicerce para o seu caminho espiritual. Este alicerce é o amor. Aqui o amor é divino e não carnal, por isso a entrega de Jesus na cruz vai despertar no homem o seu ser divino por isso, o seu coração liga-se ao de Cristo. Esta ligação é uma ligação espiritual, porque o homem vê em Cristo o toque misericordioso de Deus e reflete-o em si daí que «o culto ao Coração de Jesus pode levar-nos a amar o Senhor, não somente nos tira o nosso amor próprio como também realiza um verdadeiro milagre na vida espiritual»¹⁴⁴.

A Cruz não destaca só a sabedoria divina, mas como ainda convida o crente a sentir o amor de Deus. Este amor vive-se quando o crente se liga ao Coração de Cristo, na sua vivência espiritual da Cruz. Se contemplarmos de perto a via-sacra de Jesus até à morte na Cruz, sentimos a presença viva do seu Coração. Em determinados momentos, este amor é de tal forma direto que o crente deixa-o entrar em si. Quando Jesus profere as seguintes palavras: «Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?» (Mt 27,46), não

¹⁴² Cf. Jesus SOLANO - *Teologia y Vivencia del Culto al Corazon de Cristo*. Madrid: Editorial EDAPOR, 1979, 69

¹⁴³ Jesus SOLANO - *Teologia y Vivencia del Culto al Corazon de Cristo*, 69.

¹⁴⁴ Jesus SOLANO - *Teologia y Vivencia del Culto al Corazon de Cristo*, 76.

se deve interpretar como se se tratasse de um abandono de Deus, mas a realização do amor de Deus, daí que olhemos para esse momento como um sacrifício misericordioso do Pai para com o Filho¹⁴⁵, onde Cristo deixa a sua humanidade e se entrega totalmente a Deus. Todo o caminho é a pura manifestação do amor de Deus, desde o beijo no monte das oliveiras até ao suspiro final.

A teologia do Coração de Jesus liga-se também à dimensão contemplativa. Olhar para ele é também olhar para a intimidade em Deus, na relação entre Deus Pai e Cristo. Por vezes o crente sente essa necessidade por isso, liga-se à dimensão contemplativa. Esta visa elevar o homem ao encontro espiritual com Deus.

O homem não olha apenas espiritualmente para esta intimidade, como também se debruça sobre o sentido espiritual que este amor pode trazer para si. Aqui destaca-se o papel dos grandes santos e místicos que se entregam ao Coração de Jesus na sua totalidade. Na busca pela dimensão espiritual eles elevaram-se de tal forma que se sentiram ligados. Desta forma dá-se a referida fusão de corações: a ligação plena entre os santos e Deus omnipresente.

2.3. O Coração de Jesus à luz do magistério (século XIX e XX)

Da parte do magistério, é o Papa Leão XIII quem procura esclarecer o culto ao Sagrado Coração de Jesus, com a encíclica “*Annum Sacrum*”, onde afirma:

«Jesus Cristo, nosso Deus e nosso Redentor, é maximamente rico e possui perfeitamente todas as coisas [...]. Ele de modo algum rejeita a doação e a consagração de nós mesmos a Ele daquilo que já é d'Ele, como se fosse realmente nosso o que Lhe damos; longe de se

¹⁴⁵ A minha intenção aqui não é interpretar biblicamente a frase, mas dar-lhe um contexto espiritual ao assunto que se trata.

recusar tal oferta, Ele isso deseja positivamente e mesmo nos pede: "Meu filho, dá-me o teu Coração»¹⁴⁶.

Leão XIII pretende explicar o caminho a que Cristo nos convida a seguir: um caminho de doação e entrega. É como uma entrega espiritual do homem para Cristo. Por isso, o Papa interpreta o mistério do Coração de Jesus como um ato de infinita misericórdia. Este ato de misericórdia é assinalado pelo Papa a partir da sua vivência expressa na mesma encíclica:

«E uma vez que existe no Sagrado Coração um símbolo e uma imagem sensível do amor infinito de Jesus Cristo, que nos move a pagar amor com amor, é tanto mais conveniente consagrar-se ao Seu Sacratíssimo Coração - um ato que é nada mais do que uma oferta e uma ligação de si mesmo a Jesus Cristo, visto que toda honra, amor e veneração que é dada a este divino Coração é real e verdadeiramente dada ao próprio Cristo»¹⁴⁷.

Há, como já referimos atrás, uma fusão de corações entre o coração do homem e o Coração de Cristo. Ele fala num coração real e a sua realidade, consegue-se ao contemplar a união espiritual de ambos os corações. É como se, entre o homem e Cristo, formassem uma só carne, um só Coração, que juntamente bate para alcançar uma perfeita harmonia espiritual entre o homem e Cristo.

Para o Papa, a única forma de efetivamente fazer prevalecer o mistério do Coração vivo em nós é pela consagração universal, uma consagração que fará com que cada espírito se eleve simultaneamente com outros em direção ao Pai. Para tal, exorta-nos com estas palavras:

«a todos os que conhecem e amam este divino Coração a, de boa vontade, realizar este ato de consagração; além disso, é nosso sincero desejo que todos possam fazê-lo no mesmo dia, de modo que as aspirações de tantos milhares de pessoas que estão realizando esse ato de consagração possam subir, ao mesmo tempo, ao trono de Deus»¹⁴⁸.

¹⁴⁶ LEO PP. XIII, *Annum Sacrum*, 25 de maio de 1899 in AAS, vol. XXXI (1898-1899), pp. 646-651 (Bibliografia retirada do próprio site do Vaticano, indicada sobre um asterisco).

¹⁴⁷ LEO PP. XIII, *Annum Sacrum*, 646-651.

¹⁴⁸ LEO PP. XIII, *Annum Sacrum*, 646-651.

Esta encíclica não procura esclarecer o mistério do Coração de Jesus, mas antes procura auxiliar as pessoas a construírem, na sua consciência, um encontro espiritual com a dimensão da fé. Foi por isso que, grande parte dos santos e dos fundadores de institutos religiosos, viram no mistério do Coração de Jesus uma forma de viver o amor e de sentir o amor de Deus e fazê-lo sentir nos outros. Diz o Papa: «Tal ato de consagração, uma vez que pode estabelecer ou esboçar mais estreitamente os laços que ligam naturalmente as nações com Deus, dá aos Estados a esperança de coisas melhores»¹⁴⁹. Na visão do Papa, este mistério pode ajudar a construir um lugar melhor e a auxiliar os governantes na busca da paz.

Contemplar o mistério do Coração de Jesus é colocar nele as nossas raízes, para que possamos construir a nossa vida de fé, pois «no Sagrado Coração todas as nossas esperanças devem ser colocadas, dele devemos implorar e esperar a salvação»¹⁵⁰. Este mistério é proposto pelo Papa como caminho de salvação. Olhar o mistério e colocar nele a nossa esperança é viver já uma “*parusia*” adiantada, porque sabemos que podemos encontrar no Coração de Jesus a salvação.

A caridade de Deus apresenta-se como um eixo importante na vida dos fiéis. No entanto, quando esta se vê enfraquecida, torna-se necessário e urgente revitalizá-la. Para colmatar tal debilidade no povo de Deus, o Papa Pio XI introduziu, como ponto de partida, a devoção ao Sagrado Coração de Jesus:

«quando a caridade dos fiéis enfraquecia, a caridade de Deus apresentava-se para ser honrada com culto especial, e os tesouros de sua bondade descobriram-se pela aquela forma de devoção que temos ao culto do Coração Sacratíssimo de Jesus»¹⁵¹.

¹⁴⁹ LEO PP. XIII, *Annum Sacrum*, 646-651.

¹⁵⁰ LEO PP. XIII, *Annum Sacrum*, 646-651.

¹⁵¹ PIUS PP. XI, *Miserentissimus Redemptor*, in *AAS* 20 (maio 1928), 166.

É de notar a relação viva que o Papa expressa e propõe nesta encíclica. É redutor idealizar o Coração de Jesus apenas como meio para chegar a Deus, mas é potencializador confiar-se a Ele como guia e caminho espiritual:

«Mas entre tudo quanto propriamente se refira ao culto do Sacratíssimo Coração de Jesus, salienta-se a piedosa e memorável consagração com que nos oferecemos ao Coração Divino de Jesus, com todas nossas coisas, reconhecendo-as como recebida da eterna bondade de Deus»¹⁵².

Da parte do Papa, esta parece ser uma consagração que se encontra com cada um de nós e se manifesta como lugar de partida para a contemplação deste Coração. A «eterna bondade de Deus»¹⁵³, que Pio XI refere, é uma forma de manifestar a presença próxima do Coração de Jesus. Para este Papa o principal na consagração é a manifestação do amor do Criador à criatura¹⁵⁴.

Nesta devoção destacamos a magnífica semelhança entre os homens e Deus. A relação dos membros em Igreja só se concretiza com Cristo, pois, Ele é a *cabeça*. Na nossa vida, a dinâmica de fé cresce à medida que nos encontramos mais próximos de Deus. Por isso, o Papa salienta esta semelhança destacando que somos um membro:

«Há uma semelhança maravilhosa dos fiéis com Cristo, semelhante como a que há entre a cabeça e os demais membros do corpo, e assim mesmo uma misteriosa comunhão dos santos, que pela fé católica professamos, por onde os indivíduos e os povos não só se unem entre si, mas com Jesus Cristo que é a cabeça»¹⁵⁵.

Na continuação da encíclica o Papa refere que a cada século que passe, recorda-se a entrega de Cristo em prol do homem. Sabendo as atrocidades que Cristo sofreu, vemos o mistério do Coração de Jesus como um exemplo a contemplar por conseguinte,

¹⁵² PIUS PP. XI, *Miserentissimus Redemptor*, 167.

¹⁵³ PIUS PP. XI, *Miserentissimus Redemptor*, 169

¹⁵⁴ Cf. PIUS PP. XI, *Miserentissimus Redemptor*, 169.

¹⁵⁵ PIUS PP. XI, *Miserentissimus Redemptor*, 172.

somos convidados a procurar nele uma relação de proximidade. Não é a apenas um Coração, mas é a figura de Cristo nesse Coração.

Nesta construção de fé, a busca da reparação dos pecados tem o seu fim na Cruz. Cristo entrega-se por nós na Cruz para a remissão dos pecados. O amor com o qual Ele se deixa guiar é a mais pura forma de confiar no Pai. A reparação dos pecados coloca os fiéis a discernir esta dinâmica, ou seja, levando-os a desejar, também, a reparação das culpas alheias. «Quando os fiéis meditam piedosamente tudo isto, não podem deixar de sentir, tocados pelo amor de Cristo angustiado, a ânsia ardente de expiar as suas culpas e as dos outros, de reparar a honra de Cristo, de socorrer a saúde eterna das almas»¹⁵⁶.

Por fim, o Papa destaca o papel que esta devoção teve e tem na Igreja. Vários foram as pessoas que dedicaram a sua vida a Cristo tendo como centro o Coração de Jesus. Nestes podemos encontrar a verdadeira essência da espiritualidade a este culto. Deixaram tudo e partiram para a terra que Deus lhes indicou e preparou (Cf. Gn. 12,1): cada um constitui a figura de Abraão, mas cada um levou no seu coração o amor a Deus. Eles não só foram testemunhas de Cristo naquelas terras como também constituíram o ponto de encontro entre aqueles povos e Deus, dando-lhes o Coração de Jesus, como o verdadeiro lugar de encontro.

O Papa Pio XII, na sua encíclica “*Haurietis Aquas*”, começa por lamentar-se da falta de culto por parte dos fiéis. Na sua análise:

«há quem creia que este culto, longe de ser um poderoso meio para estabelecer e renovar os costumes cristãos na vida individual e familiar, é antes uma devoção sensível não enformada em altos pensamentos e afetos, e, portanto, mais própria para mulheres do que para pessoas cultas»¹⁵⁷.

¹⁵⁶ PIUS PP. XI, *Miserentissimus Redemptor*, 176.

¹⁵⁷ PIUS PP. XII, *Haurietis Aquas*, in *AAS* 48 (maio 1956) 312.

Na sua linha de pensamento, o Papa Pio XII louva os seus predecessores por dedicaram momentos do seu ministério petrino ao culto do Coração de Jesus. Para o próprio, louvar este culto é manifestar a grandíssima a fé ao Coração de Jesus.

A nossa ligação a este culto só acontece quando nos deixarmos unir a ele e, dessa forma, contemplar a essência e a verdadeira natureza do mesmo:

«Porque nós estamos plenamente persuadidos de que só quando à luz da divina revelação houvermos penetrado a fundo a natureza e a essência íntima deste culto, é que poderemos apreciar devidamente a sua incomparável excelência»¹⁵⁸.

É importante compreender como, ao longo dos anos, a profundidade e a essência deste culto foi aumentando, com diferentes visões e realidades. De notar que, quer esta encíclica “*Haurietis Aquas* (1928)” quer a “*Miserentissimus Redemptor* (1956)” foram escritas passado pouco tempo dos grandes confrontos mundiais. Parecem ser uma tentativa, em cada um dos pontífices, de agradecer a proteção e salvação dos povos.

O Papa faz referência neste culto ao mistério do verbo de Deus, procurando ligar este culto também à caridade divina que Deus manifesta ao homem¹⁵⁹. É uma caridade que brota do Coração trespassado do bom pastor brotando daí a caridade que Deus tem pelo homem. É, portanto, evidente a presença do mistério da redenção neste culto. A redenção é um ato de amor, fruto da providência e iniciativa de Deus, sendo mais que um sacrifício:

«o mistério da divina redenção é, antes de tudo e pela sua própria natureza, um mistério de amor: isto é, um mistério de amor justo da parte de Cristo para com seu Pai celeste, a quem o sacrifício da cruz, oferecido com Coração amante e obediente, apresenta uma satisfação superabundante e infinita pelos pecados do género humano»¹⁶⁰.

¹⁵⁸ PIUS PP. XII, *Haurietis Aquas* 315.

¹⁵⁹ Cf. PIUS PP. XII, *Haurietis Aquas* 316-316.

¹⁶⁰ PIUS PP. XII, *Haurietis Aquas* 321.

Cristo entrega-se pela caridade, pelo amor e pelo mandato do Pai. É um mandato de amor que Jesus suporta em favor da humanidade decaída. Esse mandato é, também, expresso por nós, na doação e entrega de fé que fazemos ao contemplarmos o Coração de Jesus. Na encíclica o Papa fala de um amor espiritual, sensível e divino. Para ele o amor que se lê no Antigo Testamento é um amor puramente espiritual, e o que está descrito no Novo Testamento, além de ser um amor ao Coração de Jesus, na sua relação com a caridade está também ligado ao sentimento humano¹⁶¹.

Cristo é igual a nós na sua realidade somática, com um coração que sentiu a dimensão humana de amor e de afeto, estando estes sentimentos em harmonia com a dimensão e vontade humanas. Ao estarem em harmonia, estavam também em caridade com o amor do Filho para com o Pai e com o Espírito Santo¹⁶², por isso, o Seu Coração está unido a Deus.

Este amor ocupa um lugar central na realidade humana. O amor tríplice que Dele brota é como uma ponte entre Ele e o homem, e «com muita razão, pois, o Coração do Verbo encarnado é considerado índice e símbolo do tríplice amor com que o divino Redentor ama continuamente o Eterno Pai e todos os homens»¹⁶³. Contemplar este amor é colocar o homem no centro da dinâmica divina, onde Cristo sacrifica-se para remissão dos nossos pecados, acabando por nos colocar no centro da dinâmica divina. Tudo isto não é visível aos olhos, pois, o Coração de Jesus só se torna visível quando o homem se deixa tocar por Ele. Toda a dinâmica do Coração de Jesus começa em simultâneo com o compromisso de Maria com Deus: o “faça-se” ou “aconteça-se” é já assumido desde cedo, assim como o Coração de Jesus¹⁶⁴.

¹⁶¹ Cf. PIUS PP. XII, *Haurietis Aquas* 322.

¹⁶² Cf. PIUS PP. XII, *Haurietis Aquas* 323-324.

¹⁶³ PIUS PP. XII, *Haurietis Aquas* 327.

¹⁶⁴ «O adorável Coração de Jesus Cristo pulsa de amor ao mesmo tempo humano e divino desde que a virgem Maria pronunciou aquela palavra magnânima: "Fiat", e o Verbo de Deus» - Pio XII, *Haurietis Aquas*, 329.

O Papa confirma que o Coração de Jesus palpita ao ver o sofrimento, ao saber que usam indignamente a Casa de Seu Pai (Cf. João 2, 13-16). É um Coração que palpita no sentido da misericórdia e que bate à medida que se aproxima a hora. Segundo o Papa, este palpitar não é um palpitar comum, mas um palpitar de amor invicto e compassivo¹⁶⁵. É na Cruz onde a exaltação dos sentimentos atinge o ponto mais elevado. Aí o Coração de Jesus palpita de diversas formas: «de afetos de amor ardente, de consternação, de misericórdia, de desejo inflamado, de paz serena»¹⁶⁶. Estes afetos colocam o Coração de Jesus no “auge” da sua compaixão e da sua misericórdia. Não é medo o que se vê nestas palavras¹⁶⁷, mas um entrega amorosa.

Devemos ir ao encontro deste Coração de Jesus contemplando nele não um Coração físico, mas antes espiritual, por isso:

«é legítimo e justo que, levados pelas asas da fé, nos elevemos não só à contemplação do seu amor sensível, porém a mais alto, até à consideração e adoração do seu excelentíssimo amor infuso, e, finalmente, num vôo sublime e doce ao mesmo tempo, até à meditação e adoração do amor divino do Verbo encarnado»¹⁶⁸

O Papa propõe um caminho da contemplação à adoração. É um caminho que passa por etapas e que se consolida no momento de adoração. Este discernimento implica no homem uma atitude de entrega e de amor, na busca, encontro e vivência deste sagrado Coração, isto porque em Cristo se encontra a natureza humana e divina, que necessariamente nos encaminha para este duplo amor espiritual: humano e divino¹⁶⁹.

O Sagrado Coração de Jesus deve ocupar um lugar central na vida do crente. Talvez seja por isso que o Papa considera «como a mais completa profissão da religião

¹⁶⁵ Cf. PIUS PP. XII, *Haurietis Aquas* 330-331.

¹⁶⁶ PIUS PP. XII, *Haurietis Aquas* 331.

¹⁶⁷ «Pai, perdoa-lhes; porque eles não sabem o que fazem» (Lc 23, 34); «Meu Deus, Meu Deus, por que me abandonaste?» (Mt 27, 46); «Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso» (Lc 23, 43); «Tenho sede» (Jo 19, 28); «Pai, nas tuas mãos entrego meu espírito» (Lc 23, 46) - Cito em rodapé, pois alguns destes textos já foram citados no corpo do texto. Aqui, servem apenas para completar a ideia.

¹⁶⁸ PIUS PP. XII, *Haurietis Aquas* 343.

¹⁶⁹ Cf. PIUS PP. XII, *Haurietis Aquas* 344.

cristã»¹⁷⁰. Isso deve-se ao facto de que, na ótica do Sumo Pontífice, este culto deve fazer parte do nosso quotidiano de fé. Para o mesmo, abraçar o Sagrado Coração de Jesus não deve constituir apenas um encontro, mas neste deve estar contido «o dever do amor e da expiação» para que possamos obter «da melhor maneira o seu próprio proveito espiritual»¹⁷¹. O amor ocupa o lugar central, não é apenas o amor que advém do Coração de Jesus, mas ele é o princípio do amor, no qual cada um deve preservar e manifestar aos outros.

Por fim, a devoção ao Coração de Jesus deve constituir uma escola da caridade divina, auxiliando a construção do reino de Deus e, ao mesmo tempo auxiliando o homem na sua caminhada de fé¹⁷².

As três encíclicas referidas acima procuram mostrar o desenvolvimento do culto ao Coração de Jesus. De uma forma conclusiva, todas elas convidam à centralidade do culto na vida do crente, onde cada um deve colocá-lo no centro do seu coração. Esta devoção constitui a maior devoção que o crente pode ter em relação a Deus. É um “tu-a-tu”, ou seja, é um dar-se sem medida, construindo no centro do coração o fio que liga o coração do homem ao Coração de Deus.

2.4. A Providência Divina e o Mistério da Cruz

Assim como a devoção ao Coração de Jesus ocupa um ponto de destaque na vida do crente, também o Mistério da Cruz e a Providência Divina sobressaem pelo inerente relevo que possuem.

¹⁷⁰ PIUS PP. XII, *Haurietis Aquas* 344.

¹⁷¹ PIUS PP. XII, *Haurietis Aquas*, 347.

¹⁷² Cf. PIUS PP. XII, *Haurietis Aquas*, 351-352.

O crente para construir a sua vida espiritual liga-se à Providência Divina para que possa viver a experiência de fé com mais intensidade é como que «o governo de Deus sobre o mundo, e também a execução no tempo do plano eterno de Deus»¹⁷³. A Providência é um caminho entre ele e Deus, por isso é que a Providência nunca falha. Podemos dizer que ela é infalível, porque nos planos de Deus está sempre presente¹⁷⁴. A Providência por ser o governo de Deus procura atuar de forma próxima, tomando conta das criaturas de forma amorosa e eficaz. Sabemos que «a providência de Deus ordena imediatamente todas e cada uma das criaturas para o seu fim»¹⁷⁵, pois, o contexto desta ordem não é tanto um mandato, mas sim um caminho que conduz cada criatura para um determinado fim. A ordenação dada por Deus aparece como instrumento espiritual para que o crente viva a sua fé com a finalidade que Deus lhe destina.

É neste sentido que surge, ligado à Providência, a espiritualidade providencial. No fundo, ela procura não só conduzir o crente ao amor de Deus, mas mostrar ao crente que o amor de Deus está em todas as coisas. Por isso, o crente ao deixar-se conduzir deposita a sua confiança e a sua fé na Providência. O cristão é um ser sábio, que sabe o papel que Deus tem para ele, por isso confia na Providência amorosa de Deus¹⁷⁶. Esta confiança vive no cristão de tal maneira que vê nela uma absoluta fortaleza por isso, sente que a Providência estará presente nos momentos de maior prova. É como se o crente se abandona para se ligar à Providência. É por isso que este abandono constitui uma das práticas espirituais mais importantes. Por vezes, o crente necessita de um apoio neste caminho de fé e encontro com Deus. A Providência como caminho sugere a busca de outros meios de se ligar a Deus, tal como a meditação e adoração da Cruz.

¹⁷³ José RIVERA e José Maria IRABURU - *Síntesis de Espiritualidad católica*, Navarra: Fundación Gratis Date, 1999, 19.

¹⁷⁴ Cf. José RIVERA e José Maria IRABURU - *Síntesis de Espiritualidad católica*, 20.

¹⁷⁵ José RIVERA e José Maria IRABURU - *Síntesis de Espiritualidad católica*, 23.

¹⁷⁶ Cf. José RIVERA e José Maria IRABURU - *Síntesis de Espiritualidad católica*, 25.

A Cruz é um outro sinal de encontro e de ligação com Deus. Para o crente a Cruz não é escândalo, mas glória, como diz S. Paulo: «A linguagem da Cruz é certamente loucura para os que se perdem mas, para os que se salvam, para nós, é força de Deus. Nós pregamos um Messias crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os gentios. Mas, para os que são chamados, tanto judeus como gregos, Cristo é poder e sabedoria de Deus» (1 Cor 1, 18.23-24).

A Cruz ocupa no crente «a suprema epifania de Deus, que é amor»¹⁷⁷, e representa a plenitude do amor que Deus tem por cada um de nós. Ela é «o significado primário: designa o instrumento de suplício em que Jesus Cristo morreu livremente para a redenção dos homens»¹⁷⁸. Dessa forma, quando o crente se liga ao Mistério da Cruz, no seu caminho espiritual, não se liga porque vê o sofrimento, mas vê o amor de Deus na morte de Cristo. Ela ocupa a centralidade da caridade, ou seja, revela a entrega plena de Cristo na Cruz, porque quando Deus deixa que Seu Filho morra na Cruz transmite ao crente a simbologia do amor sem medida¹⁷⁹, como diz S. João: «Tanto amou Deus o mundo, que lhe entregou o seu Filho unigénito, a fim de que todo o que nele crê não se perca, mas tenha a vida eterna. De facto, Deus não enviou o seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele. Quem nele crê não é condenado, mas quem não crê já está condenado, por não crer no Filho unigénito de Deus» (Jo 3, 16-18). A Cruz testemunha no crente a verdade certa do amor que Deus tem por cada um, por isso, quando o crente se liga, no seu caminho espiritual, à Cruz liga-se na certeza do amor de Deus por ele. Ela é, deste modo, a Providência de Deus em nós, «o selo de garantia da verdadeira espiritualidade cristã»¹⁸⁰.

¹⁷⁷ José RIVERA e José Maria IRABURU - *Síntesis de Espiritualidad católica*, 31.

¹⁷⁸ F. RUIZ - «Cruz» in *Diccionario de Espiritualidad*. Barcelona: Editorial Herder, 1984, tomo I, 509 a 512.

¹⁷⁹ Cf. José RIVERA e José Maria IRABURU - *Síntesis de Espiritualidad católica*, 32.

¹⁸⁰ José RIVERA e José Maria IRABURU - *Síntesis de Espiritualidad católica*, 33.

É de notar que, mais uma vez, temos pela parte de Deus a procura do amor ao próximo. Cristo apela a que haja entre nós um amor ao próximo, mas Deus quando entrega o Seu Filho para morrer na Cruz, é da parte de Deus a proclamação máxima deste amor ao próximo¹⁸¹. Por isso, a morte na Cruz não é humilhação, mas glorificação. Para S. Paulo a Cruz ocupa um lugar importante na sua evangelização. Ela não só representa a redenção dos homens, mas o maior meio de evangelização: «Julguei não dever saber outra coisa entre vós a não ser Jesus Cristo, e este, Crucificado» (1 Cor 2,2). Nesta vivência espiritual a Cruz faz parte de cada uma das pessoas. Compreendendo a Cruz como o lugar da plenitude da revelação de Deus, basta recordar as palavras do centurião romano: «Este era verdadeiramente o Filho de Deus!» (Mt 27, 54), esta tornar-se-á no lugar central na vida do fiel se cada pessoa encarar verdadeiramente a mesma, ligando-se, assim, a Deus, na pessoa de Cristo. Deve haver, por parte do ser humano, um apaixonamento a Jesus, porque é na medida em que surge esta “paixão” que o homem pode construir a sua vida espiritual e ligar-se a Deus.

François Varillon diz: «Quando Deus cria – eternamente para Ele, agora para nós – não ignora que o que cria luxuriante transforma-se em deserto, o que cria fulgurante torna-se noite, e a sua Beatitude torna-se cruz»¹⁸². No fundo, este autor coloca-se no papel daquele que julga, ou seja, o que é desnecessário a Deus torna-se um deserto, o que é necessário a Deus torna-se Beatitude. A Cruz para ele é o lugar da Beatitude, não só porque é a exaltação maior de Deus para com os homens, mas é porque lá se encontra o amor na plenitude. A expressão Beatitude não designa o que é santo, neste caso, mas sim o que é digno da presença de Deus. Aos olhos do crente, a Cruz deve ser encarada como a Beatitude máxima, porque é por ela que Deus se dá a cada um de nós. Ela torna-se,

¹⁸¹ Cf. José RIVERA e José Maria IRABURU - *Síntesis de Espiritualidad católica*, 33.

¹⁸² François VARILLON - *O Sofrimento de Deus*. Braga: Apostolado da Oração, 1996, 94.

desta forma, o olhar de Deus sobre a humanidade, que não só contempla a cruz como vê nela o ponto de encontro espiritual do olhar de Deus¹⁸³.

O Teólogo fala deste olhar como um beijo. De facto, o olhar de Deus deve despertar no crente um encontro fraternal. Quando recebemos um beijo recebemos porque somos importantes para quem o dá. Se a “cruz é um beijo de Deus” é porque Deus dá-a a quem é importante. Deus deu-a à humanidade, então é porque para Deus a humanidade é importante. Não devemos olhar a Cruz como um mero símbolo, mas como lugar de encontro entre homem e Deus. Por isso, a Cruz torna-se um beijo de Deus para a humanidade, mas também «O Espírito é o Beijo que une o Pai crucificante ao Filho crucificado»¹⁸⁴. Aqui não é só o Filho que é crucificado, mas também o Pai.

Jesus Solano coloca a Cruz na relação com o Coração de Jesus. Por isso ele vai falar da Cruz em várias dimensões, desde a dimensão da obediência até à dimensão do amor de Deus. Na sua teologia, procura na Cruz o sentido da obediência, tal como S. Paulo o fez. É evidente que Varillon pretende seguir a linha de S. Paulo, pois, a Cruz é obediência em contraposição ao pecado que é desobediência¹⁸⁵. Claro que, com isto, Varillon acaba por afirmar a grande missão de Cristo: livrar a humanidade do pecado de Adão. O próprio S. Paulo fala disto que por um só se desobedeceu, mas também por um só se alcançou o perdão (Rom 5, 19). Segundo ele, a Cruz é também a “glorificação” de Deus: «a cruz glorifica a Deus, enquanto o pecado tira a “honra” a Deus»¹⁸⁶, porque Cristo é entregue com o objetivo de nos livrar do pecado, mas não só. Esta glorificação também é a manifestação divina do amor de Deus para cada um de nós. Ela também pode ser vista, como já referimos, como «extremo “rebaixamento” e “humilhação” de Jesus Cristo; ao

¹⁸³ Cf. François VARILLON - *O Sofrimento de Deus*, 103.

¹⁸⁴ François VARILLON - *O Sofrimento de Deus*, 104.

¹⁸⁵ Cf. Jesus SOLANO - *Teologia y Vivencia del Culto al Corazon de Cristo*, 126.

¹⁸⁶ Jesus SOLANO - *Teologia y Vivencia del Culto al Corazon de Cristo*, 126.

invés, o pecado é “exaltação” e “soberba humana”»¹⁸⁷. No fundo, Solano procura mostrar o paralelismo entre a dimensão divina e humana. Pelo pecado exaltamos a soberba humana, e pela entrega injusta vemos a humilhação divina, mas é uma humilhação com um fundamento: a glorificação de Deus, pois, Cristo assume-se aqui como servo e, como tal, deixa-se humilhar para exaltar a glória de Deus¹⁸⁸.

Vemos também que a Cruz é o momento em que se testemunha a verdade. O pecado é a mentira, porque o pecado destaca a ação do diabo, daquele que divide o homem de Deus. No que lhe concerne, a Cruz é a verdade, e a ação redentora de Deus.

Por fim, podemos ver, que a Cruz é “aceitar a morte”, porque se trata do cumprimento da vontade de Deus¹⁸⁹. O grande exemplo deste cumprimento vem da carta aos hebreus:

«Vemos, porém, Jesus, que foi feito *um pouco inferior aos anjos, coroado de glória e de honra*, por causa da morte que sofreu, a fim de que, pela graça de Deus, experimentasse a morte em favor de todos. Pois, tal como os filhos têm em comum a carne e o sangue, também Ele partilhou a condição deles, a fim de destruir, pela sua morte, aquele que tinha o poder da morte, isto é, o diabo, e libertar aqueles que, por medo da morte, passavam toda a vida dominados pela escravidão» (Heb 2, 8. 14-15).

A Cruz é também o “amor do Pai”, porque na entrega do Seu Filho, exaltação plena do amor, Deus salva a humanidade.

Para Jesus Solano, «estes dados mostram que a redenção mediante a cruz foi uma sapientíssima “reordenação”»¹⁹⁰, porque, pela morte de Jesus, devolveu ao homem a dignidade que tinha sido perdida por Adão na desobediência a Deus. Ela coloca de novo o homem dentro do plano divino do amor, por isso «a cruz é obra maestra da divina sabedoria para ensinar ao homem o verdadeiro caminho da salvação»¹⁹¹.

¹⁸⁷ Jesus SOLANO - *Teologia y Vivencia del Culto al Corazon de Cristo*, 126-127.

¹⁸⁸ Cf. Jesus SOLANO - *Teologia y Vivencia del Culto al Corazon de Cristo*, 127.

¹⁸⁹ Cf. Jesus SOLANO - *Teologia y Vivencia del Culto al Corazon de Cristo*, 127

¹⁹⁰ Jesus SOLANO - *Teologia y Vivencia del Culto al Corazon de Cristo*, 128.

¹⁹¹ Jesus SOLANO - *Teologia y Vivencia del Culto al Corazon de Cristo*, 128.

Neste projeto espiritual, surge no século XIX uma corrente de espiritualidade que renasce, pela Propaganda Fide e também com o apoio das potências europeias estas por sua vez motivadas por interesses económicos, que é a espiritualidade missionária. No século XIX desenvolvem-se correntes de espiritualidade que são vocacionadas para a missão em África. Um dos grandes evangelizadores de África foi o Padre Daniel Comboni nascido em Verona e, que desde tenra idade que se sentiu vocacionado às missões em África.

Na sua primeira viagem, ele parte, ligado ao instituto missionário do Padre Mazza, um instituto italiano também vocacionado para as missões. De notar, que é graças ao seu zelo missionário e, movido pelo amor que tem por África, que se desenvolve as missões modernas no Sul do Sudão ¹⁹². A sua vida missionária e espiritual cresce ao longo dos anos, mas é em 1864 que ele tem a sua primeira etapa espiritual. Junto ao túmulo de S. Pedro, por ocasião da beatificação da Santa Margarida Maria Alacoque, Comboni teve o seu primeiro chamamento missionário e é aí que, em 1864 em Roma escreve «*o Plano para a Regeneração de África*». Este plano traçado por Comboni pretendia ir ao encontro das dimensões mais próprias do agir missionário da época. É de notar, que o objetivo deste plano era colocar o homem ao serviço dos povos de África e, até mesmo o Papa Pio IX se sentiu interessado em colocar este plano ao serviço de África ¹⁹³. Contudo, parecia impossível, aos olhos de algumas potências e também, em certa medida aos olhos da Igreja colocar um plano destes em funcionamento, por isso é que «A propaganda aconselhou-o a funda uma sociedade missionária iniciando um seminário em Verona»¹⁹⁴, é daqui que surgem, em 1867, os Padre de Verona apoiados pelas Irmãs de Verona. É por todo este trabalho, que em 1871, Comboni é nomeado Provigário Apostólico.

¹⁹² Cf. John BAUR - *2000 Anos de Cristianismo em África. Uma História da Igreja Africana*. Prior Velho: Edições Paulinas, 2014, 177.

¹⁹³ Cf. John BAUR - *2000 Anos de Cristianismo em África. Uma História da Igreja Africana*, 178.

¹⁹⁴ John BAUR - *2000 Anos de Cristianismo em África. Uma História da Igreja Africana*, 178.

Na sua missão em África, Comboni tinha o apoio dos cônsules europeus, que o auxiliavam economicamente nas suas missões em África. Comboni lutava diariamente contra o que achava de injusto e, não apoiava algumas atitudes existentes na época tais como a escravidão. Um dos grandes promotores, na época, era o Egito que secretamente escravizava pessoas e, Comboni lutava contra isso sem medo¹⁹⁵. No meio desta árdua luta, Comboni é nomeado em 1877 bispo e, mesmo assim nunca deixou de lutar. Sabemos que todo o trabalho de Comboni foi duplamente importante, porque se tratou de um modelo importante para as missões em África, porque na Europa concentrava-se o centro de recrutamento de africanos que recebiam formação e, no Cairo um centro de formação e aclimação¹⁹⁶.

Neste caminho da espiritualidade missionária, Comboni colocava nela implicações espirituais muito próprias e que eram referências devocionais do século XIX, tais como: «trazer tantas almas quantas fosse possível ao Sagrado Coração de Jesus, o Bom pastor»¹⁹⁷, a consagração dele e do seu vicariato à Maria, S. José era o responsável pela economia de todo o instituto, enfim formas devocionais que marcaram a vida de Comboni e de todo o instituto. Tudo isto foi marcando a vida de Comboni, o que o levou a dar um passo para a construção de uma espiritualidade muito própria. O grito principal de Comboni “*Nigrícia ou Morte*” é exemplo disso. Toda a sua ação foi sempre uma ação missionária que pudesse compreender o lugar onde se colocava. Por isso, desde as explorações, que só as queria conhecer com o intuito missionário até ao desenvolvimento de escolas foi sempre uma tentativa de Comboni compreender o seu campo de ação missionária, mas o importante disto foi também a passividade com que ele se colocou em relação à política. Estas atitudes marcaram a sua vida e a sua ação missionária.

¹⁹⁵ Cf. John BAUR - *2000 Anos de Cristianismo em África. Uma História da Igreja Africana*, 179.

¹⁹⁶ No fundo isto é um lugar onde os missionários se adaptavam ao clima, para que depois nas missões não viessem a morrer por causa da inadaptação do clima.

¹⁹⁷ John BAUR - *2000 Anos de Cristianismo em África. Uma História da Igreja Africana*, 182.

Capítulo III

A espiritualidade de Daniel Comboni – O seu amor espiritual por África

3.1. Breve Biografia de Daniel Comboni

Como já foi referido anteriormente, a sede pelas missões no continente Africano ganhou um novo impulso no século XIX. Esse novo ímpeto nota-se pela fundação de novos institutos missionários apoiados pela Propaganda Fide, mas também pelas potências europeias. Neste contexto e percurso de missionação, Daniel Comboni foi, nessa época, um dos responsáveis pela fundação de um instituto dedicado à atividade evangelizadora *ad gentes*.

Daniel Comboni nasce em 15 de março de 1831 e, em 20 de fevereiro de 1843 ingressa no instituto do Padre Nicolau Mazza, no qual recebe a sua formação dedicada à missionação. Em 31 de dezembro de 1854 é ordenado presbítero em Trento e, em 1857 fez a sua primeira viagem à África. Em 14 de setembro de 1864 junto ao túmulo de S. Pedro, em Roma, recebe a inspiração divina para a elaboração do «*Plano de regeneração de África*». Em 1 de junho de 1867, depois de ter sabido que já não pertencia ao instituto Mazza¹⁹⁸, funda o instituto missionário de Verona para a Evangelização da África Central. Em 1870 participa no Concílio Vaticano I como teólogo e escreve o *Postulado em favor dos negros da África Central*, de tal forma, que em 18 de julho do mesmo ano o Papa Pio IX aprova o postulado. Já em 1 de janeiro de 1872 funda o instituto das Pias Madres da Nigéria. Foi nomeado Bispo da África central a 11 de julho de 1877 e, em 1880 faz a sua oitava e última viagem a África e, em 10 de outubro de 1881 acaba por

¹⁹⁸ Carta dirigida ao padre Francisco Bricolo de 5 de abril de 1865, escritos nº 1040.

falecer em Cartum com pouco mais de 50 anos. Na sua última carta escreve «Eu sou a *cruz*, que levada de boa vontade por amor a Deus gera o triunfo e a vida eterna»¹⁹⁹.

3.2. A Vocação de Daniel Comboni como etapa espiritual

Daniel Comboni descobre, desde cedo, a sua vocação como missionário. A vivência no instituto do padre Nicolau Mazza ajuda-o a discernir, a partir dos exemplos que ouviu, a sua propensão para a atividade evangelizadora.

Numa carta dirigida ao padre Pedro Grana, Comboni expõe, como já o teria feito noutras vezes, o seu grande desejo «Como creio ter-lhe dito outra vez, estou inclinado a percorrer o árduo caminho das missões e, concretamente, desde há mais de oito anos, o das missões da África Central, que têm sido objeto de parte dos meus estudos»²⁰⁰. É uma vocação clara e de ardor interior que não despertou nele de repente, mas que já latente no seu coração desde a adolescência. «Em 1846, Daniel tem quinze anos, a idade dos ardentes ideais. Lendo a *História dos Mártires do Japão* entusiasma-se com o heroísmo da vida missionária. E decide: “serei missionário”»²⁰¹. Já noutra carta dirigida ao referido padre Pedro Grana, ele expõe a certeza da sua vocação. Para ele o diálogo com Deus faz parte do seu itinerário espiritual, ocupando na sua vida o ponto axial da sua existência. Nesta mesma carta, refere ao padre Pedro Grana que o padre Marani assegurou que a sua vocação para as missões de África era uma das mais seguras e evidentes²⁰².

Comboni vive esse desiderato numa entrega total e sem medidas. Contudo, encontrou resistências por parte dos pais, pois, não aceitam a sua escolha. Comboni era o

¹⁹⁹ Carta dirigida ao padre José Sembianti de 4 de outubro de 1881, escritos nº 7246.

²⁰⁰ Carta dirigida ao padre Pedro Grana de 4 de julho de 1857, escritos nº 3

²⁰¹ Ézio SÓRIO - *A Paixão de Daniel. Um profeta para os jovens de hoje*. São Paulo: Edições Loyola, 1990, 15.

²⁰² Cf. Carta dirigida ao padre Pedro Grana de 13 de agosto de 1857, escritos nº13.

único filho sobrevivente de oito filhos que os pais tiveram, por isso ele fica perturbado ao saber que a sua vocação pode estar em risco. Ele sente que essa resistência familiar é um risco, por isso é que acaba por se afirmar como um mártir «Se eu abandonar a ideia de me consagrar às missões estrangeiras, serei mártir por toda a vida de um desejo que nasceu no meu espírito há mais de 14 anos, e sempre cresceu, à medida que fui conhecendo a sublimidade do apostolado»²⁰³. Comboni entra assim num dilema pessoal e interior que parece não ter solução, mas busca em Deus o seu auxílio e também a resposta para a sua grande dúvida. Quando percebe que, por parte dos pais passa a haver uma aceitação da sua vocação, ele não só agradece aos pais, como também a Deus. Numa carta dirigida ao seu Pai em 27 de novembro de 1857, ele agradece aos seus pais por eles terem aceitado a sua vocação²⁰⁴. O seu agradecimento a Deus é um agradecimento puro, pois ele sabe que Deus atua na sua vida de forma plena:

«A vossa sorte é até ainda maior. Porque o vosso filho não só foi por vós encaminhado para o Céu, como foi chamado por Deus para a conversão dos infiéis e, portanto, a um estado em que tudo está orientado para mandar para o Céu outras almas, que agora se encontram nas trevas e nas sombras da morte. E este filho, que era todo o vosso património na Terra, consagraste-lo completamente a Deus, não reservando para vós mais que o perene sacrifício do seu afastamento e até da sua perda por amor de J. Cristo»²⁰⁵.

Ao lermos as cartas de Comboni, no que se refere à sua vocação, podemos chegar à conclusão que sua vocação é marcada por um traço espiritual equivalente aos traços espirituais dos Padres da Igreja. Comboni deseja ardentemente entregar-se à sua Nigéria e aos povos de África. É um desejo que se constrói no seu coração, mas sempre com o auxílio de Deus. Para ele a vocação exige um sacrifício de coração, daí que numa carta que ele dirige a Eustáquio Comboni, refere-se a isso:

²⁰³ Carta dirigida ao padre Pedro Grana de 4 de julho de 1857, escritos nº 6.

²⁰⁴ Cf. Carta dirigida ao Pai de 27 de novembro de 1857, escritos nº 162.

²⁰⁵ Carta dirigida ao Pai de 9 de dezembro de 1857, escrito nº 185.

«Sim, querido Eustáquio, ainda que para seguir a voz de Deus, confirmada pelos sinais mais certos e os indícios mais seguros, eu tenha tido que fazer um completo holocausto e sacrifício do meu coração, afastando-me dos mais queridos, com os quais estou unido pelos mais sagrados vínculos do sangue»²⁰⁶.

É uma vocação de entrega verdadeira, contemplando no seu caminhar as cruzes que dela possam advir. Comboni dispõe-se para o serviço sincero e verdadeiro e, coloca-se ao “sabor” de Deus para o que for necessário. Nas palavras que ele dirige ao padre José Sembianti, poucos meses antes de morrer, afirma mais uma vez a sua vocação «estou aqui exposto à morte, servindo o meu Jesus no meio de penas e cruzes, contente de morrer para salvar os pobres negros e para ser fiel à minha árdua, difícil e santa missão, ter-me-ia deixado guiar por baixos fins, indignos de um apóstolo da Nigéria»²⁰⁷. É de facto uma entrega sincera e de pleno encontro espiritual com Deus, pois, a Nigéria ocupou, no seu íntimo, um lugar especial de amor sem medida. Daí que a sua vocação constitui uma etapa espiritual na sua fé e na sua vida, o que o levou a escrever ao padre José Sembianti que «jamais se alojou no meu coração paixão alguma, a não ser a África»²⁰⁸.

Escrever sobre a vocação de Comboni é colocá-la no lugar de encontro entre ele e Deus. É de facto o ponto espiritual mais marcante na sua vida. Viver para a Nigéria sempre foi para ele um ato de fé e de discernimento concreto na sua relação com o mundo. A Nigéria foi para ele o “clímax” de toda a sua existência, por isso, é-se levado a contemplar em Comboni uma expressão de Pai de África.

²⁰⁶ Carta dirigida a Eustáquio Comboni de 12 de janeiro de 1858, escrito nº 195.

²⁰⁷ Carta dirigida ao padre José Sembianti de 9 de julho de 1881, escrito nº 6814.

²⁰⁸ Carta dirigida ao padre José Sembianti de 30 de agosto de 1881, escrito nº 6983.

3.3. A espiritualidade de Daniel Comboni

Traçar o caminho espiritual de Daniel Comboni é descrever uma via que vai da sua construção vocacional até ao encontro místico com Deus através das populações africanas e das suas terras.

De forma introdutória, na obra do padre Francesco Pierli desenvolve-se o itinerário espiritual de Comboni em etapas. Embora ele coloque a vida de Comboni e a sua espiritualidade em etapas, há coisas que são visíveis ao longo da vida. Por exemplo, o padre Francesco Pierli escreve que, entre 23 de fevereiro de 1834 até que parte para África a 3 de setembro de 1857 podemos observar quatro características típicas na sua personalidade «a glória de Deus como finalidade e caminho de toda a ação [...], o senso de dever inculcado nos alunos pela disciplina [...], a direção espiritual como meio implacável para descobrir a vontade de Deus [...] e a sensibilidade à história da Igreja que estava negligenciada nos seminários da época»²⁰⁹. Apesar de o padre Francesco destacar que estas características se encontram nesta primeira etapa é fácil encontrar cada uma delas ao longo da vida²¹⁰, contudo, estas preocupações norteavam também muito da vida de outros eclesiásticos para quem a realização pessoal se identificava com um aperfeiçoamento de conhecimento e de santidade.

No primeiro contacto com a missão (1857-1859), o padre Francesco Pierli afirma que é aqui que Comboni encontrará três vetores conexos concretos: a missão, o martírio e a morte²¹¹. É nesta época e nesta interação espiritual, que podemos encontrar uma referência concreta à cruz como «busca fundamental da ação missionária que se começa

²⁰⁹ Francesco PIERLI - *La personnalité de Comboni dans son développement historique: itinéraire spirituel*, in *Daniel Comboni profil historique-spirituel*. Roma: Missionaires Comboniens, 1982, 49-50.

²¹⁰ Irei falar de cada uma delas mais à frente neste capítulo no ponto a seguir.

²¹¹ Cf. Francesco PIERLI - *La personnalité de Comboni dans son développement historique: itinéraire spirituel*, in *Daniel Comboni profil historique-spirituel*, 52.

a desenhar no horizonte da sua vida»²¹². De certo modo a dimensão da Cruz é o lugar mais construtivo da sua identidade, porque por ela há um sentimento verdadeiro que toca no coração dele e, é como se a Cruz²¹³ fosse motivo de glória para ele, à semelhança do que diz S. Paulo aos Gálatas «Quanto a mim, porém, de nada me quero gloriar, a não ser na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo» (Gal 6,14).

No caminho de Comboni encontramos traços comuns a outros da sua época, mas que adquiriram nele um lugar de centralidade axial. Contemplar cada momento da vida dele é descobrir nas suas cartas um caminho espiritual que culmina no seu amor místico por África, tomada nas vivências e nas situações das suas populações. Contudo, falar de vida mística não é simplesmente «pensar num carisma, ou nomeadamente na graça extraordinária e gratuita concedida por Deus a uma alma particular para o bem da coletividade Cristã»²¹⁴, porque a vida mística vai para além disto. A vida mística surge no crente como uma etapa num caminho espiritual, por isso é que «quando entra uma sensibilidade doentia, isto é, não é controlada pela razão, e ainda mais pela fé, entra na vida espiritual uma inquietude que frequentemente compromete o desenvolvimento harmonioso da vida cristã»²¹⁵. Todavia, nenhum percurso é linear e por maiores convicções existentes, o percurso cristão é peregrinar de procura e descoberta através do qual se constrói a consciência. Daí que seja necessário para o crente um encontro harmonioso com Deus, mas que não leve nesse encontro à acentuação dos limites patológicos de cada um. Pode-se dizer que, no caminho espiritual, após as várias etapas

²¹² Francesco PIERLI - *La personalità de Comboni dans son développement historique: itinéraire spirituel, in Daniel Comboni profil historique-spirituel*, 53.

²¹³ Falarei da Cruz mais à frente neste capítulo.

²¹⁴ Antonio FURIOLI - *La Spiritualità*. Brescia: Editrice Morcelliana, 1981, 45.

²¹⁵ Antonio FURIOLI - *La Spiritualità*, 45.

espirituais, a vida mística surge como uma radicalidade de intimidade que, a jeito de Jesus Cristo, é uma vida aberta e centrada na alteridade.

Quando falamos da vida mística é colocá-la no patamar da oferta gratuita de Deus para nós e de nós para com os outros, donde o impulso do empenhamento e do serviço aos outros levam-nos ao testemunho na evangelização. Daí que seja necessário compreender que «o conceito é sempre o mesmo: *a perfeição no desenvolvimento da própria vocação pessoal*, isto é, a ideia eterna do amor de Deus por nós, que se realiza no tempo da nossa fastidiosa existência terrena»²¹⁶. Ela compreende a nossa atitude de fé e se manifesta na nossa “peregrinação” sobre a terra. Olhar para a vida espiritual e desconectá-la do nosso interior é perder o seu verdadeiro sentido, porque a vida espiritual representa a vida dos dons. Esses dons são dados por Deus e colocados ao nosso “serviço” pela ação do Espírito Santo para o serviço aos outros. É neste sentido que se compreender que só existe uma «uma vida mística quando a pessoa é “passiva” sob a ação do Espírito Santo»²¹⁷.

Ao olharmos para a vida deste missionário conseguimos «encontramos fatos que ultrapassam as capacidades humanas de compreensão. Portanto, eles indicam uma vida que não é mais a vida das virtudes, mas uma vida invadida pelos dons do Espírito Santo»²¹⁸, é de notar que na sua vida contempla uma simplicidade de amor ao outro e de uma entrega total. Daí que seja visível um sentimento aberto para com os outros por isso é, toda a vida dele foi uma contínua purificação na sua vida interior²¹⁹. É como se ele fosse a construir ao longo da sua vida as sucessivas etapas, mas sempre numa atitude de purificação. A entrega que ele faz de si para África é, primeiro, um deixar-se e entregar-se sem medida à orientação de Jesus, quando Ele diz «Ide por todo o mundo, pregai o

²¹⁶ Antonio FURIOLI - *La Spiritualità*, 47.

²¹⁷ Antonio FURIOLI - *La Spiritualità*, 47.

²¹⁸ Antonio FURIOLI - *La Spiritualità*, 48.

²¹⁹ Cf. Antonio FURIOLI - *La Spiritualità*, 49.

evangelho a toda criatura» (Mc 16,15) essa é missão máxima de Comboni, ou seja, ele larga tudo e vai ao encontro daqueles que verdadeiramente necessitam.

3.4. Itinerário espiritual de Daniel Comboni

Na vida deste missionário sobressai vários elementos importantes que constroem o seu itinerário espiritual e que nos encaminham para a vida mística de Comboni. Falar deste itinerário é pôr em evidência aquilo que foi mais importante para a vida espiritual de Comboni.

Aqui falamos de diversas características que são visíveis nos seus escritos, entre elas têm: a vocação (que já falamos no ponto anterior), um apoio da sua fé na glória de Deus, o abandono de si para Deus, a oração como caminho em direção a Deus, que traça o seu sentido místico, o seu grito místico “*Nigrícia ou Morte*”, o apoio espiritual no Coração de Jesus, a confiança na Providência divina, a relação pessoal com a cruz, o seguimento a Cristo, a presença de cristofanias, estas características espirituais auxiliam ao sentido místico de Comboni e que fazem parte do seu itinerário espiritual.

3.4.1. A oração e a relação com a caridade afetiva.

Um dos primeiros traços, e que está presente no seu caminho místico é a oração que ocupa a «atitude habitual de seu espírito diante do Pai»²²⁰. É como se a oração ocupasse o lugar central da sua força. A oração é para ele o auxílio nas suas dores e angústias. É de notar, que Comboni nunca descarta na sua vida a intercessão de Deus,

²²⁰ Antonio FURIOLI - *La Spiritualità*, 51.

talvez seja por isso que a oração ocupe toda a centralidade da sua fé, é como o “fermento” para a sua vida «A onipotência da oração é a nossa força»²²¹. São várias as cartas, que em vez de se ler como uma simples carta, poder-se-á ler como uma oração mística «Por isso reze e faça rezar para que tudo se arranje *para a glória de Deus e a salvação da Nigéria*. Isto quer Deus, isto deseja Comboni e por isso rezam os dois filhos africanos de S. Camilo. Se rezarmos, tudo será feito, porque Cristo cumpre como cavalheiro»²²². Ao falarmos da contemplação da oração, é mostrar que a oração ocupa o ponto de partida na sua essência contemplativa no diálogo com Deus, daí que «oração é o meio mais seguro e infalível para ter êxito nas obras de Deus até nas circunstâncias mais duras e difíceis»²²³. De notar, que ao falar de oração percebe-se que Comboni quer que haja em toda a sua dinâmica eclesial um contexto orante, talvez por isso, para ele «rezar e ter fé; mas rezar não com palavras, mas com o fogo da fé e da caridade»²²⁴. Com isto podemos dizer que rezar implica mais um contexto espiritual do que oral, pois, pelo sentimento espiritual se chega à contemplação máxima da oração que nos conduz à caridade.

Abordando ainda a dimensão espiritual e mística da oração compreendemos que ela tem uma dimensão da caridade, porque «a vida mística fundamentalmente é dada pela caridade, isto é, pelo amor de Deus»²²⁵. É neste sentido, que o caminho de Comboni se tornou um percurso espiritual e místico. A caridade é um lugar central em toda a realidade cristã, por isso, ele coloca a caridade num plano ainda mais superior, porque ao entregar-se inteiramente aos povos de África Comboni vive uma caridade afetiva²²⁶. Para ele a oração leva à caridade e ao amor pelos povos de África, imprimindo assim nele um sentimento central, ou seja, «o missionário em primeiro de tudo tem de ser um homem

²²¹ Carta dirigida ao Monsenhor Luís Canossa de 8 de setembro de 1869, escrito nº 1969.

²²² Carta dirigida ao padre Luís Artini de 27 de janeiro de 1870, escrito nº 2025.

²²³ Carta dirigida ao Cardeal Alexandre Barnabó de 26 de novembro de 1871, escrito nº 2624.

²²⁴ Carta dirigida ao padre José Sembianti de 13 de setembro de 1881, escrito nº 7063.

²²⁵ Antonio FURIOLI - *La Spiritualità*, 54.

²²⁶ Cf. Antonio FURIOLI - *La Spiritualità*, 54.

de oração, para que isto possa garantir a qualidade e a intencionalidade do seu apostolado»²²⁷. É importante que, o missionário ao entregar-se à causa do seu apostolado viva uma vida de oração. Esta é o meio principal de tornar o missionário próximo do seu ideal máximo que é a caridade. Esta caridade brota do Coração trespassado de Jesus, que chega até nós pela oração e, que se torna viva pelo encontro místico entre Jesus e o missionário. Note-se que:

«a caridade afetiva de Comboni pode ser considerada de diversos aspetos; por outro lado pode-se provar a sua caridade afetiva por diversas vias; pessoalmente prefiro considerá-la e demonstrá-la tramite da fortaleza de Comboni; por meio dessa forma de fortaleza que eu chamaria de magnanimidade. Fortaleza: é esse momento da alma que não se afasta de qualquer ameaça, que não se detém em nenhum obstáculo. Fortaleza heróica: é esse momento da alma que não vem antes das maiores dificuldades. manifesta-se no empreendimento corajoso e, mais ainda, em suportar o que é realmente difícil. Magnanimidade: é o compromisso de tudo pela maior glória de Deus e fazendo coisas dignas Dele»²²⁸.

Estas formas de ver a caridade afetiva só vão destacar neste missionário mais comprometimento com o caminho de e para Deus. Por vezes tenta-se fazer um caminho em direção a Deus ultrapassando várias etapas da vida espiritual, acabando por se perder a essência do verdadeiro caminho, por isso ele incute nos seus missionários a certeza e a vivência de cada etapa. A certeza e a vivência de cada etapa são asseguradas pela graça originária, por isso é que:

«atitude tão firme e resoluta de Comboni para a salvação da África não é dada pela virtude da fortaleza, ou seja, daquela fortaleza que é infundida e auxiliada pela graça ordinária. se assim fosse, a sua atitude teria sido guiada por uma linha humana prudente e não por aquela fortaleza de alma e por aquela fé vigorosa e audaciosa»²²⁹.

²²⁷ Antonio FURIOLI - *La Spiritualità*, 55.

²²⁸ Antonio FURIOLI - *La Spiritualità*, 56.

²²⁹ Antonio FURIOLI - *La Spiritualità*, 58.

Com isto podemos compreender, que a ação de Comboni não acontece pela ação humana, mas sim pela ação de Deus, ação essa que é vivida e manifestada pela fé fervorosa que ele tem por Deus e, que a coloca ao serviço dos povos de África. Com tudo isto, podemos dizer «que a fortaleza do Comboni é heroica, assim como também a suprema virtude, a caridade afetiva, é heroica nele»²³⁰, por isso é que ele se ligava a Deus, porque tinha nele uma caridade intensa pelos outros.

A caridade em Comboni é vista ligada à oração e, de certa forma, em analogia com o amor. É um amor, que parte da caridade e que ele vê em toda a sua ação eclesial tendo a certeza que Deus age na vida de cada um consoante a sua necessidade. Numa carta dirigida à Madame A. H. de Villeneuve diz-lhe sem problemas para que «Tenha em conta que a misericórdia de Deus é infinita e que é impossível que ele não tenha encontrado graça junto de Deus, depois de tantas orações e tanta entrega por parte da senhora, que foi uma esposa admirável e é uma mãe como nunca encontrei outra igual na Terra. Deus é caridade»²³¹. Ao afirmar que Deus é caridade está a colocar no centro da vida de cada um o apelo do dom da caridade àqueles que a ele recorrem.

Confrontando tudo isto com a oração, a sua essência vai ajudar Comboni a traduzir na sua vida o lugar máximo do seu encontro com Deus, pois, para ele, viver da oração parece ser uma das principais metas. A sua vivência é demarcada pelo pedido de auxílio aos outros na oração, por isso é que «o que surpreende na espiritualidade de Comboni são as intenções ou objetos principais da sua oração pessoal, e sobretudo a ordem de precedência dada a tais intenções na oração»²³², porque Comboni colocará intenções concretas para a sua oração e também para a oração dos outros pedindo por isso várias vezes pede que rezem pela “sua Nigrícia”.

²³⁰ Antonio FURIOLI - *La Spiritualità*, 60.

²³¹ Carta dirigida à Madame A. H. de Villeneuve de 5 de dezembro de 1868, escrito 1774.

²³² Aldo GILLI, P. CHIOCCHETTA e F. GONZALEZ - *A Mensagem de Daniel Comboni*. Lisboa: Editorial Além-Mar, 1984, 181.

3.4.2. O Abandono de si e a entrega à Providência

Atraído por África, Comboni sai de si e vai ao encontro dela. Vemos na sua vida um total abandono de si para se entregar à sua “amada” África. Neste abandono vemos que ele irá colocar a sua fé na Providência divina.

Ao falarmos de abandono temos que compreender que isto é inerente também à sua vocação, pois, quando ele decide ir para as missões de África já está presente nele um abandono total às coisas terrenas para se ligar às coisas divinas. Aqui vemos que ele é, na África, testemunha do espírito neste abandono e que coloca a sua ação e a sua fé na Providência. Testemunhamos nele um abandono para concretizar a vontade de Deus tal como ele diz ao seu pai «Esperemos sempre no Senhor: se Ele quer que eu morra, *fiat voluntas Dei*²³³. Em qualquer caso, digamos sempre: bendito seja o Senhor»²³⁴. É um abandono concreto e com uma finalidade sincera, pura e que parte dele, não se abandona simplesmente, mas coloca África no centro desse abandono, como ele diz ao Mons. Canossa «lancemo-nos nos braços de Jesus, que tem muita caridade, talento e sabe conduzir bem as coisas: *sit nomen eius benedictum in saecula*²³⁵»²³⁶. Isto não é para ele apenas um meio de consolar o seu “possível” medo, mas é também um meio de tranquilizar os outros. Numa carta dirigida ao Mons. Canossa, no receio da falta de meios, Comboni diz-lhe para que «Confie na Providência, monsenhor!»²³⁷. Ao abandonar-se confia totalmente na Providência é como se ela fosse “o remédio” para as causas difíceis. Daí que no momento da dúvida e dos receios, Comboni entrega-se totalmente à Providência «abandonando-se completamente nos braços da Divina Providência»²³⁸. É

²³³ Tradução “faça-se a vontade de Deus”.

²³⁴ Carta dirigida ao Pai de 18 de outubro de 1857, escrito nº 134.

²³⁵ Tradução “seja bendito o seu nome para sempre”.

²³⁶ Carta dirigida ao Monsenhor Canossa de 14 de dezembro de 1868, escrito nº 1780.

²³⁷ Carta dirigida ao Monsenhor Canossa de 15 de setembro de 1867, escrito nº 1431.

²³⁸ Aldo GILLI, P. CHIOCCETTA e F. GONZALEZ - *A Mensagem de Daniel Comboni*, 168.

claro que toda a sua vida vai ser colocada nas mãos da Providência é como se ele vivesse no interior da Providência, enquanto para uns o abandono é de si para o mundo, para ele este abandono é ligar-se à sua causa por isso ir ao encontro do que é necessário. Nele vemos um sair de si e encontrar-se com a Providência um entregar-se na totalidade da Providência «me lancei nos braços amorosos da Providência, disposto a fazer e a sofrer o que mais fosse do agrado do Senhor, com a certeza total de que se cumpriria à letra a vontade de Deus»²³⁹. Assim podemos dizer que «Daniel Comboni sentia-se fortemente inclinado pela graça a uma atitude habitual de confiança em Deus»²⁴⁰, pois ele vai sem saber e deixasse “mergulhar” com o auxílio e proteção de Deus, porque « tudo é [...] obra da graça»²⁴¹.

Este abandono de si para se entregar à Providência vai destacar nele um espírito de sacrifício, ou seja, Comboni está ciente que poderá morrer, mas mesmo assim entrega-se totalmente à Providência, daí que há sempre um espírito de sacrifício que também está presente quando ele descobre a vocação. Um sacrifício que ele terá que aguentar e viver, por isso é que este abandono de si mesmo é uma atitude espiritual que desenvolve e, mais tarde a destaca também no seu plano. Este espírito de sacrifício está presente mesmo nas dificuldades diz ele «pensei abandonar-me nos braços da Divina Providência, que é fonte de caridade para os desditosos e sempre protetora da inocência e da justiça»²⁴². Ao falar deste abandono, não é um abandono que é exclusivo, ou seja, Comboni não se abandona à Providência por abandonar-se, mas faz isso porque é o seu caráter espiritual que o auxilia a fazer isso. Aqui o abandonar-se é no sentido exclusivamente espiritual e, que adquire em nele um lugar de destaque nesta vivência de amor que ele tem por África e por Deus.

²³⁹ Carta dirigida ao Card. Alexandre Barnabó de 3 de dezembro de 1869, escrito nº 1989.

²⁴⁰ Juan Manuel LOZANO - *Cristo tambien era Negro*. Madrid: Editorial Mundo Negro, 1988, 233.

²⁴¹ Juan Manuel LOZANO - *Cristo tambien era Negro*, 233.

²⁴² Carta dirigida ao Cardeal João Simeoni de 27 de agosto de 1880, escrito nº 6085.

É de notar que tudo isto se relaciona com a idealização e com a própria vocação por isso é que «quando Daniel Comboni falar de abnegação refere-se a um amor extremamente generoso. O missionário, segundo Daniel Comboni, tem necessidade duma grande generosidade, fruto do amor»²⁴³. Por isso, podemos dizer que este abandono de si, confiança na Providência e espírito de sacrifício vão destacar o verdadeiro amor que ele tem por África, por isso faz tudo pela salvação de África.

3.4.3. “*Salvar África com África*” e o seu grito espiritual “*Nigrícia ou Morte*”

Olhando para a vida de Comboni percebemos qual é o seu principal amor em toda a sua vida. África ocupa no coração dele o lugar central de toda a sua vida. Podemos dizer que entre ele e África há como uma relação esponsal mística, ou seja, Comboni vive para África como se esta fosse a única coisa na terra. Numa carta dirigida ao padre Godofredo Noecker Comboni explana exatamente esse amor «deve saber que a África e os pobres negros se apoderaram do meu coração, que vive só para eles, sobretudo depois que o representante de Jesus Cristo, o Santo Padre, me encorajou a trabalhar pela África»²⁴⁴.

Ele sofre por África e pelos povos africanos, porque sabe que é um continente devastado pela miséria, dor, escravidão e, até mesmo abandono por parte da Igreja católica e, de repressão por parte do Islamismo, para ele «A África pode definir-se – como escrevi de Paris para Roma –, como *a raça negra invadida ou ameaçada de invasão pelo Islamismo*, condição bem deplorável, em que nenhuma outra parte do mundo se encontra»²⁴⁵. É por este motivo que ele se ocupa dela como se fosse a sua esposa. Há nele uma preocupação salutar, que desperta nele o interesse por este povo, pois, apesar de ele

²⁴³ Juan Manuel LOZANO - *Cristo tambien era Negro*, 237-238.

²⁴⁴ Carta dirigida ao padre Godofredo Noecker de 9 de novembro de 1864, escrito nº 941.

²⁴⁵ Carta dirigida ao padre Francisco Bricolo de 5 de fevereiro de 1865, escrito nº 997.

dar esta definição do continente Africano, Comboni também anseia evangelizar África pelas condições não humanas que lá se passam. Numa carta dirigida ao Cardeal Alexandre Barnabó ele refere isso mesmo:

«Por isso, reflectindo sobre esta *especial* e crítica situação da África, certamente a parte mais infeliz e abandonada do mundo, como também a mais difícil de evangelizar pelas particulares circunstâncias que se opõem à sua conversão, parece-me que *é necessário* fazer, no que lhe diz respeito, as *mais sérias e especiais* considerações e chamar sobre ela as atenções do mundo católico: creio que para a África deve fazer-se uma obra especial»²⁴⁶.

De notar que, é por este sofrimento que ele se entrega totalmente, talvez seja por isso que, segundo ele, também Deus ama África, é um amor que toca em Deus e que O faz “chorar” pelo sofrimento deste povo, pois «Também Daniel Comboni os via como seres amados infinitamente por Deus, e por quem tinha palpitado o Coração do redentor»²⁴⁷.

Com tudo isto vamos notar uma característica fundamental nele e que o vai definir em toda a sua ação eclesial. Comboni ao entregar-se aos outros vai ama-los até ao fim. Como diz Juan Manuel Lozano:

«O amor de Deus, a fé em Cristo e no seu Evangelho conduziram Daniel Comboni a um ardente amor pelos seus semelhantes necessitados. Esse amor concentrou-se, sobretudo a partir de 1849, nos seus irmão e irmãs da África negra, porque se sentiu chamado por Deus para os evangelizar»²⁴⁸.

Não basta compreender que há um amor por trás destes povos, mas é um amor que Deus deu a cada um deles. É um amor sem medida, um fragmento de Deus que não se vê, mas que habita em cada um de nós. Para ele Cristo morreu por todos, incluindo pelos africanos, por isso é que «A espiritualidade missionária comboniana caracteriza-se,

²⁴⁶ Carta dirigida ao Cardeal Alexandre Barnabó de 25 de fevereiro de 1865, escrito nº 1019.

²⁴⁷ Juan Manuel LOZANO - *Cristo tambien era Negro*, 54.

²⁴⁸ Juan Manuel LOZANO - *Cristo tambien era Negro*, 52.

a nosso ver, por um facto fundamental: a vivência do amor com que Cristo morreu também pelos africanos»²⁴⁹.

É um amor que se coloca no centro da sua vivência, pois, ele nunca perdeu a fé de que este amor reside em cada um. Olhar para os africanos é destacar neles este ponto de encontro, ou seja, um amor que sai de Cristo e que “penetra” no coração de cada um, talvez seja por isso que:

«ao estudar a espiritualidade deste servo de Deus, a entrega total que fez de si e da sua vida para a evangelização de África negra não foi simplesmente fruto de uma obediência a uma vocação discernida na fé, mas o efeito irremediável de uma experiência de amor. O seu amor a Cristo leva-o a ter uma consciência viva do amor de Cristo para com os negros»²⁵⁰.

A temática fundamental disto tudo é que é um amor florido do Coração de Deus, que passa pelo coração de Comboni, que o toca e, que chega ao coração dos negros através, mas sempre na sua origem principal que é Deus. Falar deste amor é falar da entrega sem medida dele para estes povos, dando-lhes um amor sincero. O facto impressionante que se nota aqui é que o papel de Comboni é importante que o leva a criar um plano físico, mas que a sua elaboração é mística.

Ao lermos o plano para a regeneração de África notamos logo que é um plano que promove o desenvolvimento de África. É um plano místico²⁵¹, ou seja, surge por inspiração divina e, num lugar divino. Comboni tem esta inspiração divina na basílica de S. Pedro, diz ele

«Creio que este plano é obra de Deus, porque me veio à mente a 15 de setembro, enquanto fazia o tríduo à Beata. Alacoque; e no dia 18, em que essa serva de Deus foi beatificada, o card. Barnabó terminava de ler o *meu Plano*. Trabalhei nele quase 60 horas seguidas [...] o plano abrange toda a África, habitada quase toda pela raça negra»²⁵².

²⁴⁹ Juan Manuel LOZANO - *Cristo tambien era Negro*, 231.

²⁵⁰ Juan Manuel LOZANO - *Cristo tambien era Negro*, 231.

²⁵¹ Quando se diz místico não é no sentido de não o alcançar, mas o plano alcança-se e vive-se, diz-se místico porque é uma inspiração divina que nutre no coração de Comboni auxiliado pelo Coração de Jesus

²⁵² Carta dirigida ao padre Nicolau Mazza de 20 de outubro de 1864, escrito nº 926.

Para ele não só o plano é obra de Deus, como já foi referido, como também é obra da providência divina, diz ele «Meu amado superior, eu não tenho nenhum mérito. Quando cheguei a Roma, não tinha nem a mais remota ideia do Plano. A Providência guiou a minha mente, o meu coração»²⁵³.

Falar desta inspiração mística que se vê no plano é destacar este forte encontro entre Comboni e Deus é como se dali surgisse uma intensa comunhão entre eles. A ideia de “*Salvar África com África*” é colocar em destaque o ponto máximo desse nascer espiritual. Aqui o salvar não é tanto fisicamente, mas sim espiritualmente, porque Comboni quer colocar África no coração de cada um daqueles que tem conhecimento de África. Podemos dizer que a grande finalidade do plano é dar a conhecer África:

«O referido Plano, [...] adaptado às necessidades das imensas tribos da Nigricia central [...], tende a pôr em jogo em favor da África todos os elementos e forças já existentes do catolicismo e criar mais, sobretudo com a instituição de novos viveiros de apostolado no centro das diversas nações católicas, o que, por si, despertará um religioso entusiasmo para com a parte do mundo mais abandonada»²⁵⁴.

Este “*Salvar África com África*” vai imprimir em Comboni o caminho de salvação para todos aqueles povos, tornando-se uma necessidade que ele tem e, que não se deixa abater por nada, porque «O Plano está baseado neste princípio: *regenerar a África por meio da própria África*»²⁵⁵ ou seja, o que se quer dizer é que para a elaboração do plano se vai ter em conta a própria África e tudo o que ela pode oferecer, diz ele:

«O *Projecto*, portanto, que nos atreveríamos a submeter à S. Congr. de Prop. Fide seria a *criação de inumeráveis institutos de ambos os sexos que deveriam rodear toda a África*, estrategicamente situados em lugares oportunos, à menor distância possível das regiões

²⁵³ Carta dirigida ao padre Nicolau Mazza de 31 de outubro de 1864, escrito nº 931.

²⁵⁴ Carta dirigida aos Frades Bigi de 17 de dezembro de 1865, escrito nº 1346.

²⁵⁵ Carta dirigida ao Sr De Laménie de Brienne de 22 de outubro de 1867, escrito nº 1425.

interiores da Nigéria, dentro de zonas seguras e algo civilizadas, nas quais pudesse viver e trabalhar tanto o europeu como o africano»²⁵⁶.

Resumidamente o grande objetivo do plano seria fazer crescer a esperança espiritual e cívica dos povos, porque este “regenerar África” é exatamente isso, não só regenerar espiritualmente, mas sim civilizacionalmente. Ele quer colocar o africano no centro da civilização. Para isso irá criar meios e modos que ajudam a que isso aconteça²⁵⁷. Para Domenico Agasso o plano «suscitará e colocará em ação todos os elementos do catolicismo, que atualmente faltam, para a salvação dos negros, dará ainda maior vitalidade aos que já existem, colocando assim todas as forças do catolicismo a favor de África»²⁵⁸. Por isso torna-se importante que o plano entre em ação, pois, assim poderá auxiliar ao desenvolvimento dos povos e também a auxiliar na luta para a liberdade e, para a consciencialização de que os povos africanos têm alma, numa época em que se pensavam que eles não tinham alma. É importante referir que, segundo Domenico «a ideia de ajudar África a trabalhar na sua própria salvação foi lançada pelo Padre Libermann uns anos antes»²⁵⁹, claro que isto não significa que Comboni terá copiado a ideia, mas que a consciência pela fragilidade deste povo já existia antes.

Com tudo isto podemos dizer que «em Comboni encontramos uma vida: como se deparasse com um campo novo e imenso, procurou extrair todas as consequências possíveis do princípio fundamental “*Salvar a África com África*”»²⁶⁰. De notar que é aqui que ele se demarca, porque coloca toda a sua vida neste “magno” princípio. Não se trata apenas de uma teoria, mas de algo que passa da teoria à prática. Daí que ele se sente capaz de se tornar mártir por esta causa. O plano buscou a salvação dos mais necessitados em

²⁵⁶ Resumo do novo projeto da Sociedade dos Sagrados Corações de Jesus e Maria para a conversão de África proposto à S. Congregação da Propaganda Fide de 18 de setembro de 1864, escrito ° 815.

²⁵⁷ Para melhor compreender o plano basta ler os escritos de Comboni dos números 800 a 846.

²⁵⁸ Domenico AGASSO - *Daniel Comboni Profeta de Africa*. Madrid: Editorial Mundo Negro, 1988, 46.

²⁵⁹ Domenico AGASSO - *Daniel Comboni Profeta de Africa*, 47.

²⁶⁰ Aldo GILLI, P. CHIOCCHETTA e F. GONZALEZ - *A Mensagem de Daniel Comboni*, 147.

Cristo e para Cristo, não vemos por isso uma seleção, mas uma contribuição para que todos possam alcançar a salvação.

Não podemos falar do plano sem falar do seu grito espiritual “*Nigrícia ou Morte*”, tornando-se um grito que ecoa nos nossos ouvidos. Qualquer que seja o seu seguidor tem sempre presente este grito. Podemos dizer que é um grito espiritual e de certa forma um grito mártir, por isso «o ardente amor pela Nigrícia abandonada exprime toda a força de uma vocação e simultaneamente a grandeza do sacrifício que fez o que pediu aos pais para seguir aquela vocação»²⁶¹. É um grito que vem a consequência de um plano criado para a pobre África. Um continente sem amor e, que desperta em nele o desejo ardente desse amor. Podemos dizer que ele está em total abertura para sofrer e se for necessário a morrer mártir pela salvação da Nigrícia²⁶². No relatório dirigido ao Cardeal Alexandre Barnabó, Comboni expressa isso:

«Estamos todos de acordo, ardentemente disposto a sacrificar a nossa vida por amor a Deus, da Igreja e da infeliz Nigrícia. Estamos todos dispostos, Eminência, a morrer mártires na fé, mas queremos morrer com “cabeça”, com “muita cabeça”; isto é, agindo sabiamente pela salvação das almas mais abandonadas da terra, expondo-nos aos maiores perigos da vida com aquela prudência, discrição e magnanimidade, que são próprias dos verdadeiros apóstolos e mártires de Jesus Cristo»²⁶³.

Tudo isto vai fazer crescer nele o ardente desejo de dar a conhecer a sua entrega a quem o possa ajudar. Luta a todo o custo para ir ao concílio mostrar o seu projeto. Dadas as circunstâncias da época, o concílio acaba por ser encerrado sem que o seu projeto seja apresentado aos padres conciliares. No “*Postulatum*” que ele preparou para apresentar ao concílio pode-se compreender o seu ardente desejo de salvar a sua Nigrícia:

«Eis aqui, portanto, diante de vós, excelentíssimos padres, a infeliz Nigrícia que, imersa nas trevas, cai, extraviada, pelos precipícios, sem guia, sem luz, sem fé, sem Deus. Trata-

²⁶¹ Aldo GILLI, P. CHIOCCETTA e F. GONZALEZ - *A Mensagem de Daniel Comboni*, 95.

²⁶² Cf. Aldo GILLI, P. CHIOCCETTA e F. GONZALEZ - *A Mensagem de Daniel Comboni*, 97.

²⁶³ Relatório dirigido ao Cardeal Alexandre Barnabó de abril de 1870, escrito nº 2225.

se da salvação de toda a África Central, a qual, como antes disse, compreende a décima parte de todo o género humano. Se os senhores não decidem com grande benevolência pôr algum remédio, passa-se este momento levando consigo uma ocasião tão propícia (só de pensá-lo sinto opressão na garganta), quantos séculos terão de passar antes de cessar a desgraça dos africanos? Eia, pois, santíssimos padres, pelos cravos de Cristo, tomem a vosso cargo esta obra e, em vossa sabedoria, examinem como e com que meios se podem salvar estes povos»²⁶⁴.

Claro que, tudo isto vai continuamente despertar nele um amor ardente pela sua amada Nigéria. Para isso, é importante compreender que há um aumento gradual desse amor e, que cada vez mais se torna explícito nas cartas que ele envia para pedir apoio para a sua amada Nigéria. No relatório dirigido à Sociedade de Colónia podemos ver esse ardente amor:

«Não encontro palavras para descrever a dor que sinto e a profunda angústia do meu coração, e com que gravidade e intensidade pesa sobre mim a preocupação pela desolação e pelo letargo em que esses infelizes se encontram mergulhados! Eu fui testemunha ocular das cadeias espirituais e da profunda miséria desses desditosos. O pensamento de que uma miséria humana tão enorme pesa sobre a minha querida Nigéria, tira-me muitas noites o sono e de manhã levanto-me mais cansado que quando me deitei, após um dia de intenso trabalho. E nestas noites longas e cheias de angústia, antes de me aperceber, a minha imaginação corre até às abrasadas terras da África Central, ainda inexploradas e cenário das condições mais deprimentes. Depois, com o pensamento, percorro toda a Europa desenvolvida e olho à minha volta para ver se surge um raio de esperança, que possa beneficiar os meus pobres negros!»²⁶⁵.

O seu amor por África é de tal maneira grande, que mesmo após lhe ser confiado, por parte da Santa Sé, o imenso vicariato, Comboni continua a expressar esse amor. É um amor que ele vive e que tenta transmitir aos outros na simplicidade das suas palavras. Daí que, nas Regras de 1871 ele expõe esse amor:

«É necessário, pois, que quem se oferece para o difícil e laborioso apostolado da Nigéria tenha uma verdadeira disposição, baseada no sentimento da fé e na caridade, para se dedicar

²⁶⁴ Carta circular aos padres Conciliares de 24 de junho de 1870, escrito nº 2304.

²⁶⁵ Relatório dirigido à Sociedade de Colónia de 6 de junho de 1871, escrito nº 2543.

à conversão das almas mais abandonadas do mundo e para propagar naquelas vastas e desconhecidas terras o reino de Cristo»²⁶⁶.

Tudo isto é característico nele por isso faz disto um aspeto principal da espiritualidade de Comboni. Se na descoberta da sua vocação, Comboni entrega-se e abandona-se de si para África, isso acaba por se intensificar ao longo da sua vida e que o acompanhará até ao fim dos seus dias. Contudo, há uma certeza que Comboni tem é que Deus também quer que a sua infeliz Nigéria se salve, num relatório dirigido ao Cardeal Franchi, ele diz:

«Deus quer salvar a infeliz Nigéria. Agora temos maiores trabalhos, *pericula, hoerumnae*²⁶⁷ e inumeráveis cruces. Porém... *non pervenitur ad victoriam nisi per magnos labores*²⁶⁸. Cristo ressuscitou depois de ter sofrido a morte da cruz: que Ele nos ajude a morrer por seu amor e pela salvação da desventurada Nigéria, pela qual também morreu na cruz»²⁶⁹.

Para finalizar este ponto, podemos dizer que este amor espiritual por África foi tão grande, que ele o sente ardentemente até ao ultimo suspiro da sua vida. É um amor que ele sente pela sua Nigéria e também pelo seu amado Cristo. Por isso é que em toda a sua vida deixa-se conduzir por Cristo e, é por Ele que ele centrou toda a sua vida em África. Daí que ele acaba por ter vivido feliz por se ter entregado a Cristo e a Nigéria:

«Graças ao Deus das misericórdias, o meu Vicariato e as suas obras vão bem, segundo o espírito de Jesus Cristo e consegue-se fazer não pouco bem, mas muito, apesar das enormes dificuldades e das cruces que me vêm de quem, ao invés, deveria originar-me satisfações. Mas as obras de Deus foram sempre assim. Confiado n'Ele, conduzo a minha vida contente ante a perspectiva de morrer por Jesus e pela Nigéria»²⁷⁰.

²⁶⁶ Regras do instituto, Capítulo VII de 1871, escrito n° 2687.

²⁶⁷ Tradução: “[...] perigos, dificuldades [...]].

²⁶⁸ Tradução: “[...] não se chega à vitória a não ser pelos grandes trabalhos [...]].

²⁶⁹ Relatório Anual à S. Congregação da Propaganda Fide sobre o Vicariato da África Central dirigido ao Cardeal Alexandre Franchi de 8 de outubro de 1875, escrito n° 3941 e 3942.

²⁷⁰ Carta dirigida ao Cardeal João Simeoni de 23 de agosto de 1881, escrito n° 6956.

3.4.4. *O mistério da Cruz*

Outro ponto neste itinerário de espiritualidade em Comboni é o mistério da Cruz e a própria teologia que ele faz acerca da Cruz. Contemplar a Cruz, como glória, já é desde os primórdios da Igreja um ponto em toda a espiritualidade cristã. Comboni interpreta-a ao “sabor” da sua realidade missionária. Para ele a dimensão da cruz ocupa outro lugar de destaque na sua vida.

Segundo ele Cristo morre também na cruz. Numa carta dirigida César Noy conseguimos compreender a assertividade com que ele diz isso:

«Depois de ter recebido tantos favores, o meu coração sentia uma grande necessidade de o pôr ao corrente do que na minha fraqueza faço para o bem desta África negra, sobre a qual pesa desde há tantos séculos o tremendo anátema de Cam e pela qual, estou certo, o senhor eleva do seu coração eminentemente católico e caritativo as mais fervorosas preces a esse Deus, que quis morrer na cruz também pelos negros»²⁷¹.

Talvez seja por isso, que a Cruz aparece na sua vida como um fruto cheio de nutriente e, que nutre a sua vida com o mais doce dos sumos. Isto é importante porque é nesta medida que vamos compreender que a Cruz é um sinal de glória de Deus, mas também um sinal de glória de Comboni para a sua Nigricia. De notar que «a Cruz na sua vida não só foi aceite, mas, podemos até dizer procurada e sobretudo amada até ao heroísmo, plasmou a sua vocação exuberante, temperou o seu carácter: numa palavra, educou-o para a santidade»²⁷². É desta forma, que ela surge na sua vida e no seu caminho, não só como o barro para que ele possa moldar a sua vida, mas também o barro para que os seus missionários possam moldar nas suas vidas.

Na dimensão da Cruz, Comboni refere-se ao peso, este não é no sentido literal, mas sim no sentido espiritual. Para ele o peso da Cruz aumenta à medida que os povos de

²⁷¹ Carta dirigida a César Noy de 26 de fevereiro de 1866, escrito nº 1259.

²⁷² Aldo GILLI, P. CHIOCCETTA e F. GONZALEZ - *A Mensagem de Daniel Comboni*, 196.

África sofrem, mas também a Cruz é «sinal de fé e doação a Deus por amor das almas mais abandonadas e pobres»²⁷³. Isto é vivido de forma intensa, que ele começa a pedir cruces. O facto dele pedir cruces só o identifica ainda mais como um místico, que vê o seu caminho espiritual colmatar onde colmatou a vida de Cristo, que foi na Cruz. Pedir cruces em Comboni não é um sentido negativo, mas pelas cruces ele alcança a glória do seu trabalho missionário. As cruces são um desejo nele por isso ele pede-as «Eu peço ao Senhor todos os dias: primeiro, cruces, que são necessárias para implantar bem e tornar fecundas as obras de Deus»²⁷⁴. Isto torna-se fortemente marcante na sua vida, pois, elas não são apenas pedidas como também são desejadas, chegando mesmo a rezar para que lhe fossem dadas mais cruces²⁷⁵. Desejar cruces é, segundo ele, dom da graça de Deus «Eu também rezarei a Jesus que lhe mande não poucas cruzinhas. No Céu conheceremos profundamente a filosofia da cruz. Às armas, portanto! Percorramos com passos de gigante o caminho da caridade e da cruz e detenhamo-nos apenas no Paraíso»²⁷⁶. Não obstante, de toda a dinâmica de fé em Comboni, a Cruz é o centro glorioso de Cristo e, para ele é o centro da sua vida e da sua força à semelhança do Coração de Jesus. Por isso é que ele não se angustia com as cruces, mas agradece a Deus pelas mesmas «Sofri as angústias e as dores da morte; mas agora dou graças a Deus por ter sofrido *propter iustitiam*²⁷⁷. Oh!, que bom é Deus que mostrou quase maior sabedoria ao *fabricar a cruz* que ao criar o universo»²⁷⁸.

Tudo isto vai clarificar a densa teologia da Cruz que ele tem e vive na sua vida. É uma teologia da Cruz marcada pela fé, amor e alegria. Ele entrega-se a ela de forma livre, para que a Cruz seja considerada, por ele, um instrumento de Deus e de certa forma o

²⁷³ Aldo GILLI, P. CHIOCCHETTA e F. GONZALEZ - *A Mensagem de Daniel Comboni*, 196

²⁷⁴ Carta dirigida ao Mons. Luís Ciurcia de 18 de novembro de 1870, escrito 2340.

²⁷⁵ Cf. Aldo GILLI, P. CHIOCCHETTA e F. GONZALEZ - *A Mensagem de Daniel Comboni*, 203.

²⁷⁶ Carta dirigida a Madalena Girelli de 22 de setembro de 1870, escrito n° 2326.

²⁷⁷ Tradução: “por Justiça”.

²⁷⁸ Carta dirigida ao Cônego J. C. Mitterutzner de 8 de janeiro de 1877, escrito n° 4426.

caminho de Deus para ele. Na sua teologia da Cruz, que embora não tenha sido definida assim por Comboni, ela aparece para que se possa compreender a dimensão da Cruz na vida mística. No fundo, podemos dizer que na Cruz contempla-se o Cristo crucificado, porque é aí que se centra o amor de Deus pelos povos de África «os olhos sempre postos em Jesus Cristo, amando-o ternamente e procurando entender melhor o que quer dizer um Deus morto na Cruz pela salvação das almas»²⁷⁹.

A Cruz não aparece só como meio de proteção ou até mesmo de alegria no contexto essencial da fé. Ela é um ponto máximo da mística em Comboni que «nasceu nele a partir das suas experiências nas quais ministério e sofrimento apareciam frequentemente entrelaçados»²⁸⁰. A contemplação é por isso um dos “remédios” usados por Comboni na sua missão. Falar da contemplação da Cruz é demarca-la na vida do missionário. Por vezes é um contemplar místico, que descreve no missionário o desejo árduo de a alcançar. Quando se lê os escritos entendemos exatamente isso, pois «a contemplação de Cristo crucificado (falámos d’Ele quando nos referimos à cruz) que fortalece o missionário e o dispõe para sofrer tudo pela salvação dos seus semelhantes. É uma “medicina” espiritual, compreender que no crucificado por estar a máxima da minha vida e, também a salvação dos mais necessitados»²⁸¹. É uma prerrogativa na vida que está agora inserida na sua vida e também nas regras e constituições do instituto. É claro que esta contemplação é um despertar para o amor, um amor na entrega e no sofrimento. Basta recordar as palavras de S. João «Tanto amou Deus o mundo, que lhe entregou o seu Filho Unigénito» (Jo 3,16a). No fundo, assim como Deus entregou o seu Filho para sofrer, também ele entrega-se para sofrer e, sofre com amor porque contempla o crucificado, Aquele que se entregou por amor, «isto supõe uma atitude contemplativa e amorosa para

²⁷⁹ Regras de 1871, Cap. X.

²⁸⁰ Juan Manuel LOZANO - *Cristo tambien era Negro*, 105.

²⁸¹ Juan Manuel LOZANO - *Cristo tambien era Negro*, 119.

com o crucificado»²⁸². Dessa forma, podemos falar que Comboni contempla com amor Aquele que se entregou. É um amor semelhante que há entre a entrega de Jesus pelos pecadores e, a entrega de Comboni pelos povos de África. Nesta entrega, a contemplação da Cruz e o amor estão em total sincronia, como se andassem “de mãos dadas”, porque ele ao contemplar o crucificado encontra forças para a sua missão.

Com tudo isto, podemos dizer que há uma passagem não física, mas espiritual. Comboni passa de uma contemplação amorosa do crucificado para um amor à Cruz, ou seja, ao sofrimento. O importante é que este sofrimento não se traduz em dor, mas sim em felicidade. Ele sente-se feliz com o sofrimento e, é uma felicidade que o acompanha desde os primeiros momentos da sua vocação e, que o acompanha até aos últimos dias da sua vida. Contudo «foi sobretudo nos últimos anos quando transformava em felicidade, embora à primeira vista pareça estranho, os sofrimentos que tinha que abraçar»²⁸³. É aqui que acontece o encontro místico, ou seja, há uma “transformação” por amor do sofrimento/tristeza em sofrimento/alegria. Comboni faz essa passagem de forma a compreender a densidade mística da sua vida. É uma densidade misteriosa, porque revela a necessidade antropológica de viver a felicidade do sofrimento em vez da tristeza. Parece que, para ele não há tristeza porque tudo se “reduz” à máxima maior que é o amor aos povos, que em momentos de sofrimento a tristeza desaparece e a felicidade surge. Esta é a passagem da vida espiritual à mística, quando ele deixa de lado a sua dimensão humana e, encara-a como uma dimensão mística, pois, ele vive essa felicidade, porque tem na Cruz o seu “remédio” espiritual por isso é que não se importa de sofrer também pelo próprio Jesus Cristo: «Agora, que lhe contei uma parte das cruces que afligiram o meu

²⁸² Juan Manuel LOZANO - *Cristo tambien era Negro*, 119.

²⁸³ Juan Manuel LOZANO - *Cristo tambien era Negro*, 120.

espírito, declarando-me sempre disposto com alegria a sofrer por Cristo e pela salvação das almas mais necessitadas e abandonadas do universo»²⁸⁴.

Podemos concluir, afirmando que a Cruz para ele deixa de ser um “objeto que ele tem às costas”, para ser uma “companheira” de viagem. Por isso, ele intensifica a presença da Cruz à medida que se encontra mais próximo da morte. Há vários escritos que revelam isso mesmo, não obstante, de entender que, isso é um marco desta passagem da Cruz como um ponto do seu itinerário espiritual para a Cruz como um marco místico da sua vida. Esse marco místico vê-se quando Comboni a considera companheira de vida e que os acompanhará na sua árdua missão e o seu árduo trabalho, porque para ele, a Cruz deixa de lado tudo o que é sofrimento e acolhe tudo o que é amor. Diz ele já num dos últimos momentos da sua vida, relacionando a Cruz na dimensão da passagem do espiritual para o místico procurando relacionar com os futuros missionários:

«Uma missão tão árdua e laboriosa como a nossa não pode viver da *aparência*, e de sujeitos de pescoço torto, cheios de egoísmo e de si mesmos, que não cuida como se deve da salvação e conversão das almas. Há que inflamar os seus membros de uma caridade que tenha a sua fonte em Deus e do amor a Cristo; e quando se ama de verdade a Cristo, então são doces as privações, os sofrimentos e o martírio»²⁸⁵.

Por isso é que Comboni poucos meses da sua morte, não tem problemas e reforça esta dimensão mística, a Cruz não é apenas um caminho, mas é um caminho que Deus traçou para ele «O caminho que Deus me traçou é a cruz. Mas se Cristo morreu na cruz pela injustiça humana e tinha a mente recta, é sinal de que a *cruz é uma coisa boa* e uma coisa justa. Carreguemos, pois, com ela e avante!»²⁸⁶.

²⁸⁴ Carta dirigida ao Cardeal João Simeoni de 23 de agosto de 1878, escrito nº 5367.

²⁸⁵ Carta dirigida ao padre José Sembianti de 20 de abril de 1881, escrito nº 6656.

²⁸⁶ Carta dirigida ao padre José Sembianti de 5 de março de 1881, escrito nº 6519.

3.4.5. A vida em Cristo e o encontro com o Coração de Jesus

Apesar de já termos visto muitos pontos do itinerário espiritual de Comboni em que alguns deles passam deste contexto espiritual para uma dimensão mais mística, chegamos ao centro de toda a espiritualidade em Comboni.

Toda a sua vida foi direcionada para as missões em África, o seu grande amor foi África e, o seu grande desejo foi a salvação da África com África. Este é o sonho de Comboni, mas é também o caminho traçado por Deus para ele. Por outro lado, podemos dizer que tudo isto é possível, porque ele tinha várias “medicinas” espirituais. Estes “remédios” auxiliaram-no nas maiores tribulações, que muitas vezes não eram encaradas como uma situação de desespero, mas como uma situação de entrega e de amor à causa. Como já dissemos o seu grande amor foi África, mas é uma África que de certa forma é abençoada e acolhida por Deus. Para ele Jesus morre também pelos africanos, uma morte que acontece na Cruz, é por isso uma morte por amor e não por obrigação assim como a vida dele, uma vida de amor para quem mais necessita.

Tudo isto se trata de uma vida nova e uma vida em Cristo. Dizer que Comboni vive em Cristo é dizer «que sou um sujeito que é divino por participação e que os seus atos respondem ao seu novo ser em Cristo. Vivo em Cristo, e atuo desde o meu ser em Cristo. Sou eu que amo, mas desde o meu ser em Cristo, que é Filho e Irmão»²⁸⁷. Por isso, podemos dizer que ele vive em Cristo e, que Ele atua a desenvolver uma realidade teológica que o ajuda a construir toda a sua dimensão de fé e de espiritualidade. Viver em Cristo é para Comboni o coração central de toda a sua dimensão mística. Ele próprio destaca, o coração de Cristo que brota nela e parte para se dar aos povos de África. Dessa forma, viver em Cristo é também doar o seu coração à misericórdia de Deus, daí o seu desejo pelos povos abandonados de África.

²⁸⁷ Saturnino GAMARRA - *Teologia Espiritual*, 78.

É neste sentido que Comboni se assume, de certa forma, como o novo Paulo de Tarso²⁸⁸, não no contexto da “conversão” de Paulo, mas sim num contexto missionário. Nele se reflete as palavras de Paulo «Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim» (Gal. 2,20), isto acontece porque assim como Paulo se deixou levar por Cristo, também Comboni se deixou levar por Cristo e, Nele confiou para que a sua missão desses frutos. Dessa forma, temos uma vida Cristiforme que abarca toda a pessoa «porque vive a vida de Jesus, deve responder com as atitudes de filho no Filho e, porque está chamado a uma transformação mais plena»²⁸⁹, por isso é que ele atua vivendo em Cristo e, efetuando em si uma transformação mais funda, mudando o seu interior espiritual.

Com isto tudo, podemos dizer que ele vive não só uma dimensão Cristiforme, tomando em si a forma de Cristo, mas também vive uma Cristofania, ou seja, momentos em que Cristo se manifesta na sua vida, na sua espiritualidade e na sua vocação e missão. Há uma vida de seguimento em Cristo e, isto para Comboni é essencial, uma entrega e um seguir sem medo nem medida. É nele que se vai despertar este interesse para seguir a Cristo, algo que já vinha desde alguns séculos, mesmo já desde o século XII quando «se falava de uma vida apostólica como modo de seguir a Cristo»²⁹⁰. O seu seguimento é radical e sem medo nem renúncias, pois para a missão vive-se de forma direta e amorosa com Cristo, porque para ele «Cristo não é só a fonte da nossa missão [...] é também o próprio objeto da pregação missionária»²⁹¹, isto para dizer que é o princípio e o meio de toda a atividade missionária. Nesta dimensão considera mesmo Cristo como centro e, é nele que se unem os dois amores de Comboni: a Deus e ao próximo²⁹². É nesta “fusão” de amor que se destacará nele um caminho particular em direção a Cristo, um caminho

²⁸⁸ Cf. Ézio SÓRIO - *A Paixão de Daniel. Um profeta para os jovens de hoje*, 78.

²⁸⁹ Saturnino GAMARRA - *Teologia Espiritual*, 81.

²⁹⁰ Juan Manuel LOZANO - *Cristo tambien era Negro*, 45.

²⁹¹ Juan Manuel LOZANO - *Cristo tambien era Negro*, 47.

²⁹² Cf. Juan Manuel LOZANO - *Cristo tambien era Negro*, 48.

de amor que o leva a tentar imitar ao máximo o próprio Cristo, porque há «um desejo ascético de imitação e seguimento a uma experiência carismática de comunhão no amor redentor de Cristo»²⁹³. De notar, mais do que carismático, este encontro é um laço místico e verdadeiro que Comboni vive, por isso é que ele sente a necessidade de se identificar com ele. É uma Cristofania porque há a identificação de Cristo no povo africano, que pela opressão de outros sofre. É ver no povo africano o próprio sofrimento, um sofrimento injusto assim como em Cristo. Esta identificação de Cristo com os pobres e sofredores foi algo muito importante e desenvolvido ao longo da tradição da Igreja e também da sua história²⁹⁴. Por isso é que ele «viveu, na fé, a identificação do Crucificado com os negros, num momento em que ainda não lhes era reconhecida plenamente a sua dignidade»²⁹⁵, porque era claro para ele que os negros não eram considerados pessoas pela restante Europa e talvez para todo o mundo. No fundo, podemos dizer, que à luz da época os negros eram o “crucificados contemporâneos” isto porque no século XIX, apesar de a escravatura estar em vias de desaparecer e, em algumas partes ter desaparecido, em África ainda existia alguma escravatura. Se quisermos entender mais a fundo, podemos dizer que Comboni vive uma Cristofania em relação ao povo negro, porque «o seu amor a Cristo redentor e aos seus semelhantes fundia-se assim numa cristofania no negro oprimido»²⁹⁶.

Falar deste seguimento a Cristo é também colocar a sua fé no Coração de Jesus. Por isso, a primeira vez que Comboni entra em contacto com a devoção ao Coração de Jesus foi no instituto Mazza tendo sido D. Mazza a introduzi-la no instituto. De notar que «as primeiras vezes que Comboni usa como despedida a frase “*nos Sagrados Corações de Jesus e Maria*” é precisamente numa missiva que dirigiu a Dom Mazza a 28 de

²⁹³ Juan Manuel LOZANO - *Cristo tambien era Negro*, 48.

²⁹⁴ Cf. Juan Manuel LOZANO - *Cristo tambien era Negro*, 55.

²⁹⁵ Juan Manuel LOZANO - *Cristo tambien era Negro*, 55.

²⁹⁶ Juan Manuel LOZANO - *Cristo tambien era Negro*, 56.

novembro de 1860»²⁹⁷. Com isto podemos deduzir que a sua fé nos Corações de Jesus e Maria terá sido inspirada por Dom Mazza.

Falar do coração de Jesus é falar de um amor que se vive e que sente e, que se sabe que vem de Deus para os mais necessitados, porque o Coração de Jesus também bate por todos os que necessitam. Há um cristocêntrismo em Comboni que se expressa no amor a Cristo e no amor de Cristo para com os que mais necessitados e abandonados ²⁹⁸. De notar que «pouco a pouco o cristocêntrismo Comboniano iria concentrar-se num símbolo: o Coração de Cristo»²⁹⁹ O Coração de Cristo é a mais forte devoção que podemos encontrar em Comboni. Ela surge para “aliviar” o peso da dor dos povos de África. É uma devoção que mostra, como o nome diz, o Coração de Cristo a bater e a sofrer por quem necessita. Aliás isso é notório quando ele dá o título ao seu projeto de “*Sociedade do Sagrado Coração de Jesus e Maria para a regeneração da Nigéria*”. Só isto demarca esta fortíssima devoção ao Coração. Ele vive esta devoção talvez porque sinta que a misericórdia de Deus está nesse coração. É um sinal neste itinerário tão importante que fala nele em diversas Cartas, por isso é que «Comboni vê no Coração de Cristo o símbolo do amor mais puro e misericordioso para com os seres humanos e confirma-o passando em revista os diferentes mistérios da vida de Jesus para neles ver refletido esse amor»³⁰⁰, por isso podemos dizer que isto não é apenas uma devoção, mas um marco espiritual do encontro de Cristo com os pobres de África.

Ao falar do Coração de Cristo é revelar que há uma passagem entre a pura devoção, que recebe de D. Mazza, para a vivência mística deste amor que lhe é dado e, que ele o “distribui” a todos os que necessitam. Ligado ao Coração de Cristo vem a confiança, isto aparece porque ele deposita a sua confiança nele. É uma confiança

²⁹⁷ Juan Manuel LOZANO - *Cristo tambien era Negro*, 73.

²⁹⁸ Cf. Juan Manuel LOZANO - *Cristo tambien era Negro*, 67.

²⁹⁹ Juan Manuel LOZANO - *Cristo tambien era Negro*, 68-69.

³⁰⁰ Juan Manuel LOZANO - *Cristo tambien era Negro*, 92.

concreta, mas, ao mesmo tempo mística, ou seja, que vive nele, mas que atua nele por meio do Coração de Jesus. É uma confiança ligada ao Coração de Jesus que já brota desde cedo, nomeadamente desde a primeira viagem que faz para África «Todos nós ardemos no desejo de chegar à ansiada meta da nossa longa e penosa peregrinação; e confiamos no Senhor que conseguiremos semear a boa semente, apesar das graves dificuldades que começamos a vislumbrar»³⁰¹. Esta confiança é cada vez mais ligada ao Coração de Jesus, porque Comboni coloca a sua fé na ação do Coração de Jesus e, é neste colocar a fé esperando a ação que vai surgir este traço místico:

«A minha obra é por si árdua e penosa e só a onnipotência divina pode levá-la a cabo. Por isso, pus toda a minha esperança no Coração de Jesus e na intercessão de Maria e estou disposto a sofrer seja o que for pela salvação dos povos a mim confiados, convencido de que a cruz constitui a marca das obras divinas – sempre que não seja devida à nossa imprudência e malícia –, e confortado pela sentença divina: *qui seminant in lacrymis in exultatione metent*³⁰²»³⁰³.

É de notar que ele nunca esconde a sua certeza em relação ao Coração de Jesus. No princípio, quando ele nas suas cartas enviava como bênção o Coração de Jesus, parecia que se tratava apenas de uma bênção, mas ao longo da vida podemos ver que o Coração de Jesus torna-se um marco significativo, que acaba mesmo por se unir e por palpitar pela África «O Sagrado Coração de Jesus palpitou também pelos povos negros da África Central e Jesus Cristo morreu igualmente pelos Africanos. Jesus Cristo, o Bom Pastor, acolherá também a África Central dentro do seu redil»³⁰⁴. O mais importante e característico é que Comboni ao sentir-se atraído pelo Coração de Jesus, torna-O dono de África «Pelo que, confiando o assunto ao dulcíssimo Coração de Jesus, já dono absoluto por modo especial do vicariato»³⁰⁵. De notar que tudo isto que ele vive é apenas o

³⁰¹ Carta dirigida aos seus Pais de 18 de janeiro de 1858, escrito nº 207.

³⁰² Tradução: “Os que semeiam em lágrimas colhem com alegria”.

³⁰³ Carta dirigida ao Cardeal Alexandre Barnabó de 7 de março de 1873, escrito nº 3136.

³⁰⁴ Carta dirigida à Sociedade de Colónia de 15 de fevereiro de 1879, escrito nº 5647.

³⁰⁵ Carta dirigida ao Cardeal Alexandre Barnabó de 12 de outubro de 1873, escrito nº 3440.

princípio desta grande devoção por parte de dele, mas que cresce com ele e se vive no sentido do encontro concreto. África é agora consagrada ao Coração de Jesus³⁰⁶ e ele consagra África por ser um lugar onde o sofrimento é grande, por isso consagrar África ao Coração de Jesus é coloca-la na misericórdia de Deus por isso é um abraçar África ao Coração sofrido de Jesus. Diz ele:

«É através da cruz e do martírio que se fundaram e prosperaram todas as missões. E a da África Central, a última de todas elas, a mais difícil, a mais trabalhosa, não podia ter um caminho diferente dos seguidos pelas outras obras de Deus. Tinha que passar pelo caminho da cruz e do martírio, da mesma maneira que o Divino Fundador da fé chegou à sua gloriosa ressurreição através da sua paixão e morte e de igual modo que a Igreja saiu do seu Coração Imaculado, navegando sobre o sangue dos mártires, para triunfar no universo»³⁰⁷.

Ele sabe que os sofrimentos que passará terá sempre a proteção do Coração de Jesus e, é por isso que há aqui uma breve passagem de uma espiritualidade de bênção, para uma espiritualidade de confiança, no fundo, não só vai ao Coração de Jesus pedir bênçãos, como também confia Nele:

«O Diabo anda hoje a rondar por toda a face da Terra para destruir as obras de Deus e tentou inutilmente lançar abaixo a minha obra e acabar comigo e com ela. O Coração de Jesus, que sempre foi a minha força, não o permitiu e nisso pode o senhor ter um novo indício da razão pela qual a Santa Sé está bem convencida da perpetuidade e estabilidade da Missão da África Central. Digne-se aceitar, senhor presidente, a afirmação dos meus sentimentos de veneração e agradecimento eternos, com os quais tenho a honra de me declarar nos Sagrados Corações de Jesus e Maria»³⁰⁸.

A confiança manifestada por ele em relação ao Coração de Jesus vai ajuda-lo a colocar a sua devoção no pilar do Coração de Jesus. Para ele é um Coração que palpita por África, que sofre por África e, que se entrega também por ela. É um Coração que

³⁰⁶ «Saúde da minha parte o senhor bispo, padre Sartori e todos os da casa, assim como padre Quinto e todos os jovens. A 14 de setembro faço a solene consagração de todo o vicariato ao Sag.do Coração de Jesus, do qual espero a conversão de todos» - Carta dirigida ao padre Francisco Bricolo de 2 de agosto de 1873, escrito nº 3343.

³⁰⁷ Carta dirigida à Propaganda Fide de Lião de 31 de dezembro de 1878, escrito nº 5449.

³⁰⁸ Carta dirigida a Mgr. Jean François des Garets de 2 de julho de 1876, escrito 4295.

brota de Cristo Bom Pastor e, que chega ao povo da sua amada Nigéria. A sua fé no Coração de Jesus é tão intensa e desde modo já mística, que ele afirma que o Coração vai converter e abolir a escravidão «Sim; o Coração de Jesus converterá a Nigéria e nós morreremos todos para conseguir que isso aconteça. Que coisa menor podemos oferecer a Jesus que a nossa vida, uma vez que Ele morreu por nós? O sangue derramado por Jesus é a nossa glória e conforto»³⁰⁹.

Quando falamos deste encontro com o Coração de Jesus, Comboni vê nele Cristo Bom Pastor. Podemos dizer, que nesta representação de Cristo em Comboni há um Cristo Bom Pastor que ele quer “imitar”, pois, assim como o Pastor guarda as suas ovelhas, também Cristo guardou as suas e ele guarda as dele. Basta recordar as palavras do evangelista «Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas. Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas conhecem-me, assim como o Pai me conhece e Eu conheço o Pai; e ofereço a minha vida pelas ovelhas» (Jo 10, 11.14-15) isto porque à semelhança de Jesus também Comboni é o bom pastor destas ovelhas e, as suas ovelhas são o povo da Nigéria. Tudo isto vai criar uma fusão e uma ligação intrínseca, ou seja, entre o Coração de Jesus, o Bom Pastor e a Nigéria. Esta fusão vai permitir que se possa compreender este caminho que ele faz, um caminho de oração para a mística. Também o Coração se fundou com a Cruz e com África³¹⁰. Estas duas fusões demarcam a dimensão mística. É de notar, que Comboni nunca as separa, mas liga-as e busca nelas a salvação para aqueles povos.

Há uma relação natural entre Comboni e a Cruz, por outro lado vemos também que é a mesma relação que existe entre Comboni e o Coração de Jesus. Ambas relações são relações amorosas e místicas, porque marcam cada momento de sofrimento na sua

³⁰⁹ Carta dirigida ao Cônego J. C. Miterrutzner de 17 de outubro de 1879, escrito 5822.

³¹⁰ Cf. Juan Manuel LOZANO - *Daniel Comboni misionero y profeta*. Madrid: Editorial Mundo Negro, 1995, 160.

vida. Podem ter começado como simples devoções, mas que se configuraram à sua maneira. Na ideia do Padre Juan «a cruz tende a deixar em segundo plano o símbolo do coração. O Coração de Cristo, incendiado de amor redentor, transformou-se em pura chama de dor, é dizer, na cruz, como o mesmo coração de Daniel Comboni»³¹¹, porém, podemos dizer que há uma somatização desse mesmo coração, ambos ardem espiritualmente e, ambos se ligam misticamente. É um ardor espiritual que se transforma em místico, na sua vida dada por África. Com isto, podemos dizer que há em Comboni uma estigmatização do sofrimento e do amor que ele tem. É uma estigmatização que parte da sua ação e que chega ao seu coração que “bate” pelos pobres de África. O Padre Juan diz «que o sofrimento é parte do processo místico de transformação em Cristo»³¹², porque o sofrimento destaca nele este encontro. É um sofrer estigmatizado, dessa forma podemos dizer que Comboni também ele foi estigmatizado tendo cinco chagas³¹³, em que cada uma delas representa algo em concreto. Ele sofre pela Igreja a sua primeira estigmatização, por uma Igreja que é ausente para este povo humilde e abandonado, sofre pela pobreza extrema que encontra em África, uma pobreza que o fere interiormente e, que ele sente que a misericórdia de Deus assiste aquele povo, sobre pelos missionários que abandonam tudo e se dedicam a uma causa, sendo que alguns deles acaba por morrer, uma morte dedicada à causa maior que é Cristo, sofre pela Virgínia uma pobre e humilde senhora que ele encontra e que a apoia e que vê que é rejeitada e, por fim sofre por todos aqueles que se opõem a ele, pedindo a Deus a Sua misericórdia para com eles³¹⁴. Todos estes sofrimentos ou chagas não são no sentido físico, mas num contexto espiritual e até

³¹¹ Juan Manuel LOZANO - *Daniel Comboni misionero y profeta*, 289.

³¹² Juan Manuel LOZANO - *Daniel Comboni misionero y profeta*, 292.

³¹³ Cf. Juan Manuel LOZANO - *Daniel Comboni misionero y profeta*, 292.

³¹⁴ Para melhor compreensão basta ler Juan Manuel LOZANO - *Daniel Comboni misionero y profeta*. Madrid: Editorial Mundo Negro, 1995, 293 a 297. Propositadamente não explico em pormenor por não se tratar de um contexto concreto, mas de uma interpretação do autor.

místico, porque cada sofrimento faz parte de um encontro com Deus é por isso um sofrimento estigmatizado.

O Coração de Jesus adquiriu nele o crescimento necessário, para que se possa efetivamente relaciona-lo com o seu grito espiritual “*Nigrícia ou Morte*”. O seu grito está ligado com o Coração de Jesus, um coração que sofre ao lado dos povos de África daí que «ele tem a certeza de que permanecerá fiel à sua missão porque se sente impellido pelo imenso amor e energia daquele Coração»³¹⁵. Podemos com isto dizer, que o Coração de Jesus contempla estes dois elementos «a *paixão pela África* como participação da solicitude do Coração Trespasado do Bom Pastor pelos mais pobres e abandonados; a *missão*, como participação no aniquilamento-*kenósis*³¹⁶ de Cristo Redentor dos homens»³¹⁷.

Aqui vemos que há uma ligação efetiva com toda a dinâmica missionária, o facto de Comboni colocar o Coração de Jesus como máxima consagrante de todo o vicariato é induzir à missiologia que dele brota do Coração de Jesus³¹⁸. Não podemos dizer que é apenas uma missiologia, mas que é um contexto teológico-espiritual-místico, porque o conceito aparece no sentido teológico, que cresce para a dimensão espiritual, na medida em que cada um é convidado a orientar a sua missão e a sua vida ao “sabor” do Coração de Jesus, mas que depois evolui para o sentido místico, na medida em que há uma confiança, abandono e entrega da incerteza ao Coração de Jesus. Esta é a novidade a transição do contexto teológico, para o espiritual e do espiritual para o místico daí chamar teológico-espiritual-místico³¹⁹. De notar que mesmo efetuando esta passagem o

³¹⁵ Francesco PIERLI - *O Coração Trespasado do Bom Pastor*. Lisboa: Editorial Além-Mar, 1990, 17.

³¹⁶ O Padre Francesco Pierli chama a isto a *Transfixação*, porque «quando pensamos nos sofrimentos físicos, morais e espirituais, somos induzidos a considera-los como obstáculos à evangelização da África». - Francesco PIERLI - *O Coração Trespasado do Bom Pastor*, 17.

³¹⁷ Francesco PIERLI - *O Coração Trespasado do Bom Pastor*, 17.

³¹⁸ Cf. Francesco PIERLI - *O Coração Trespasado do Bom Pastor*, 51.

³¹⁹ Defino isto no sentido do caminho e da passagem. Do caminho, porque é uma devoção que surge teologicamente e desperta o sentido espiritual e, que à medida que a vida desafia Comboni ela torna-se num contexto mais místico, mas que não se perdem, podemos dizer sim que se complementam, pois

conceito teológico permanece, porque não se pode chegar ao espiritual deixando o teológico, nem se pode chegar ao místico sem o teológico e espiritual porque são um contexto que mesmo na passagem eles existem. A passagem do contexto teológico para o espiritual acontece no momento em passamos de uma espiritualidade ao Coração de Jesus e o relacionamos com Bom Pastor, já a passagem do espiritual para o místico acontece quando Comboni se deixa seduzir pelo amor que Cristo no Seu Coração dá aos pobres por isso ele diz que também Cristo morre pelos pobres é aí que acontece a passagem do espiritual para o místico. Este contexto não só lhe dará o sentido da verdadeira entrega, como também coloca o sentido da vivência. Talvez seja por isso que a vocação de Comboni foi uma entrega mística, porque provavelmente este contexto teológico-espiritual-místico já se encontra em Comboni no momento em que ele sai de si e se entrega à causa de África.

Por fim, é interessante ver também a relação que faz o padre Pierli, pois ele fala que a espiritualidade ao «Coração trespassado do Bom Pastor constitui a sua dimensão cristológica que impele à contemplação e a ação: à contemplação, porque o coração é intimidade e a profundidade da pessoa [...] à ação porque é Bom Pastor de Coração trespassado que deixa o redil e vai à procura das ovelhas feridas»³²⁰. Podemos dizer que esta simples devoção que passa por “um processo” espiritual e místico conduz Comboni ao aprofundamento verdadeiro da sua vida mística. No caminho e na passagem há sempre um ponto primário que é o ato de contemplar a densidade espiritual do Coração de Jesus e, também porque esta passagem sugere uma ação concreta. Comboni não colocaria o seu vicariato sobre a proteção do Sagrado Coração de Jesus se a sua ação enquanto

uma não existia sem a outra, daí a passagem. Penso que esta seja a novidade em Comboni e que o diferencia de todos os outros.

³²⁰ Francesco PIERLI - *O Coração Trespasado do Bom Pastor*, 93.

missionário e bispo não contemplasse esta dimensão de ação, no fundo, agir segundo o Coração Trespasado do Bom Pastor.

3.4.6. S. José e Maria

Surge no seu itinerário a figura de S. José, com dimensão de ecónomo. S. José ocupa espiritualmente o lugar de Pai e de figura de exemplo de trabalho para Comboni. É um pai que se entrega espiritualmente por seu Filho, que é Filho de Deus, desta forma é um pai que também se entrega por Comboni e o auxilia na sua vida missionária.

De notar que para ele S. José tem efetivamente o lugar de ecónomo, basta ver que a Carta que ele dirige ao Mons. Luís Canossa «Realmente é mister louvar o Senhor e o nosso bom ecónomo S. José, que efetivamente querem salvar os negros»³²¹. Contudo, não é só nesta dimensão que S. José entra, pois, Comboni à semelhança do que disse sobre o Coração de Jesus, também o diz sobre S. José, também ele quer abolir a escravatura «Só a fé de Cristo implantada no centro da África e os Sagdos. Corações de Jesus, de Maria Imaculada e de S. José, mais que a rainha da Inglaterra e o Tratado de Paris de 1856, abolirão a escravidão»³²². Destaca-se uma coisa muito importante que não acontece com os outros pontos deste itinerário espiritual, é que há uma espécie de acordo espiritual entre Comboni e S. José:

«Não é que as tenha poupado ao meu caro ecónomo S. José, a quem me tinha encomendado para uma feliz viagem do Cordofão a Cartum. Por este querido santo ter permitido que eu tivesse tão terrível queda do camelo, multou-o a mil francos de ouro por cada dia que tivesse de levar o braço amarrado ao pescoço. E como o tive atado ao pescoço uns bons 82 dias,

³²¹ Carta dirigida ao Monenhor. Luís Canossa de 2 de janeiro de 1871, escrito nº 2380.

³²² Carta dirigida a um sacerdote de Trento (sem referência do nome) de 24 de julho de 1873, escrito nº 3250.

sem eu poder dizer missa, salvo cinco vezes, o meu venerado ecónomo foi condenado a pagar-me a multa de 82 000 francos»³²³.

Não se pode dizer que há uma passagem do contexto espiritual para o místico, mas há uma crescente relação entre ele e S. José que o permitiu compreender melhor a ação e o lugar de S. José.

Outro ponto neste itinerário espiritual é a presença de Maria. A importância de Maria é importante, que ele a coloca no centro da sua vida como instrumento da sua salvação da morte:

«a ti eu devo, ó Maria, não ter ainda morrido, como tantos missionários, devido às grandes fadigas e privações que sofremos nesses ardentes países e ter até podido estudar a maneira de superar os obstáculos que, até hoje, têm impedido a evangelização daquelas populações que povoam o equador. Foste tu, divina Mãe, que me inspiraste o novo Plano para a Regeneração da África Central, que o Vigário de Cristo e muitos bispos aprovaram como o mais sábio e adequado»³²⁴.

Aqui trata-se de um encontro espiritual que simultaneamente se torna místico e, tornar-se místico quando ele se dirige a ela como «Divina Mãe», podemos dizer que Maria ocupa o lugar de mãe espiritual e mística. Há também a convicção por parte de Comboni que Maria salvará a Nigéria, destacando também a dimensão da confiança em Maria. No ato de consagração da África Central a Nossa Senhora do Sagrado Coração de Jesus, Comboni exalta a glória e a alegria de Maria:

«Eis-nos aqui prostrados a vossos santíssimos pés, ó Virgem bendita e Mãe de Deus, Maria; exultantes de júbilo saudámo-vos pela primeira vez nestas áridas terras com o novo e glorioso título de Nossa Senhora do Sagdo. Coração de Jesus [...] Sim, saudámo-vos, ó Maria, ó Augusta Soberana do Sagdo. Coração de Jesus. Saudámo-vos nesta sagrada solenidade, ó filha predilecta do Eterno Pai, por quem o conhecimento de Deus chegou até aos últimos confins da Terra [...] Ó Maria, ó rainha amável do Sagdo. Coração de Jesus, que oportuna acudis às nossas necessidades! [...] Maria, podeis fecundar com a vossa bênção este solo já árido e espinhoso de 19 séculos. Só Vós podeis iluminar com a vossa

³²³ Carta dirigida ao Monsenhor Jerónimo Verzeri de 10 de março de 1874, escrito nº 3519.

³²⁴ Consagração da Nigéria à Notre Dame de La Sallete de 26 de julho de 1868, escrito nº 1639.

luz tantos pobres infiéis, filhos do desditoso Cam, os quais vivem ainda nas sombras da morte! Só Vós podeis dar o seu Deus e Senhor a tantos milhões de desventurados! [...] Por isso, cheios de confiança na vossa maternal piedade, recorreremos a Vós; refugiamo-nos sob a vossa poderosa protecção, certos de que Vós nos consolareis, escutareis as nossas súplicas e enxugareis as lágrimas de tantos filhos vossos! Ficai, pois, a nosso lado, ó Maria, Nossa Senhora do Sagrado Coração de Jesus [...] E Vós Maria, N. Sr.a do Sagdo. Coração de Jesus, cuidai dos nossos pobres filhos, guardai-os como herança e propriedade vossa»³²⁵.

Como podemos ver não se trata apenas de atributos espirituais, mas de atributos místicos, porque toda a dimensão da consagração é colocada ao “sabor” da sua amada Nigrícia. Ele utiliza outros atributos quando se dirige a Maria, são sempre atributos que partem da dimensão espiritual para chegarem à dimensão mística. Por isso, cada atributo é uma construção mística desta relação que ele vive com Maria, por isso é que ele a considera a Rainha dos Mártires, pois, na sua visão Maria aparece como consoladora e Mãe de todos aqueles que morreram em favor da Nigrícia «Jesus Cristo amava a sua Santíssima Mãe; contudo, ainda que Mãe de Deus, quis que fosse a Rainha dos Mártires»³²⁶.

Não obstante disto, Comboni coloca Maria na relação com a Cruz sendo aquela que fica ao lado da Cruz no momento da morte do seu filho:

«O amor ao sofrimento: tal é a primeira característica do missionário da África Central. Porque Jesus Cristo, que tinha um bom Coração e um fino talento, na sua sabedoria decidiu fabricar a cruz, e não a diligência, para conduzir as almas ao Céu. Quanto a isto, nem sequer fez uma exceção com a sua divina Mãe, que se converteu em Rainha dos Mártires»³²⁷.

Destaca-se da parte dele uma mãe que sofre ao lado do Filho na Cruz, um sofrimento que a coloca como mãe dos pobres missionários que morrem no auxílio dos outros, é uma mãe que abre o seu coração à dor e à angústia dos outros, no fundo, em

³²⁵ Excertos do de consagração da África Central a Nossa Senhora do Sagrado Coração de Jesus de novembro de 1875, escritos n.ºs 4002 a 4005.

³²⁶ Carta dirigida a Estrela Grigolini de 3 de março de 1878, escrito n.º 5075.

³²⁷ Carta dirigida ao Cardeal João Sameoni de 16 de janeiro de 1880, escrito n.º 5898.

cada missionário reside Maria como mãe do acolhimento do sofrimento. Podemos concluir este ponto do itinerário espiritual de Comboni compreendendo que S. José e Maria ajudam a uma determinada característica na sua vida. Enquanto S. José é relacionado na proteção e economia, Maria é o lugar de encontro entre o missionário que sofre e a Mãe que docilmente entrega o seu coração ao sofrimento do missionário. São dois elementos de significativa importância na sua dimensão espiritual e mística. É de notar, que se nota também em Maria esta passagem do contexto teológico-espiritual-místico, porque à semelhança do Coração de Jesus, Comboni passa da dimensão teológica de Maria, para o seu contexto espiritual, numa primeira invocação, para passar à dimensão mística deste encontro entre Maria e o seu coração, que o doa no sentido maternal ao missionário. Não é apenas uma novidade aqui, mas é o toque místico que surge entre Comboni, Maria e os missionários. É por isso, que ele a considera “instrumento” de discernimento vocacional para os outros missionários, porque entre eles e Maria há este toque místico que brota do Seu Coração para o coração do missionário.

3.5. O Itinerário espiritual de Comboni na vida do instituto

Como já dissemos, Comboni consagra o seu vicariato ao Coração de Jesus. É certo que também o Coração de Maria tem lugar na sua vida, como aquela que aceitou e deixou que Nela se fizesse a vontade do Senhor, porém, é no Coração de Jesus que tudo se centra. Podemos dizer que há uma dimensão igualitária entre o Coração de Jesus e Maria, ambos são invocados, embora para contextos diferentes. De notar que eles “bebem” do mesmo contexto teológico-espiritual-místico podendo ver neles uma passagem e um caminho. Não se pode dizer que há um grau de importância, mas uma diferenciação da ação e encontro com eles.

Maria aparece referida como modelo na Regra de vida³²⁸ e, Ela é de facto um modelo. É um modelo de mãe, uma mãe que se deixa encontrar com o missionário e que lhe oferece o seu coração para que o missionário possa viver segundo a sua proteção e a sua confiança «Na vivência da sua consagração o Comboniano toma Maria por modelo e entrega-se com confiança a ela. [...]É Ela a serva do Senhor que na fé repete incessantemente a própria disponibilidade»³²⁹. Com isto, compreendemos que Ela deve ser o ponto de encontro máximo do missionário, porque Ela testemunha o “sim” da aceitação da missão de Deus para Ela ser a Mãe do Redentor. Surge assim deste modo um encontro na relação do sim, pois, o missionário ao dizer sim, relaciona-se na fé com Maria.

As constituições e Regras de 1895 já falavam de que a congregação se deveria chamar “Filhos do Coração de Jesus” e, que a sua consagração deve ser ao Coração de Jesus, isto está também nas Constituições e Regras de 1924. Tudo isto vai continuar até aos dias de hoje a nossa maior consagração é ao Coração de Jesus, que acaba por imprimir no missionário o contexto místico vivido por Comboni. É importante saber, que apesar de apenas fazer esta referência é uma dimensão que continua ao longo dos tempos dentro do instituto. Podemos ver na regra de ida de 1979 que a continuidade da presença do Coração de Jesus no nome do instituto revela a fidelidade e continuidade na vivência do encontro místico com Ele³³⁰.

Segundo Padre Carmelo Casile «o Senhor Jesus atrai a si o missionário na Congregação Comboniana, fazendo-o participar de modo particular no dinamismo do seu

³²⁸MISSIONÁRIOS COMBONIANOS DO CORAÇÃO DE JESUS, *Regra de vida. Constituições e diretório geral*. Roma: Edição Além-Mar, 1988. Propositadamente passo apenas a citar o número correspondente. Regra de Vida n°s 24, 47.3 e 51.3.

³²⁹ Regra de vida 24.

³³⁰ Para isto basta ler os n°s 3, 3.1 e 3.2 da regra de vida.

Coração»³³¹. É um dinamismo próprio e concreto do missionário Comboniano, denotando que isto só o vai auxiliar a viver e a “saborear” todo o contexto místico que veio de Comboni. Por isso, há provocações manifestadas pelo Coração de Jesus, como, por exemplo, a viver e morrer segundo a lógica do dono³³².

Talvez seja por isso que há uma impressão no amor do Coração de Jesus, que acaba por exprimir uma dupla direção a do Padre e a do Irmão, porque cada um vive o carisma segundo não só o mandato do Senhor como também na vivência e na imagem do próprio Bom Pastor. O missionário deve-se assumir como o Bom pastor que guia as suas ovelhas e que por elas deve morrer se necessário. Esta dimensão de “martírio” é característica do missionário Comboniano e, que foi adquirido de Comboni.

O missionário tem de construir uma vida baseada no Coração de Jesus, que morreu também pelos negros e, também pela dimensão evangélica da Cruz, não no sentido de sofrer, mas no sentido da luta para a felicidade da Nigéria que foi e é de Comboni e, que continuamos a viver e a morrer por ela. De notar que «seguir a vocação para a missão comporta sofrimento e cruz»³³³, porque só assim é que se consegue descobrir o sentido máximo desta entrega espiritual e mística, um sofrer misericordioso pelo povo africano. É de notar que na regra de vida de 1979 encontramos estas etapas do itinerário de Comboni. Se falarmos em relação ao Coração de Jesus temos não só uma regra de vida que aponta para uma espiritualidade ao Coração de Jesus, como tão pontos concretos que se destacam deste contexto espiritual, tais como o ponto 1, 3 e 51.2. Destaca-se aqui o ponto número 3 que para mim, é o mais importante:

«O fundador encontrou no mistério do Coração de Jesus o impulso para o empenho missionário. O amor incondicional de Comboni aos povos da África tinha a sua origem e o

³³¹ Carmelo CASILE - *Consacrati a Dio per la missione nello spirito di Comboni*. Roma: Bibliotheca Comboniana, 2002, 297.

³³² Cf. Carmelo CASILE - *Consacrati a Dio per la missione nello spirito di Comboni*, 297.

³³³ CARMELO CASILE - *Consacrati a Dio per la missione nello spirito di Comboni*, 300.

seu modelo no amor salvífico do Bom Pastor, que ofereceu a sua vida na Cruz pela humanidade»³³⁴.

A partir deste número conseguimos compreender a dimensão da espiritualidade ao Coração de Jesus, que chega aos membros do instituto de forma clara aludindo ao encontro e a vivência dessa vocação missionária apoiada sempre no Coração de Jesus.

Na regra de vida encontramos também pontos referidos à cruz tais como 4, 21.2, 22, 58.3, sendo que o mais característico é o 4 em que faz referência direta à vivência da cruz nos sofrimentos quotidianos.

Por fim podemos ver também na *ratio fundamentalis* há a presença de alguns pontos fundamentais do itinerário espiritual, que são: S. José, Coração de Jesus, Confiança em Deus e Maria. Apesar de não ter desenvolvido muito a presença de S. José no itinerário espiritual de Comboni é um facto que ele existe no seu itinerário e, que ocupa um lugar de relevo. Segundo a *ratio fundamentalis* Comboni considerava José como um Homem justo e fiel por isso também confia a Nigrícia à sua proteção sendo venerado como modelo de entrega ao trabalho e um cooperador de Deus na transformação do mundo³³⁵. Penso que S. José³³⁶ torna-se modelo de trabalho na vida de Comboni.

No que toca ao Coração de Jesus, segundo a *ratio fundamentalis* é como fonte para «todo o ardor missionário e a origem e modelo para o seu amor incondicional pelos povos de África»³³⁷. Tudo isto nos indica uma espiritualidade ligada à Cruz, que Comboni vive e transmite aos seus missionários é como um encontro que se vive entre o Coração de Jesus e a Cruz.

³³⁴ Regra de Vida Nº 3 .

³³⁵ MISSIONÁRIOS COMBONIANOS DO CORAÇÃO DE JESUS - *Ratio Fundamentalis Institutionis et Studiorum*. Roma: Edição Além-Mar, 2016. Propositadamente passo a citar o número correspondente. *Ratio Fundamentalis* nº 62.

³³⁶ Basta ver a importância que lhe é dada mesmo na regra de vida. regra de vida nº 51.4.

³³⁷ *Ratio Fundamentalis* nº 55.

No que toca ao ponto da confiança em Deus destaca-se a dimensão da vontade de Deus, pois é pela incerteza que ele chega à esfera da confiança. Para ele toda a sua obra era um encontro na incerteza que se transforma numa confiança total à vontade de Deus. No *ratio fundamentalis* essa confiança aparece para colocar o missionário na esfera da mesma confiança, porque nos momentos mais difíceis é o encontro com Deus nesta confiança que ajudará o missionário a viver a sua vocação. Também podemos ver, na *ratio fundamentalis*, a referência a Maria como modelo do missionário. Ela não só aparece desde a primeira viagem de Comboni a África (1857), como é um “remédio” espiritual para todo o missionário³³⁸.

³³⁸ Cf. *Ratio Fundamentalis* nº 60 e 61.

Conclusão

No início desta dissertação propôs-se fazer uma contextualização histórica do século XIX nas dimensões políticas, sociais e até religiosas. Conseguimos compreender, que toda a dimensão religiosa da época foi marcada por ações políticas que influenciaram negativamente a sociedade da época.

É de notar, que depois de um estudo exaustivo compreendi, que a ação de Daniel Comboni, no seu amor espiritual por África, foi uma tentativa de dar ao povo africano a liberdade de ação, pensamento e vivência. Em Comboni, como pudemos constatar, há uma ação orientada para um fim, a libertação da escravidão. Comboni pode ser encarado como o S. Paulo da época contemporânea. Constatamos que ele não se preocupou em apenas salvar o povo africano, da escravidão, da fome, da morte, mas a fazer dele um exemplo e um povo de Deus. Segundo ele, o povo africano é também filho de Deus, numa época em que eles não eram considerados dignos de direitos, Comboni veio questionar esse estigma e, acabou por colocar África “no mapa” das potências europeias, que depois de abolida a escravatura se versaram para o continente africano com outros olhos. Não obstante, é necessário compreender, que a conferência de Berlim (1884-1885), não apenas ficou marcada pela regulamentação da liberdade de comércio no Congo, como também pela ocupação de territórios na costa ocidental de África. Tudo isto, veio a motivar uma série de ações, que, no fundo não ajudaram à construção de uma sociedade mais justa. Compreender a dimensão do amor de Comboni é, não só ir à procura de motivações sociais e políticas, mas é sobretudo compreender a sua dimensão espiritual. A partir dos textos dos escritos de Comboni conseguimos ver um homem de fé, uma fé que o coloca a caminho, uma fé que o transforma e, que acima de tudo o deixa em “êxtase” por amor espiritual por uma terra sofrida. Sabemos, que o século XIX foi marcado por um grande passo na Igreja na sua dimensão missionária, não só temos Papas que escrevem e apoiam

isso, mas também temos padres e bispos que se empenham vivamente nessa atividade missionária da Igreja. Não se pode dizer, que há uma única espiritualidade missionária em Daniel Comboni, mas sim há uma espiritualidade missionária própria e que é construída consoante o seu olhar para os povos africanos.

Em Comboni encontramos uma espiritualidade que é simultaneamente própria da sua época como muito específica e construída pelo próprio. Nele compreendemos que o seu olhar teológico para as devoções da época, é um olhar performativo, ou seja, Comboni não olha apenas para a dimensão teológica de uma determinada devoção, mas constrói essa devoção à luz da sua vida. O abandono a si, é um exemplo disso, Comboni não olha apenas no sentido teológico, mas também no sentido espiritual, ao deixar a sua família deixa-a com um sentido e versa esse sentido na sua vida e na sua relação com Deus. Ao deixar-se a si para ir ao encontro do povo africano, Comboni demarca na sua vida esta dimensão performativa que o auxilia à construção de uma identidade própria.

A vitalidade espiritual de Comboni cresce na medida em que ele faz da sua vida uma espiritualidade própria. Talvez seja por isso que “África é o seu amor espiritual”, porque Comboni coloca nela o seu grande amor. O seu grito espiritual “*Nigrícia ou Morte*” é uma declaração amorosa, que se transforma na sua dimensão mística mais profunda, porque esta mística muda o sentido da vida de Comboni e o coloca no mar de amor que o conduz a África. A sua entrega total a África é um desejo carnal e teológico, que o desafia ao encontro místico neste amor. Nele vemos uma sensibilidade esponsal entre ele e África, é como se nele se realiza o mistério mais profundo entre Cristo e a Igreja, por isso podemos dizer que esta doação total de Comboni a África é um amor esponsal, que brota do coração trespassado de Cristo o Bom Pastor.

Cristo ocupa no seu coração o seu maior guia. Cada trecho dos seus escritos constitui um poema da espiritualidade. Compreendemos, a partir dos seus escritos que há

um caminho, por isso Comboni pode ser percebido como um místico, porque «o místico é aquele que descobre que não pode deixar de caminhar»³³⁹, não por que haja na sua vida uma dimensão provisória, mas que se complementa a cada passo. Há um caminho que ele faz e, que brota de Cristo. Nos seus escritos as despedidas são expressas como teológicas, espirituais e místicas, porque contemplamos este caminho em direção à mística. Assim, pode-se definir Comboni como um homem que caminha, peregrino na fé, e que encontra o seu horizonte no Coração de Jesus, nomeadamente na sua dimensão misericordiosa.

O Coração de Jesus, em Comboni, é o “clímax” do seu caminho espiritual. É aqui que encontramos a passagem do contexto teológico-espiritual-místico. Isto deve-se ao facto de Comboni ser um homem com sede, não uma sede de água, mas uma sede da água de Deus.

Quando Comboni invoca o Coração de Jesus dá-lhe já a sua marca performativa, para que este seja capaz de o auxiliar na construção do seu amor, do seu instituto e do seu plano para a regeneração de África. Ele ocupa o lugar central da vida de Comboni, o Coração de Jesus representa, para ele, todas as pessoas que sofrem por injustiça e, que pela graça de Deus são amados e salvos. Colocar o Coração de Jesus acima da sua dimensão espiritual é, colocar Comboni na dimensão mística. Para ele, o auxílio do Coração de Jesus é um “remédio” para as dores espirituais, para que ele seja capaz de combater a dor e a mágoa em momentos difíceis e, é nestes momentos difíceis que surge a dimensão mística do Coração de Jesus. Ao chegar aqui, compreendemos que não é a parte carnal de Comboni que age, mas é a sua dimensão mística que age, luta e vive.

Por isso, podemos concluir, que em Comboni há uma dimensão performativa que implica o “todo” de Comboni, um “todo” que se deixa levar e guiar, que se deixa

³³⁹ José Tolentino MENDONÇA - *“A mística do instante”*. Lisboa: Edições Paulinas, 2014, 42.

construir, que acima de tudo, que se deixa tocar pela mão de Deus, porque a mística não é apenas uma etapa na vida espiritual de alguém, mas é o “clímax” pessoal que acontece na vida dele e, que o guia até ao Pai. Este amor esponsal entre ele e África é um amor sem fronteiras e, que lhe toca num coração ferido pela injustiça e, que se deixa consular por este Coração de Jesus, onde Dele brota o amor misericordioso capaz de auxiliar o crente na sua vida espiritual até à sua etapa de vivência mística.

Este trabalho termina a colocar uma nova proposta para trabalhos futuros, pois, há uma necessidade de compreender a ação de Comboni nos dias de hoje. Cada um é a medida de si mesmo, mas pode-se construir algo novo olhando-se para ação daquele que já partiu. O grande desafio deixado aqui é olhar para a vida deste apóstolo de África e, fazer com que ele toque na vida de cada Comboniano não esquecendo os ecos dos tempos contemporâneos que exigem uma ação mais empenhada e espiritual de cada missionário na sua ação.

Bibliografia

1. Magistério

GREGORIUS PP. XVI, Carta enc. *Mirari vos arbitramur* (15 agosto 1832): Acta Gregorii Papae XVI, I, 169-174. (Bibliografia retirada do próprio site do Vaticano, indicada sobre um asterisco).

LEO PP. XIII, *Annum Sacrum*, 25 de Maio de 1899 in AAS, vol. XXXI (1898-1899), pp. 646-651 (Bibliografia retirada do próprio site do Vaticano, indicada sobre um asterisco).

_____, *Enc. Rerum novarum* (15 de maio de 1891): Leonis XIII P. M. Acta, XI, Romae 1892, 97-144.

2. Sobre Comboni

AGASSO, Domenico - *Daniel Comboni Profeta de Africa*. Madrid: Editorial Mundo Negro, 1988.

CASILE, Carmelo - *Consacrati a Dio per la missione nello spirito di Comboni*. Roma: Bibliotheca Comboniana, 2002.

COMBONI, Daniel - *Escritos*. Lisboa: Edições Além-Mar, 2003.

FURIOLI, Antonio - *La Spiritualità*. Brescia: Editrice Morcelliana, 1981.

GILLI, Aldo, CHIOCCHETTA, P. e GONZALEZ, F. - *A Mensagem de Daniel Comboni*. Lisboa: Editorial Além-Mar, 1984.

LOZANO, Juan Manuel - *Cristo tambien era Negro*. Madrid: Editorial Mundo Negro, 1988.

_____ - *Daniel Comboni misionero y profeta*. Madrid: Editorial Mundo Negro, 1995.

MISSIONÁRIOS COMBONIANOS DO CORAÇÃO DE JESUS - *Ratio Fundamentalis Institutionis et Studiorum*. Roma: Edição Além-Mar, 2016

- MISSIONÁRIOS COMBONIANOS DO CORAÇÃO DE JESUS, *Regra de vida. Constituições e diretório geral*. Roma: Edição Além-Mar, 1988.
- PIERLI, Francesco - *La personnalité de Comboni dans son développement historique: itinéraire spirituel, in Daniel Comboni profil historique-spirituel*. Roma: Missionaires Comboniens, 1982.
- _____ - *O Coração Trespasado do Bom Pastor*. Lisboa: Editorial Além-Mar, 1990.
- SÓRIO, Ézio - *A Paixão de Daniel. Um profeta para os jovens de hoje*. São Paulo: Edições Loyola, 1990.
- 3. Geral**
- BERSTEIN, Serge e MILZA, Pierre - *História do século XIX*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1997.
- BORRIELLO, Luigi, CROCE, Giovanna Della e SECONDIN, Bruno - *La spiritualità cristiana nell'età contemporanea*, Roma: Edizioni Borla, 1985.
- DICIONÁRIO de História universal online – <http://www.sohistoria.com.br/dicionario/popup.php?id=71> [acedido a 09-11-2017].
- ESPEJA, Jesús - *La Espiritualidad Cristiana*. Navarra: Editorial Verbo Divino, 1992.
- FERREIRA, António Matos - «O Religioso sob Suspeita e a Desconfiança do outro» in *Experiências à deriva. Paixões religiosas e psiquiatria na Europa – Séculos XV a XXI*. Lisboa: Ed. Cavalo de Ferro, 2013.
- _____ - «Espiritualidade», in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Lisboa: Circulo de Leitores, 2001, Vol. P-V Apêndice
- GAMARRA, Saturnino - *Teologia Espiritual*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1994.

- GUERRA, Augusto - *Situación Espiritual Contemporánea in Teología Espiritual: Reflexión cristiana sobre la praxis*. Madrid: Editorial de Espiritualidade, 1980.
- GUERRA, Santiago - *Ciencia Cristológica y Espiritualidad Cristocéntrica in Teología Espiritual: Reflexión cristiana sobre la praxis*. Madrid: Editorial de Espiritualidade, 1980.
- HAMON, Auguste - «Coeur (Sacré)», in *Dictionnaire de Spiritualité Ascétique et Mystique*. Paris: Ed. Beauchesne, 1953, Tomo II-A.
- JACOB, Ernst Gerhard - *Fundamentos da História de África*. Lisboa: Ed Aster, 1966.
- JERÓNIMO, Miguel Bandeira e DORES, Hugo Gonçalves, *As Missões do Império: Política e Religião no Império Colonial Português*, in JERÓNIMO, MIGUEL BANDEIRA (Org), *O Império Colonial em Questão (Sécs. XIX-XIX)*. Lisboa: Ed 70, 2012.
- KEITA, Boubacar N. - *História da África Negra*. Angola: Texto Editores, 2013.
- LA CRUZ, José Maria de, MOLINER, O.C.D. - *Historia de la Espiritualidad. A Espiritualidad Católica. Espiritualidades del Renacimiento, barroca e ilustrada, romântica y contemporânea*. Barcelona: Juan Flors Editor, 1969.
- LA PARRA, Emilio e PRADELLS, Jesús - *Iglesia, Sociedad y Estado en España, Francia e Italia (ss XVIII al XX)*. Alicante: Ed Instituto de Cultura “Juan Gil-Albert”, 1991.
- LABOA, Juan María - *Historia de la Iglesia IV: Época contemporânea*. Madrid: Ed Biblioteca de Autores Cristianos, 2002.
- LÓPEZ-GAY Jesús - "La Evangelización hoy: su proyección hacia el futuro" in "Congreso Internacional de História. Missionaço Portuguesa e Encontro de Culturas.

- MENDONÇA, José Tolentino- *A mística do instante*. Lisboa: Edições Paulinas, 2014.
- OLIVER, Roland e FAGE, J.D. - *Breve História de Africa*. Madrid: Alianza Editorial, 1972.
- PRUDHOMME Claude - " *Problématiques missionnaire catholiques du XIX siècle*" in " *Congresso Internacional de História. Missionaçã Portuguesa e Encontro de Culturas*". Braga: Ed. Universidade Católica Portuguesa, 1993, 132
- RIVERA, José e IRABURU, José Maria - *Síntesis de Espiritualidad católica*, Navarra: Fundación Gratis Date, 1999.
- ROMANO, Ruggiero - *Pequena História das Grandes Nações. História da Itália*. Lisboa: Ed Circulo de Leitores, 1980.
- SOLANO, Jesus - *Teologia y Vivencia del Culto al Corazon de Cristo*. Madrid: Editorial EDAPOR, 1979.
- TESSAROLO, A. - «Corazón de Jesús (devoción al)» in *Diccionario de Espiritualidad*. Barcelona: Editorial Herder, 1984, tomo I.
- TREVELYAN, G. M. - *Pequena História da Itália*. Lisboa: Ed Inquérito, 1941.
- TRINITÀ, Beniamino della - «Teología Espiritual» in *Diccionario de Espiritualidad*. Barcelona: Editorial Herder, 1984, tomo III
- VARILLON, François - *O Sofrimento de Deus*. Braga: Apostolado da Oraçã, 1996.